

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
LUCIMARA ALVES DA CONCEIÇÃO COSTA**

**ESTUDO LEXICAL DOS NOMES INDÍGENAS DAS REGIÕES DE
AQUIDAUANA, CORUMBÁ E MIRANDA NO ESTADO DE MATO
GROSSO DO SUL: A TOPONÍMIA RURAL**

**Três Lagoas - MS
2011**

LUCIMARA ALVES DA CONCEIÇÃO COSTA

**ESTUDO LEXICAL DOS NOMES INDÍGENAS DAS REGIÕES DE
AQUIDAUANA, CORUMBÁ E MIRANDA NO ESTADO DE MATO
GROSSO DO SUL: A TOPONÍMIA RURAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras/ Área de Concentração: Estudos Linguísticos do Câmpus de Três Lagoas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Letras.

**Orientadora: Prof^a. Dr^a. Vitória Regina Spanghero
Ferreira**

**Três Lagoas–MS
2011**

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª. Vitória Regina Spanghero Ferreira – orientadora- UFMS/CPTL

1º Examinador – Prof Dr Rogério Vicente Ferreira - UFMS/CPTL

2º Examinador – Profª Drª Mônica Veloso Borges – UFG

1º Suplente – Prof. Dr Edson Rosa Francisco de Souza - UFMS/CPTL

2º Suplente – Profª Drª Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick - USP

Três Lagoas, Fevereiro de 2011

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter me concedido sabedoria e discernimento necessários para o desenvolvimento desse trabalho.

Deixo também minha gratidão a todos que de uma maneira ou de outra envolveram-se efetivamente na construção dessa dissertação:

À minha família, especialmente minha mãe, pelo apoio e compreensão nos momentos de ausência;

À minha orientadora, Prof^a Dr^a Vitória Regina Spanghero Ferreira, pela orientação firme e cobranças constantes que, sem “passar a mão na cabeça”, motivou-me a superar obstáculos e buscar sempre o melhor resultado;

À CAPES, pela bolsa de estudo concedida durante o curso de Mestrado;

A todos os professores do Programa de Mestrado em Letras e, em especial, à Prof^a Dr^a Celina Aparecida Garcia de Souza Nascimento, ao Prof. Dr. Edson Rosa Francisco de Souza e à Prof^a Dr^a Mariana de Souza Garcia e ao Prof^o Dr^o Rogério Vicente Ferreira pelo empréstimo de materiais e auxílio nas dúvidas;

Aos meus amigos e companheiros de “uma vida”, que me incentivaram e tornaram possível a realização desse Mestrado: Tânia, Regina, Aléx, Patrícia, Ivani, Cristiane, Fernanda, Marinez, Renata, Fabiana, Cristina e Antônio José Sobrinho;

Aos meus amigos e companheiros de Mestrado pela ajuda, carinho e apoio nos momentos de angústia e solidão: Marta, Lilian, Nádia e Selma;

À amiga virtual Denise, que com experiência e bom senso me ajudou a compreender as diferenças e a respeitar opiniões;

À Secretaria do Programa de Pós-Graduação;

Enfim, a todos que tornaram possível a conclusão desse trabalho.

*Àqueles que compreenderam a ausência
e respeitaram as diferenças,
Que suportaram o estresse e constantes
oscilações de humor,
Que sonharam e lutaram comigo por um
mesmo ideal: minha família e meus
amigos!*

Prefácio

*Assim é que foram feitas
Todas as coisas sem nome.
Depois é que veio a harpa
e a fêmea em pé.
Insetos errados de cor caíam no mar.
A voz se estendeu na direção da boca.
Caranguejos apertavam mangues.
Vendo que havia na terra
dependimentos demais
e tarefas muitas
os homens começaram a roer as unhas.
Ficou certo pois não
que as moscas iriam iluminar
o silêncio das coisas anônimas.
Porém, vendo o homem
que as moscas não davam conta de
iluminar o silêncio das coisas anônimas-
passaram essa tarefa para os poetas.*

Manoel de Barros

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo realizar um estudo lexical dos nomes de origem indígena que configuram a Toponímia rural das regiões de Aquidauana, Corumbá e Miranda pertencentes à mesorregião dos Pantanaís Sul-Mato-Grossense. Inicialmente, nossa pesquisa foi realizada por meio de cartas topográficas na escala 1: 125.000 e Mapas Rurais estatísticos (MRU), disponibilizados pelo site do IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, criados no ano de 2007, para fins de recenseamento do Estado. Como método classificatório toponímico, recorreremos ao modelo taxionômico proposto por Dick (1990), no qual são apresentadas 27 categorias, divididas em 11 taxes de natureza física e de 16 taxes de natureza antropocultural. Para constatar a etimologia e definição dos termos, recorreremos à pesquisa bibliográfica como: vocabulários indígenas, dicionários bilíngues português/indígena e castelhano/indígena, dicionários da língua portuguesa como Houaiss & Vilar (2001) e Ferreira (2004), e também, a leitura de artigos e demais literaturas voltadas para a toponímia, especialmente à toponímia indígena. Procuramos, por meio da análise semântica dos termos selecionados, definir, apresentar a classificação, taxonomia e etimologia dos topônimos indígenas presentes no processo de nomeação dos acidentes físicos e humanos existentes na zona rural das regiões supracitadas. Como hipóteses para esse trabalho, consideramos o fato de que o grande número de aldeias indígenas no estado influencia diretamente na escolha dos topônimos, além do fato de acreditarmos que o princípio básico da nomeação dos acidentes físicos e humanos do estado, consiste na relação entre o homem e o meio, uma vez que o homem se apodera de elementos de seu *habitat*, especialmente da fauna e da flora, ao estabelecer o ato da designação toponímica. Com a análise dos dados verificamos que os fatores de natureza física, assim como os de natureza antro-po-cultural encontram-se intrinsecamente relacionados ao processo de designação toponímica, especialmente os de natureza física, comprovando a importância da fauna, da flora, dos cursos de água e do solo nesse ato de nomeação.

Palavras-chave: léxico; toponímia; língua indígena.

ABSTRACT

The objective of this work is to carry out a lexical study of names from indigenous origin that configure the Rural Toponymy from Aquidauana, Corumbá and Miranda's regions, which belong to medium-region from Pantanal, Mato Grosso do Sul. Firstly, our research was carried out through topographic letters in scale 1: 125,000 and statistic rural maps, supplied by IBGE (Brazilian Institute of Geography and Statistics) web site, created in 2007, to the census in that state. To the toponymic classificatory method, we ran over to the taxonomic model suggested by Dick (1990), which 27 categories are presented, that are divided in 11 taxis of physic nature and 16 taxis of anthropo-cultural nature. In order to prove the etymology and definition of terms, we ran over to bibliographic search like: indigenous vocabularies, bilingual dictionaries Portuguese / indigenous and Spanish / indigenous, dictionaries of Portuguese language like Houaiss & Vilar (2001) e Ferreira (2004), and also the reading of articles and other literatures about toponymy, specially indigenous toponymy. Through the semantic analysis we tried to define and show up classification, taxonomy and etymology of the indigenous toponyms that are present in the nomination process of the human and physical accidents existent in the rural area of the regions mentioned. We considered like hypothesis to this work the fact that the great number of Indian settlement in this state influences the toponym choice directly, besides we believe that the basic principle of human and physic nomination in this state consists in the relation between man and environment, since for man seizes upon of elements from his habitat, specially fauna and flora, when he establishes the act of toponymic designation. With the analysis of data we verify that the physic nature factors beside the anthropo-cultural nature, are intrinsically related to the process of toponymic designation, specially those ones of physic nature, proving the importance of fauna, flora, water and soil courses in this nomination act.

Key-words: lexicon; toponymy; indigenous language.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo realizar un estudio lexical de los nombres de origen indígena que configuran la Toponimia Rural de las regiones de Aquidauana, Corumbá y Miranda, que pertenecen a la mesorregión de los Pantanales de Mato Grosso do Sul. Inicialmente, nuestra investigación fue realizada a través de cartas topográficas en la escala 1: 125.000 y Mapas Rurales estadísticos (MRU), disponibilizados por el sitio web del IBGE- Instituto Brasileño de Geografía y Estadística, creados en el año de 2007, para fines de recenseamiento del Estado. Como método clasificatorio toponímico, recorrimos al modelo taxionómico propuesto por Dick (1990), en el cual son presentadas 27 categorías, divididas en 11 taxones de naturaleza física y de 16 taxones de naturaleza antropocultural. Para constatar la etimología y definición de los dos términos, recorrimos a la investigación bibliográfica como: vocabularios indígenas, diccionarios bilingües portugués/indígena y castellano/indígena, diccionarios de la lengua portuguesa como Houaiss & Vilar (2001) y Ferreira (2004), y también, la lectura de artículos y demás literaturas relacionadas a la toponimia, especialmente la toponimia indígena. Buscamos, por medio del análisis semántico de los términos seleccionados, definir, presentar la clasificación, taxonomía y etimología de los topónimos indígenas presentes en el proceso de nombramiento de los accidentes físicos y humanos existentes en la zona rural de las regiones citadas. Como hipótesis para ese trabajo, consideramos el hecho de que el gran número de aldeas indígenas en el estado influye directamente en la elección de los topónimos, sin contar el hecho de creemos que el principio básico del nombramiento de los accidentes físicos y humanos del estado, consiste en la relación entre el hombre y el medio, una vez que el hombre se apodera de elementos de su *habitat*, especialmente de la fauna y de la flora, al establecer el acto de la designación toponímica. Con el análisis de los datos verificamos que los factores de naturaleza física, así como los de naturaleza antropocultural se encuentran intrínsecamente relacionados al proceso de designación toponímica, especialmente los de naturaleza física, comprobando la importancia de la fauna, de la flora, de los cursos de agua y del suelo en ese acto de nombramiento.

Palabras clave: léxico; toponimia; lengua indígena.

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1 – Modelo de ficha lexicográfico-toponímica- Dick (2004).....	42
Quadro 2 – Modelo de ficha lexicográfico-toponímica adaptada.....	43
Quadro 3 – <i>Corpus</i> selecionado.....	44
Quadro 4 – Topônimos híbridos: indígena/português.....	49
Quadro 5 – Localização das terras indígenas de Mato Grosso do Sul.....	67
Quadro 6 – Quantificação dos acidentes físicos e humanos.....	175
Quadro 7 – Quantificação dos topônimos de natureza física.....	279
Quadro 8 - Quantificação dos topônimos de natureza antropocultural.....	181

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Acidentes físicos e humanos.....	175
Gráfico 2 – Topônimos indígenas e híbridos.....	176
Gráfico 3 – Topônimos de natureza física da região de Aquidauana.....	177
Gráfico 4 – Topônimos de natureza física da região de Corumbá.....	178
Gráfico 5 – Topônimos de natureza física da região de Miranda.....	178
Gráfico 6 – Topônimos de natureza antro-po-cultural da região de Aquidauana.....	179
Gráfico 7 – Topônimos de natureza antro-po-cultural da região de Corumbá.....	180
Gráfico 8 – Topônimos de natureza antro-po-cultural da região de Miranda.....	180
Gráfico 9 – Taxonomia mais produtiva nas três regiões.....	181
Gráfico 10 – Etimologia dos topônimos.....	185
Gráfico 11 – Percentual da etimologia dos topônimos.....	185

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AF.....	Acidentes Físicos
AH.....	Acidentes Humanos
ATEMS.....	Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul
ALIB.....	Atlas Linguístico do Brasil
EMBRAPA.....	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
FUNAI.....	Fundação Nacional do Índio
GEL.....	Grupo de Estudos Linguísticos
IBGE.....	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ISA.....	Instituto Socioambiental
MRU.....	Mapas Rurais Estatísticos
PB.....	Português Brasileiro
SIL.....	Sociedade Internacional de Linguística
UFTO	Universidade Federal de Tocantins

TAXONOMIAS

Animo ou nono	Animotopônimo Ou nonotopônimo	Geo	Geomorfotopônimo
Antropo	Antropotopônimo	Hidro	Hidrotopônimo
Astro	Astrotopônimo	Hiero	Hierotopônimo
Axio	Axiotopônimo	Historio	Historiotopônimo
Cardino	Cardinotopônimo	Hodo	Hodotopônimo
Coro	Corotopônimo	Lito	Litotopônimo
Cromo	Cromotopônimo	Metereo	Metereotopônimo
Crono	Cronotopônimo	Mito	Mitotopônimo
Dimen	Dimensiotopônimo	Morfo	Morfotopônimo
Dirrema	Dirrematopônimo	Número	Numerotopônimo
Eco	Ecotopônimo	Polio	Poliotopônimo
Ergo	Ergotopônimo	Socio	Sociotopônimo
Etno	Etnotopônimo	Soma	Somatopônimo
Fito	Fitotopônimo	Zoo	Zootopônimo

LISTA DE ANEXOS

1. Mapa do Estado de Mato Grosso do Sul.....	201
2. Mapa das regiões pesquisadas.....	202
3. Terras indígenas no Brasil.....	203
4. Povos indígenas no Brasil I.....	204
5. Povos indígenas no Brasil II.....	205
6. A ocupação do território brasileiro.....	206
7. O processo de ocupação indígena em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.....	207
8. Distribuição do tronco linguístico Tupi.....	208
9 Expansão dos grupos tupis.....	209
10. A presença guarani.....	210
11. Línguas indígenas faladas no Brasil.....	211
12. Quadro geral com as línguas indígenas do Brasil.....	212
13. Proto-tupi.....	218
14. Família Tupi-Guarani.....	219
15. Mapas digitais-MRU: Aquidauana, Corumbá e Miranda.....	220

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
I FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	18
1.1 Léxico, língua e cultura.....	18
1.2 Surgimento e evolução dos estudos toponímicos.....	21
1.3 Retrospecto da toponímia no Brasil.....	27
1.4 Considerações sobre a toponímia indígena brasileira.....	29
II PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	36
2.1 Arcabouço teórico.....	36
2.1.1 Taxonomias de natureza física.....	36
2.1.2 Taxonomias de natureza antropocultural.....	38
2.2. Metodologia de pesquisa.....	39
2.3 Levantamento do <i>corpus</i>	44
III O ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL: CONSTITUIÇÃO POLÍTICA E HISTÓRICO-GEOGRÁFICA.....	51
3.1 Panorama histórico social do Estado de Mato Grosso do Sul.....	51
3.2 A Guerra do Paraguai.....	54
3.3 O ciclo da erva-mate e a Companhia Mate Laranjeira.....	56
3.4 A Divisão do Estado.....	58
3.5 O processo de povoamento de Mato Grosso do Sul: a presença indígena.....	58
3.6. Aspectos geográficos e históricos da mesorregião dos Pantaneais Sul Mato-Grossenses.....	61
3.6.1 O Pantanal Sul - Mato-Grossense.....	61
3.6.2 A cidade de Aquidauana: da procura à fundação.....	61
3.6.3 O processo de povoamento em Aquidauana: os imigrantes.....	62
3.6.4 O município de Corumbá.....	63
3.6.5 O município de Miranda.....	65
3.6.6 A ocupação indígena em Miranda e Aquidauana.....	66

IV APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	70
4.1 Análise introdutória.....	70
4.2 Fichas lexicográfico-toponímicas: municípios de Aquidauana, Corumbá e Miranda.....	73
4.3 Quantificação e classificação dos topônimos por região.....	174
 V ANÁLISE DOS RESULTADOS OBTIDOS.....	 177
5.1 Quanto à natureza dos topônimos.....	177
5.2 Quanto às taxonomias.....	181
5.3 Quanto à origem dos topônimos.....	184
5.4 Quanto ao significado dos topônimos registrados.....	187
 CONCLUSÕES.....	 190
REFERÊNCIAS	193
ANEXOS.....	200
 ÍNDICE REMISSIVO DOS TOPÔNIMOS.....	 221

INTRODUÇÃO

Ao atentarmos sobre a prática da nomeação, é necessário, antes de tudo, considerar que esse processo se constitui na relação entre ambiente, cultura e vida de um povo. Dick (1990, p. 5) ressalta que a nomeação dos lugares é uma prática exercida pelo homem desde os primeiros tempos alcançados pela memória humana, uma vez que essa simples ação proporcionava àquele não apenas um maior contato com o acidente nomeado, mas também uma inegável relação de posse entre possuidor e objeto nominado. Como exemplo desse ato designativo, Dick aponta a Bíblia, que traz em seus livros uma coletânea de nomes ligados a seus possuidores por uma relação histórica e cultural. Foi assim que passamos a ter conhecimento de nomes de acidentes físicos, como Mar Vermelho, ou nomes de entidades religiosas, como Jesus e Maria. Nesse constante processo de nomeação, surgiram ruas com nomes de personalidades históricas, rios relacionados a nomes de animais ou vegetais e cidades relacionadas a etnias indígenas, entre outros.

Entretanto, em virtude da curiosidade humana e da constante evolução científica, o homem passou a refletir sobre esse sistema de designação, sentindo então a necessidade de estudar esse processo tão comum e ao mesmo tempo ignorado como objeto de estudo. Foi nesse contexto que surgiu a Toponímia, criada primeiramente na Europa, mais particularmente na França, com o objetivo de estudar os topônimos dos acidentes físicos e humanos de uma região.

Nesse sentido, a proposta de nossa pesquisa é realizar um estudo lexical dos nomes de origem indígena que configuram a toponímia rural dos municípios de Aquidauana, Corumbá e Miranda, que fazem parte da mesorregião do pantanal sul-mato-grossense, buscando ressaltar, por meio do estudo desses topônimos, a importância das línguas indígenas no processo de nomeação dos acidentes físicos e humanos, especialmente os do estado de Mato Grosso do Sul, que abriga um grande número de povos indígenas, além do fato de esses indígenas terem tido efetiva participação no processo de povoamento do estado.

Entretanto, convém ressaltar que a escolha desses municípios para pesquisa, sendo dois deles (Aquidauana e Miranda) pertencentes à microrregião de Aquidauana e um deles (Corumbá) localizado no Baixo Pantanal, pautou-se, principalmente, na proximidade geográfica entre essas regiões e no número considerável de etnias indígenas habitantes dessa área.

Considerando o exposto, visamos, por meio desta pesquisa:

a) Realizar um levantamento dos topônimos indígenas que designam os acidentes físicos e humanos presentes na zona rural das regiões anteriormente mencionadas, por meio de cartas topográficas na escala 1: 125.000, disponibilizadas pelo IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; mapas físicos, políticos, de relevo e bacias hidrográficas do estado de Mato Grosso do Sul, mapas municipais estatísticos dos municípios estudados, e mapas rurais estatísticos (MRU) disponíveis no site do IBGE, criados em 2007 a fim de recenseamento do estado;

b) Destacar e classificar os topônimos coletados de acordo com o modelo classificatório toponímico proposto por Dick (1990);

c) Apresentar o significado e a etimologia dos topônimos levantados;

d) Investigar a provável motivação toponímica desses designativos, buscando justificar a influência das línguas indígenas no processo de designação toponímica.

No decorrer de nosso trabalho, procuramos comprovar as seguintes hipóteses:

a) O fato de existir um grande número de aldeias no estado influencia diretamente na escolha dos topônimos que nomeiam os acidentes físicos e humanos das regiões analisadas;

b) O princípio básico da nomeação dos acidentes físicos e humanos consiste na relação entre o homem e o meio, pois o homem apodera-se de elementos de seu *habitat*, especialmente da fauna e da flora, ao estabelecer o ato da nomeação;

c) Alguns topônimos teriam passado por um processo de renomeação ao longo dos anos e, dessa forma, não conservam mais o nome original recebido no ato da primeira nomeação;

d) É possível que grande parte dos topônimos encontrados na região pesquisada originem-se das etnias que habitam a região e não do tupi, da forma como apontam outros trabalhos toponímicos com enfoque indígena.

Estruturalmente, nosso trabalho divide-se em cinco capítulos. No primeiro, apresentamos os pressupostos teóricos que nortearam a nossa pesquisa: as considerações sobre o léxico, o surgimento e a evolução dos estudos toponímicos, bem como a formação e os principais aspectos da toponímia brasileira, particularmente da toponímia indígena, e os estudos realizados nesse sentido. No segundo, explicamos os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento de nossa pesquisa e o *corpus* selecionado para a análise. No terceiro, apresentamos os principais acontecimentos que envolveram a história da criação e desenvolvimento do estado de Mato Grosso do Sul, das regiões focalizadas em nosso trabalho e também o processo de povoamento indígena ocorrido nessas regiões. O quarto

capítulo apresenta as considerações lexicográficas necessárias para a análise dos dados selecionados e apresentados por meio de fichas lexicográfico-toponímicas. Neste capítulo, disponibilizamos também a quantificação e classificação dos topônimos analisados por meio das fichas, evidenciando os acidentes físicos e humanos e os termos híbridos e indígenas. Os resultados obtidos por meio da análise realizada no capítulo precedente e a discussão desses resultados – quanto à natureza dos topônimos (de natureza física e de natureza antropocultural); quanto às taxonomias (as taxas dos dados apresentados e a categoria mais recorrente); quanto à origem dos topônimos (classificação dos termos analisados de acordo com sua etimologia em nomes de origem tupi, guarani, tupi-guarani, terena ou kadiwéu); quanto ao significado (a provável motivação toponímica dessas designações), constituem o quinto capítulo.

CAPÍTULO 1

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo tem por objetivo apresentar os pressupostos teóricos que norteiam a pesquisa toponímica. Para tanto, fazemos inicialmente sucintas considerações sobre o léxico para depois abordar o surgimento e a evolução dos estudos toponímicos, bem como a formação e os principais aspectos da toponímia brasileira, com especial atenção à toponímia indígena e os estudos realizados nesse sentido.

1.1 Léxico, língua e cultura

Refletir sobre a relação entre léxico, língua e cultura é aceitar que, ao exercer o ato da comunicação, o ser humano apropria-se de muito mais que um simples acervo lexical. É por meio do processo de interação propiciado pela linguagem que o homem exterioriza suas crenças, cultura e relação com o meio, esse último visto não apenas como um conjunto de fatos ambientais, mas também como relacionado a fatos históricos e sociais.

Segundo Biderman (2001, p.32), “movido por estímulos exteriores e interiores, o indivíduo é levado a comunicar-se, utilizando o instrumento coletivo de comunicação e expressão: a língua”. Dessa forma, a língua funciona como a ferramenta essencial para a interação entre o homem e o mundo.

Para Basílio (2009, p. 9), a língua é, de certa forma, um sistema de classificação e de comunicação, pois, conforme aponta a autora, antes de comunicar precisamos, primeiramente, identificar, caracterizar e classificar as coisas de que desejamos falar. Assim, o papel do léxico relaciona-se diretamente a essa dupla função da língua, uma vez que

o léxico é uma espécie de banco de dados previamente classificados, um depósito de elementos de designação [...]. O léxico, portanto, categoriza as coisas sobre as quais queremos nos comunicar, fornecendo as unidades de designação, as palavras, que utilizamos na construção de enunciados (*op cit*, p. 9)¹.

¹ Idem.

De acordo com Carvalho (2009), o léxico traz imbuído em seu âmago o significado de vocabulário, enquanto depositário das palavras de uma língua, que são utilizadas em situação de identificação e comunicação em uma dada comunidade. Assim, consoante a autora:

léxico (do grego *lexicon*), em sentido lato, é sinônimo de vocabulário. É o inventário completo dos vocábulos que constam sempre em dicionários de uma língua. Sendo a menos sistemática das estruturas linguísticas, o léxico depende, em grande parte, da realidade exterior, não linguística. É ainda um conjunto virtual, onde se pode identificar como unidade básica o morfema, ou unidade significativa mínima (CARVALHO, 2009, p. 19).

Seguindo esse raciocínio, reportamo-nos a Vilela (1997), para quem o léxico seria uma forma de codificar a realidade extralinguística de forma a facilitar e propiciar o ato da comunicação, pois

o léxico é, numa perspectiva cognitivo-representativa, a codificação da realidade extralinguística interiorizada no saber de uma dada comunidade linguística. Ou, numa perspectiva comunicativa, é o conjunto das palavras por meio das quais os membros de uma dada comunidade linguística comunicam-se entre si. Tanto na perspectiva da cognição-representação como na perspectiva comunicativa, trata-se sempre da codificação de um saber partilhado (=shared knowledge) (VILELA, 1997, p.31).

Sapir (1969) ressalta, entretanto, que léxico e cultura relacionam-se diretamente, uma vez que é na língua que se reflete o ambiente físico e social de um povo. Nesse sentido, “o léxico completo de uma língua pode se considerar, na verdade, como o completo inventário de todas as idéias, interesses e ocupações que açambarcam a atenção da comunidade” (*op cit*, p.45)². Segundo o autor, isso se fundamenta, em especial, quando tratamos das línguas indígenas e acrescenta que:

se houvesse à nossa disposição um tesouro assim cabal da língua de uma dada tribo, poderíamos aí inferir, em grande parte, o caráter do ambiente físico e as características culturais do povo considerado. Não é difícil encontrar exemplos de línguas cujo léxico traz assim o sinete do ambiente físico em que se acham situados os seus falantes³

² Idem.

³ Ibidem

Nesse sentido, Nida (1985, p. 79) defende que “a linguagem não é apenas uma parte da atividade humana. É o aspecto mais característico do comportamento humano e o uso de línguas distintas é certamente o mais óbvio aspecto que distingue as culturas humanas”. Como exemplo dessa distinção, o autor aponta a forma como os quechuas entendiam e explicavam a palavra “ano”:

A palavra “ano”, para os quechuas, significa, literalmente, “amarrar o sol”. Não se pode entender este caso linguístico sem se entender a sua cultura. Acontece que os quechuas usavam uma série de cordas coloridas para registrar fatos e acontecimentos, e uma dessas cordas, a do sol, servia para marcar os anos. No final da contagem, eles davam um nó naquela corda, para indicar que mais um ano havia se passado (NIDA, 1985, p. 78, grifo do autor)

Para Biderman (2001), o léxico relaciona-se ao processo de nomeação e percepção da realidade, pois é a forma mais usual de o ser humano registrar seu conhecimento sobre o universo, visto que, ao nomear os seres e objetos que o cercam, o homem os classifica e, ao mesmo tempo, identifica-os e caracteriza-os. Segundo a autora, a partir do momento em que passou a identificar as semelhanças e diferenças entre esses seres e discriminar os traços distintivos que permitem a identificação e individualização desses objetos, o homem começou a estruturar o mundo que o circunda, e foi esse frequente processo de nomeação que deu origem ao léxico das línguas naturais, uma vez que o ato nomeativo propicia ao indivíduo uma melhor apropriação da realidade e uma melhor reflexão sobre ela.

A respeito disso, Solis Fonseca (1997, p. 22) aponta que o topônimo é o meio que o homem emprega para humanizar a paisagem como parte de sua relação com seu ambiente geográfico. Colocar nomes é um meio de introduzir uma ordem humana à paisagem⁴.

Dessa forma, acreditamos que esse processo designativo e a necessidade de melhor refletir sobre ele foi o que impulsionou o surgimento da Toponímia, como ciência.

⁴ *Un nombre toponímico es un medio que utiliza el hombre para humanizar el paisaje como parte de su relación con su ambiente geográfico. Poner nombres es parte de un proceso de introducir un orden humano en el paisaje.*

1.2 Surgimento e evolução dos estudos toponímicos

Ao observar a relação binômica homem e ambiente, constatamos que o ato da nomeação sempre foi uma atividade inerente à condição humana, pois “a necessidade de referir-se a um ponto geográfico de uma maneira que não seja ambígua, nos obriga a nomeá-lo⁵”. (SOLIS FONSECA, 1997, p. 22). A Bíblia Sagrada dá um exemplo da necessidade e importância do ato designativo ao afirmar que a primeira tarefa dada por Deus ao homem foi nomear toda a criação:

O senhor Deus da terra formou todos os animais do campo e todas as aves do céu, e os trouxe ao homem para ver como lhes chamaria; e tudo o que o homem chamou ao ser vivente, esse foi seu nome. O homem deu nomes a todos os animais domésticos, às aves do céu e a todos os animais do campo (Gênesis 2.19-20 - ALMEIDA, 1965)

Nesse sentido, o processo de nomeação tornou-se um importante mecanismo para que o homem pudesse organizar e controlar o mundo, a fim de facilitar sua socialização e, conseqüentemente, possibilitar um melhor conhecimento da realidade que o rodeia, utilizando quase sempre o próprio ambiente como forma de motivação desse ato.

Esse mecanismo de apropriação tornou-se atividade comum, especialmente no que diz respeito às etnias indígenas, nas quais se recorre constantemente a elementos do ambiente, como a fauna e a flora, para nomear os acidentes físicos e humanos de uma região. Sampaio (1987) assim explica essa relação:

O indígena fazia uso, globalmente, de elementos descritivos do seu ambiente e, [...] não apenas dos descritivos puros, mas também dos descritivos associativos porque é portador de uma visão prática e objetiva. [...] Assim, os diversos sistemas toponímicos apresentam expressões que significam, em seu universo onomástico, o mesmo fato, ou traduzem uma condição semelhante (SAMPAIO, 1987, p.8).

A respeito dessa afirmação, Dick (1990, p 41) destaca que, “quando Sampaio fala em nomes descritivos deve fazê-lo não apenas voltando-se para as cargas naturais e permanentes [...] que transformam o topônimo em um espécime simbólico ideal”, ou seja, o

⁵ *La necesidad de referirse a un punto geográfico de una manera no ambigua obliga a nominarlo.*

topônimo não é sempre a representação ideal do que se deseja exprimir, nem um símbolo dessa representação, uma vez que, além dos descritivos puros, há os descritivos associativos, como os fatos temporários e circunstanciais que identificam um dado lugar ou acidente, traços esses que, mesmo não sendo ligados diretamente aos aspectos descritivos, não são menos importantes para o processo designativo desses acidentes. A autora exemplifica sua posição ao ressaltar a influência da fauna e da flora como forma de motivação toponímica:

É o caso da vegetação brasileira, que contribuiu com tantos nomes para a toponímia fitonímica, ou dos próprios animais que, independente de um determinado espaço, definido como habitat próprio, o distinguem pela sua presença, isolada ou em bandos (DICK, 1990, p. 41).

Ainda sobre a relação homem-língua-ambiente, Sapir (1969, p.43-44) declara ser importante se ter em mente que, apesar de haver uma forte tendência a reduzir todas as manifestações de vida e do pensamento humano às influências do ambiente, isso nem sempre corresponde à realidade, uma vez que o processo de atribuição de nomes pode resultar de várias motivações que nem sempre são físicas. Elas podem estar relacionadas aos fatos históricos ou culturais de acordo com as especificações da comunidade na qual estão inseridas e também com a natureza dos acidentes que nomeiam.

Seguindo esse raciocínio, retomamos a Solis Fonseca (1997, p. 22) e sua afirmação de que, a maior parte dos topônimos surge de maneira espontânea, porém outros topônimos surgem de atos fundacionais, dados por fundadores, muitas vezes em eventos formais, nos quais podem estar inclusos documentos oficiais⁶. Como exemplo dessas motivações, podemos citar os nomes de ruas que retomam acontecimentos ou personalidades marcantes da história e topônimos que retratam aspectos culturais de um povo.

Esses nomes só podem ser compreendidos mediante um estudo mais aprofundado que considere a história e a transformação desse topônimo no decorrer do tempo e também no contexto que originou sua criação e que justifica seu uso. Para Dick (2001, p. 79), a relação entre nome e objeto nomeado fundamenta-se da seguinte forma:

⁶ *La mayor parte de los topónimos surge de esta necesidad espontánea. Otros topónimos surgen de actos fundacionales, daos por los fundadores, muchas veces en eventos fundacionales de los cuales incluso pueden quedar documentos.*

A fixação das bases lexicais para definir lugares ou identidades pessoais dispensa, muitas vezes, a necessidade de se situar o objeto em um plano efetivo de representação [...] É o simbolismo das formas lingüísticas que transforma nomes em lugares existenciais e indivíduos em personalidades sociais. A configuração de um local só acontece a partir do nome [...].

Essa preocupação com o estudo do processo de nomeação e da relação entre o topônimo e o acidente por ele designado, deu origem à Toponímia que, de acordo com Solís Fonseca (1997, p.15), “[...] é uma disciplina que estuda os nomes de lugares ou topônimos [...]. Faz parte da Onomástica⁷”.

Ullmann (1964) também aponta que a Toponímia é, na verdade, um ramo da Onomástica que, por sua vez, apresenta duas subdivisões: a Toponímia, que estuda os nomes próprios de lugares e a Antroponímia, que estuda os nomes próprios de pessoas.

A respeito do surgimento dessa ciência, o venezuelano Salazar-Quijada (1985, *apud* TAVARES, 2004, p. 22) destaca que:

Para indicar o que vemos, o que está próximo a nós, basta indicá-lo com o dedo⁸. Mas se desejamos nos referir a algo que está longe ou vimos em outra ocasião, nós o denominamos. Pode ser até com o termo genérico: o rio, a montanha... Mas se os rios e as montanhas que conhecemos são diversos, é necessário distingui-los: ou seja, dar-lhes um nome próprio.

Para a toponimista brasileira Dick (1990), Toponímia e Onomástica são partes de uma mesma ciência e por isso mesmo se encontram em relação de inclusão, voltando-se para um mesmo objeto de estudo, que é o estudo dos nomes.

A respeito disso, Solís Fonseca (1997, p. 14) advoga que, na verdade, cabe à Onomástica assumir um compromisso muito maior, que é fixar como objeto de estudo os sistemas de denominação que dão conta do processo de assinalar nomes em geral. Destarte, segundo o autor, os nomes nada mais são que produtos de algo que os implica, ou seja, o sistema denominativo criado por diferentes culturas para nomear as entidades que sua atividade cognitiva percebe.

⁷ [...] es una disciplina que estudia los nombres de lugares o topónimos [...]. Es parte de la Onomástica.

⁸ Para indicar que vemos a quien está con nosotros, basta señalarlo con el dedo. Pero si deseamos referirnos a algo que está lejos o que vimos en otra ocasión; lo hemos de denominar. Pueda que haste con el término genérico: el río, la montaña. Pero si los ríos e las montañas que conocemos son diversas, precisa distinguirlos; o sea, darles un nombre propio.

Desse modo, Salas (1999, p. 2) destaca que “o pesquisador não pode se esquecer que todo nome de pessoa, animal, planta ou coisa, não é uma palavra qualquer, pois além de carregar um significado, carrega também uma filosofia de vida”⁹ e, por isso mesmo, pode ser definida, segundo Dick (1990, p.16), como “um imenso complexo línguo-cultural”, em que os dados das demais ciências se interseccionam, apresentando, assim, uma relação bastante estreita com outras áreas de estudo, tais como história, geografia, antropologia e até mesmo zoologia e botânica.

Nessa perspectiva, constata-se que, embora não reconhecida como tal, a Toponímia pode ser considerada uma das ciências mais antigas da humanidade, dado o fato de que os topônimos, mais que qualquer unidade lexical, configuram-se como testemunhos históricos da vida de uma população, pois “os nomes geográficos são fontes históricas de primeira ordem e como tal servem de testemunho da história social e como recurso heurístico para conhecer determinada história”¹⁰. (SOLIS FONSECA, 1997, p. 20). Convém destacar, porém, que, mesmo sendo de grande importância, os estudos toponímicos ainda hoje são pouco difundidos no Brasil, ao contrário de outros países que apresentam uma sólida tradição em relação a esses estudos. Elencamos a seguir os momentos mais representativos dos estudos toponímicos, bem como o seu surgimento e evolução.

De acordo com Dick (1990), o surgimento da Toponímia como disciplina de estudo se deu por volta de 1878, tendo início primeiramente na Europa, apresentando como princípio motivador os estudos sistemáticos de Auguste Longnon.

Alguns anos depois, no ano de 1922, Dauzat retomou esses estudos onomásticos em uma de suas conferências na mesma *École Pratique*, fundando, então, a *Révue des Études Anciennes*, na qual publicou uma “Chronique de Toponymie”, que contava com uma bibliografia crítica das fontes e dos trabalhos de historiadores, geógrafos e linguistas europeus sobre os nomes antigos de lugares.

No ano de 1938, foi organizado, também por Dauzat, o I Congresso Internacional de Toponímia e Antroponímia, que tinha como objetivos: possibilitar a realização periódica de congressos internacionais de Toponímia e Antroponímia; organizar uma sociedade internacional de Toponímia e Antroponímia; criar departamentos oficiais que

⁹ El investigador no puede olvidar que todo nombre de persona, animal, planta o cosa no es palabra vana, pues al margen de portar un significado, encierra también una filosofía de vida.

¹⁰ Los nombres geográficos son fuentes históricas de primer orden, como tal sirven de testimonio de la historia social y como recurso heurístico para conocer dicha historia.

visassem à elaboração de glossários de nomenclatura geográfica e sistematizar os processos de pesquisa.

Ressalta-se que, conforme apontamentos de Dick (1990), tanto Longnon (1878) quanto Dauzat (1928) tiveram maior preocupação com os aspectos históricos e as transformações fonéticas dos nomes. Em relação a Dauzat (1928), ressalta-se que o autor teve como principal preocupação a etimologia e a reconstituição histórica dos topônimos, uma vez que, segundo ele, os nomes de lugares formaram-se de acordo com a forma como eram falados na região no momento de sua criação, e as mudanças foram-se processando conforme suas próprias leis fonéticas, que, em alguns casos, sobressaíram-se sobre a língua nativa. Assim, se quisermos descobrir os critérios que evidenciaram essa mudança, ou reconstruir a etimologia desses termos, temos que, de certa forma, reconstruir sua história.

Nesse sentido, Isquierdo (1996, p. 81) aponta o trabalho de Rostaing, que “atribuía à Toponímia a função de buscar o significado e a origem dos nomes de lugares e de estudar as suas transformações”, uma vez que, para esse autor, o topônimo é uma forma da língua e de sua estrutura e, por isso mesmo, está sujeito às mesmas leis fonéticas que solidificam as demais palavras do sistema linguístico. Dessa forma, também seria função do toponimista buscar as formas antigas do topônimo destacado a fim de comprovar sua evolução fonética.

Dentro desse panorama, Portugal volta sua atenção para o trabalho do filólogo português Leite de Vasconcelos e a publicação, em 1931, do Volume III da obra *Opúsculos* – “Onomatologia” –, que tinha por objetivo realizar um estudo sobre a onomástica portuguesa. Quanto aos estudos toponímicos na América, destacam-se os Estados Unidos e o Canadá, por meio da atuação de diversos estudiosos e órgãos especializados.

Os Estados Unidos passam a contar também com a publicação, pela “American Name Society”, da revista *Names*, cujo objetivo, essencialmente etimológico, era estudar “a origem e a aplicação dos nomes geográfico, pessoal, científico, comercial e popular, visando, por meio da divulgação dos resultados, conscientizar o povo da importância dos nomes em todos os campos do saber humano”. (DICK, 1990, p. 2).

A partir do ano de 1966, surge no Canadá um grupo de Estudos de Coronímia e de Terminologia Geográfica. Percebe-se, a partir desse momento, uma maior seriedade das pesquisas desenvolvidas nesse campo e uma maior amplitude em relação às questões toponímicas abordadas.

Na Venezuela, merecem especial destaque os trabalhos de Salazar- Quijada e sua obra *La toponímia en Venezuela* (de 1985), que tinha como característica apresentar aspectos

gerais sobre a toponímia, além de oferecer uma proposta para a classificação dos topônimos, considerando seus elementos, extensão, localização e motivo. O objetivo dessa obra era mostrar um panorama histórico da toponímia na Venezuela.

A respeito da toponímia peruana, realizou-se, em Lima, no ano de 1976, um Seminário sobre Toponímia. Anteriormente, Max Espinoza Galarza havia publicado o livro *Topónimos Quechuas del Perú*. Solis Fonseca (1997, p. 112) esclarece que tanto o seminário quanto o livro revelam o crescente interesse de diversas instituições sobre a toponímia do Peru.

Já no Brasil, a participação de especialistas voltados para os estudos toponímicos começou inicialmente com Cardoso (1961), porém o primeiro estudioso a consagrar-se como pioneiro nos estudos toponímicos foi o pesquisador Theodoro Sampaio, com a obra *O Tupi na Geographia Nacional*, publicada pela primeira vez no ano de 1901, por meio da qual procurava comprovar a importância de seus estudos sobre o tupi:

Não há quem desconheça a predominância do tupi em nossas denominações geographicas. As nossas montanhas, os nossos rios, as cidades como os simples povoados, trazem geralmente nomes bárbaros que o gentio, dominador outrora, lhes applicou, que os conquistadores respeitaram e que hoje são de todos preferidos, pois, não raro, se trocam, substituem-se nomes portuguezes de antigas localidades, por outros de procedencia indígena, às vezes lembrados ou compostos na ocasião, às vezes restaurados pelos amadores de coisas velhas e tradicionaes (SAMPAIO, 1901, p. 3)

Como estudos toponímicos mais recentes e representativos no Brasil, sobressaem-se os de Dick, dos quais destacamos: sua tese de doutoramento, *A motivação toponímica e a realidade brasileira*, publicada no ano de 1990 e que consistiu num verdadeiro marco para o desenvolvimento de pesquisas voltadas para essa área de conhecimento, e a coletânea de artigos *Toponímia e Antroponímia no Brasil. Coletânea de Estudos*, publicada pela primeira vez em 1988.

Merecem especial atenção, também, outros pesquisadores que despontaram nesse panorama de estudos com dissertações e projetos voltados para essa área de conhecimento. Dentre esses se destacam nomes como Isquerdo, Dargel e Schneider.

1.3 Retrospecto da toponímia no Brasil

A Toponímia vem há muito tempo ocupando um papel secundário nos estudos linguísticos em nosso país. Segundo Drumond (1965), a história das transformações dos nomes de lugares, sua evolução fonética, relação com as migrações, colonizações e estabelecimentos humanos, assim como o surgimento de nomes inspirados por crenças mitológicas, são alguns dos aspectos que propiciaram o surgimento do estudo da Toponímia.

De acordo com o autor, a Toponímia no Brasil foi, por muito tempo, estudada apenas a título de curiosidade, sem a preocupação com o desenvolvimento de métodos apropriados a tal estudo. Visava, na maioria das vezes e por um ângulo restrito, a pôr em evidência a ocorrência de nomes de origem tupi e sua relação com o processo de designação dos topônimos. Drumond (1965) observa que a Toponímia distinguia-se até certo tempo por ser um amontoado de vocábulos quase que exclusivamente de origem tupi.

De fato, como já foi mencionado, uma das principais obras a respeito da toponímia brasileira foi *O Tupi na Geographia Nacional*, de Theodoro Sampaio, que tinha como destaque apresentar um resumo da gramática do tupi, bem como sua expansão ou alterações decorrentes do contato com a língua portuguesa e das influências desta sobre aquela.

Outra obra também bastante relevante foi o estudo realizado por Levy Cardoso a respeito da influência das línguas indígenas aruaque e caribe na toponímia amazônica. O resultado desse trabalho foi apresentado em *Toponímia Brasília*, livro publicado no ano de 1961, em que o autor defende que o estudo da toponímia de uma região propicia a elucidação de questões étnicas e ao mesmo tempo linguísticas, como as migrações indígenas e a origem das diversas famílias que habitavam determinada região. Ao referir-se à obra de seu precursor, Sampaio, Cardoso (1961) aponta que:

Teodoro Sampaio se sagrou, evidentemente, nesse ramo de estudo, um esplêndido desbravador, um tapejara magnífico, que não só abriu o caminho como, principalmente, apontou o rumo em que deviam ser orientados os futuros trabalhos sobre a toponímia brasílica (CARDOSO, 1961, p. 17)

Cardoso (1961) argumenta ainda que, embora seja inegável que o tupi foi a língua que mais influenciou o vocabulário português, deve-se reconhecer que esta não foi a única língua indígena a exercer influência tanto na lexicologia quanto na toponímia brasileira.

Nesse contexto, surge também a obra de Carlos Drumond, *Contribuição do Bororo à Toponímia Brasileira*, publicada no ano de 1965, que tratava da contribuição do povo indígena bororo à nossa toponímia.

Quanto ao estudo da Toponímia como disciplina científica, Dick (1990) destaca que, de fato, até cerca de 1990, ela era ministrada, no âmbito do território brasileiro, apenas na Universidade de São Paulo e sem contar com o apoio de qualquer órgão governamental para o desenvolvimento de suas pesquisas. Hoje, o maior expoente em relação aos estudos toponímicos no Brasil continua sendo a Universidade de São Paulo, que segue os postulados de Drumond, nos quais Dick – considerada o maior ícone em relação aos estudos toponímicos brasileiros – também se embasa.

Por meio dos estudos de Dick e posteriormente de seus seguidores, a Toponímia perdeu esse caráter restrito e passou a ser vista sob outro enfoque. Segundo Dick (1994, p.435-436), a introdução dos estudos toponímicos na Universidade de São Paulo e, conseqüentemente, sua difusão no Brasil, teve como estímulo principal a visão do professor Plínio Ayrosa. Ressalta-se que, em sua origem, a Toponímia não constituiu um corpo disciplinar autônomo, estando sempre vinculada a outras disciplinas, tendo como o ponto vital e ordenador os questionamentos que se apresentavam sobre a preocupação extrema com a língua indígena brasileira, especialmente o tupi.

Nesse sentido, Dick (1994, p. 435) afirma ser natural que as primeiras pesquisas toponímicas focalizassem os estudos voltados para a natureza ameríndia, como já havia sido dito anteriormente por Drumond.

Com a reformulação dos cursos de Letras no final da década de 1960, houve, no entanto, um desdobramento do antigo conteúdo programático em duas disciplinas autônomas integrantes da área de Línguas Indígenas do Brasil, alocadas no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade Federal de São Paulo. Assim, Língua tupi e Toponímia passaram a compor o núcleo da área Cultura Brasileira, ampliando seu campo de trabalho natural.

Atualmente, no Estado de Mato Grosso do Sul, vários projetos sobre toponímia são desenvolvidos, em sua maioria, por equipes coordenadas pela pesquisadora Aparecida Negri Isquendo, que apresenta uma considerável produção em estudos com enfoques lexicológicos e lexicográficos, entre eles a orientação de dissertações de mestrado voltadas

para os estudos toponímicos. Mesmo assim, ainda são poucos os projetos de pesquisa de grande dimensão, sendo a maioria deles ainda possíveis em virtude do empenho de pesquisadoras como Dick e do incentivo de instituições como a Universidade de São Paulo.

Pelo exposto, observamos que, embora muitos trabalhos representativos tenham surgido nesse panorama de estudos toponímicos no Brasil, ainda há muito por fazer. Muitas pesquisas voltadas para esse enfoque ainda precisarão ser realizadas para que a Toponímia saia desse status de ciência “semiadormecida” e passe a ocupar um lugar de destaque nas universidades e nas linhas de pesquisa do país.

1.4 Considerações sobre a toponímia indígena brasileira

Refletir sobre a formação da toponímia brasileira é aceitar a multiplicidade de línguas e culturas que originaram e solidificaram nosso idioma. Em seu artigo intitulado “Toponímia brasileira: origens históricas”, Antunes e Carvalhinhos (2007, p. 1) ressaltam que falar da toponímia brasileira “é remeter-se, inapelavelmente, às origens do país. É, também, remeter-se a alguns aspectos do português brasileiro (PB)”, uma vez que, segundo Dick (1990), a toponímia no Brasil comporta considerações referentes a três estratos linguísticos: o português, o africano e o indígena. É inegável, porém, que a maior contribuição em relação à escolha dos topônimos, particularmente dos acidentes geográficos, é de procedência indígena, especialmente do tupi.

De acordo com Dick (1990, p. 2), citando Drumond, durante muito tempo a toponímia no Brasil foi conhecida e trabalhada de maneira simplista: seu método de estudo consistia unicamente na elaboração de uma lista de topônimos de determinada região, seguida de uma provável etimologia dos nomes de origem indígena, sem ater-se a questões como a origem histórica e os motivos de tal escolha de designativo. Para a autora, a verdadeira toponímia deveria preocupar-se com outras questões. Além da etimologia, deveria ocupar-se, por exemplo, das histórias das transformações dos nomes de lugares, sua evolução fonética e alterações no decorrer do tempo. Destaca a pesquisadora que “apenas um trabalho sério de investigação, que se sabe demorado e constante, poder-nos-á levar à verdadeira causa dominativa e, talvez, num último passo, à intencionalidade do dominador”. (*op cit*, p. 3).¹¹

Uma ideia equivocada, mas bastante difundida, é a de que, no Brasil, todos os topônimos indígenas são de origem tupi. Aqui, os nomes geográficos de origem indígena

¹¹ Idem.

possuem uma variada gama de procedências e, embora a sua maioria seja de origem tupi, a toponímia brasileira apresenta um grande acervo de palavras indígenas de outras procedências, como karib, bororo, aruak, jê, entre outras.

Segundo Seki (2000), o motivo desse equívoco foi o fato de que a ênfase dada ao estudo do tupi na época da colonização do Brasil, bem como a expansão geográfica dessa língua pelos missionários e o estudo de materiais escritos nesse idioma fizeram surgir a ideia de que no Brasil só havia o tupi ou tupi-guarani.

Nesse sentido, Sampaio (1987, p. 68-69) explica que o tupi espalhou-se por grande parte do país e que essa propagação se deveu não apenas à força da raça indígena, mas especialmente por causa das expedições dos colonizadores europeus, que difundiam esse idioma conhecido como a língua geral; assim, mesmo sendo o português o idioma oficial falado no país, o tupi era certamente o idioma mais usado no Brasil. De acordo com esse autor¹²:

Faziam-se a conquista tendo por vehiculo a própria língua dos vencidos, que era a língua da multidão [...], as bandeiras quase que só fallavam o tupi. [...]. Recebiam então um nome Tupi as regiões que se iam descobrindo, e o conservavam pelo tempo adiante, ainda que nellas jamais tivesse habitado um tribu de raça tupi. E assim é que no planalto central, onde dominavam povos de outras raças, as denominações dos valles, rios e montanhas e até das povoações são pela mor parte da língua geral ¹³(SAMPAIO, 1987, p. 14).

Outro fator relevante para essa propagação foi o fato de que, apesar de os portugueses, ao chegarem ao Brasil, terem encontrado um país multilíngue, havia, segundo Franchetto (2000), certa uniformidade linguística no litoral da colônia onde habitavam os indígenas pertencentes à família tupi-guarani. Mesmo os povos inimigos possuíam entre si falares muito próximos, o que facilitou a criação de uma gramática que servisse de base para a catequização de colonos e indígenas por parte dos jesuítas. Antunes e Carvalhinhos (2007) advogam que esse contato entre o branco e o índio influenciou diretamente na formação do sistema toponímico brasileiro, pois

¹² Utilizamos, no decorrer deste trabalho, duas edições da obra de Theodoro Sampaio: a primeira, editada em 1901, e a quinta, de 1987, que apresentam diferenças entre si. Por isso fazemos referência às duas edições em diversas partes de nosso texto.

¹³ Foi mantida a grafia do escrito original (1901).

Em termos de apreensão de mundo, tanto os registros cartográficos quanto as narrativas comuns na época, como o *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*, de Gabriel Soares de Sousa, trazem dois elementos que se refletiram na formação do sistema toponímico brasileiro: a apreensão do novo espaço e seus elementos (inéditos para o europeu como fauna e flora), descrevendo o que naquele momento era inominável em língua portuguesa, mas já possuía um termo em língua indígena e, por outro lado, descrevendo este espaço segundo a visão européia, o que levaria à geração da duplicidade e possível superposição toponímica (op cit, 2007, p. 2).¹⁴

Sampaio (1987) também destaca essa influência do tupi na formação toponímica brasileira. Para o autor, o contato direto entre meio e indivíduo foi o que propiciou a criação desse sistema designativo, e essa proximidade tornava difícil a separação entre homem e ambiente, uma vez que não se conseguia distinguir ao certo onde começava um e onde começava o outro. Dessa forma, o índio era visto como parte da natureza, assemelhando-se, na maioria das vezes, a um animal selvagem:

[...] as denominações tupis das localidades ou dos indivíduos, com todos os epítetos de procedência bárbara, são de uma realidade descritiva admirável, exprimem sempre, as feições características do objeto denominado como produtos que são impressões nítidas, reais, vivas, como soem experimentar os povos infantes, incultos, no máximo convívio com a natureza. Exprimem, também, meros acidentes em uma circunstância qualquer, mas que deixarão viva recordação no âmbito do selvagem (SAMPAIO, 1987, p. 174)

Discordando do raciocínio de Sampaio, Lévi-Strauss (1976 *apud* DICK, 1990, p. 121) defende a ideia de que o indígena era um indivíduo comum, que, assim como o branco, possuía um código de ética pautado em regras e direitos e que poderia adaptar-se perfeitamente ao meio porque era parte integrante dele, mas não poderia ser considerado esse ser “selvagem e inculto” de que falava o autor. Assim, ao estudar um grupo nativo do Brasil (os bororo) faz a seguinte observação:

Nunca, e em parte alguma, o “selvagem” foi, sem dúvida, esse ser mal e mal saído da condição animal, ainda entregue ao império de suas necessidades e de seus instintos que, frequentemente, nos aprouve imaginar e, tampouco, essa consciência dominada pela afetividade afogada na confusão e na participação.

¹⁴ Idem.

Por meio do contato com esses índios, Lévi-Strauss comprovou que o ambiente físico exerce grande influência na caracterização do grupo humano que o habita, o que acaba por influenciar seu estilo de vida e, de certa forma, caracterizá-los perante a sociedade.

Nesse sentido, Drumond (1965, p. 16) define a família bororo como “uma sociedade de caçadores”, pois o fato de habitarem regiões onde abundavam animais selvagens desenvolveu o instinto caçador desse povo. Assim, o autor ressalta que os designativos toponímicos de origem bororo não se restringiram apenas às espécies vegetais como forma de motivação toponímica, uma vez que “o mundo animal, intimamente ligado à sociedade humana, através dos elementos ergológicos e animológicos que compõem o patrimônio cultural desse grupo, está presente na maioria dos topônimos”¹⁵.

Nesse sentido, Dick (1990) esclarece que, ao contrário do que acontece com os designativos de origem tupi, a toponímia bororo exclui qualquer possibilidade de nomeação indireta, uma vez que os designativos bororos conservaram-se distantes de qualquer tipo de influência exterior e, por esse motivo, não receberam contribuições de outras procedências linguísticas em seu processo denominativo, isto é, os designativos de origem bororo não receberam influência do contato com o europeu no processo de colonização e, por isso mesmo, não há registros de qualquer influência exterior no processo de nomeação, assim como também não há documentos escritos que comprovem qualquer alteração gráfica, fonética ou semântica nos topônimos dessa origem.

Esse isolamento contribuiu para que os topônimos bororos assumissem uma posição significativa na toponímia geográfica brasileira, uma vez que:

[...] seus topônimos puderam se preservar das contaminações externas, na expressão e no conteúdo, tornando-se [...] um valioso auxílio para o aprofundamento da própria análise grupal. [...] Enquanto os designativos bororos ficaram “ilhados” na região central do país [...] o sistema léxico tupi, envolvendo aspectos da cultura material, como reflexo de uma sociedade de economia mista, deixou uma gama variada de contribuição ao português do Brasil. (DICK, 1990, p. 122)

Para Dick¹⁶, essa grande propagação dos topônimos tupis ocorreu, como já foi mencionado, não só “devido à maior mobilidade geográfica ou mesmo sócio-cultural do grupo, mas também devido à ação religiosa dos missionários e à antiga participação das

¹⁵ Ibidem

¹⁶ Idem.

antigas bandeiras, que difundiram a língua dita então geral [...]”. Deve-se registrar que a toponímia brasileira de origem indígena está cheia de contrastes e faz-se presente em elementos que remontam à cultura material e espiritual de seu povo, no entanto, segundo a autora, “é nos dados naturais ou físicos, principalmente, que essa toponímia encontra uma definição mais relevante” (*op cit*, p. 123).¹⁷

De acordo com Tavares (2004), além dos designativos tupis e bororos e dos outros anteriormente mencionados, a toponímia indígena brasileira apresenta uma grande quantidade de termos guaranis, o que justifica sua importância na formação do processo de nomeação de Mato Grosso do Sul. Isso se deve, em parte, à grande mobilidade desses indígenas e particularmente à presença desses índios no processo de colonização e povoamento do estado.

Assim como destacou Tavares (2004) e conforme Dick (1990) já informara, esse alto índice de palavras de origem guarani ou de outras etnias indígenas enriquece o estudo toponímico, mas também o dificulta, tornando menos frequente o desenvolvimento de projetos voltados para esse enfoque.

No Brasil, o número de trabalhos voltados para a toponímia indígena é relativamente pequeno e há poucos projetos de maior extensão. Como exemplo desses trabalhos, podemos citar o *Projeto Atlas Toponímico de Origem Indígena do Estado de Tocantins*, em desenvolvimento na UFTO, e o *Glossário de Topônimos Indígenas do Estado de Mato Grosso do Sul*, em desenvolvimento na Universidade Federal da Grande Dourados.

Isso se deve, em parte, conforme Dick já destacara, ao fato de que a forte influência indígena no processo de designação toponímica consiste em um grande problema, especialmente no que se refere à etimologia desses termos, já que, para elucidá-la e recuperar a grafia e o significado original desses designativos, precisamos, na maioria das vezes, recorrer à história.. Outro problema ressaltado por Tavares (2004) é a inexistência de fontes realmente seguras, capazes de determinar com exatidão a etimologia dos termos indígenas, especialmente quais são os termos de origem tupi e quais são os de origem guarani.

Essa dificuldade de definição etimológica justifica-se tanto pela proximidade e semelhança entre os termos, quanto pela mudança de grafia que ocorreu ao longo do tempo, seja como forma de adequação à língua portuguesa e aos falantes dela, seja pelo fato de esses termos coletados na oralidade serem transcritos de forma diferente da grafia original ao serem anexados às cartas topográficas. A respeito dessas duas línguas, tão próximas entre si, Magalhães (1876, p. 43-46) faz as seguintes considerações:

¹⁷ Idem.

Estas duas palavras tupi e guarani não significavam entre os selvagens que dellas usavam senão tribus ou famílias que assim se denominavam. Estas duas expressões: língua tupi, ou língua guarani, seriam como se nós disséssemos: a língua dos mineiros, ou a língua dos paulistas. Se no Paraguay qualquer um disser: guarani nhenhen, para traduzir a expressão-língua guarani- ninguém o entenderá, porque para elles o nome da língua é: Ava nhenhen, litteral; língua de gente. [...] O mesmo diremos a proposito da língua tupi. Tupi era o nome de uma tribu que, ao tempo da descoberta, dominava grande parte da costa. Se dissermos a qualquer índio civilizado do Amazonas: falle em língua tupi – elle não entende o que queremos dizer; para que elle entenda que queremos que elle se expresse na propria língua, mister é dizer-lhe: Renhenhen nhenhengatú rupí, litt.: falle língua boa pela, isto é, fale pela língua boa.¹⁸

De acordo com Bertoni (*apud* RODRIGUES, 1945, p. 349), assim como não há diferenças entre os dialetos guaranis falados em distintas localidades, também não existe dualismo entre o tupi e o guarani. Segundo este autor, esse dualismo entre o tupi e o guarani nunca existiu, na verdade, são apenas dois grandes dialetos que pouco se diferenciam entre si.

Rodrigues (1945, p. 349-350) esclarece, entretanto, que, ao mesmo tempo em que existe a unidade, há ainda o dualismo, e, para que se possa fazer tal afirmação, é preciso considerar o assunto em seus diversos aspectos: de acordo com o ponto de vista glotológico, o tupi e o guarani estão diretamente ligados entre si, porém, se concebermos estes dois ramos do ponto de vista prático, temos que reconhecer que os falantes do tupi antigo conseguiriam entender, relativamente bem, o guarani antigo, assim como um falante da língua portuguesa consegue entender o espanhol, entretanto, quem fala o tupi moderno ou nheengatú, não terá a mesma facilidade para entender o guarani moderno ou avanheén.

De acordo com Sampaio (1901, p. 20-21), o tupi e o guarani foram línguas bastante faladas no Brasil, não só pelo indígena propriamente dito, mas também pelas populações que depois se formaram sob a influência dos europeus:

Desde o Amazonas até Cananéa [...], dominava o tupi fallado por tupinambás, tabajaras, potiguaras, cahétes, tupiniquins, tamoyos e depois por seus descendentes, mestiçados com europeus e africanos. De Cananéa para o Sul, pela costa, e, pelo interior, abrangendo grande parte do sertão paulista [...] dominava o Guarany fallado pelos guayanás, carijós, tapes e outros”¹⁹.

¹⁸ Foi mantida a grafia original.

¹⁹ Foi mantida a grafia original.

Segundo o autor, os vestígios dessa dominação estão presentes nas denominações de lugares, e esse fato sempre deve ser levado em consideração quando trabalhamos com a interpretação de nomes tupis relacionados à geografia nacional.

Neste capítulo, apresentamos os pressupostos teóricos que nortearam nossa pesquisa. Iniciamos com sucintas considerações sobre o léxico, para depois abordar os acontecimentos relacionados ao surgimento e à evolução da toponímia, em especial a brasileira, e os estudos voltados para a toponímia indígena. No capítulo seguinte, apresentamos os procedimentos metodológicos utilizados no desenvolvimento de nossa pesquisa e o *corpus* selecionado para a análise.

CAPÍTULO 2

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo tem como objetivo explicar os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento de nossa pesquisa, que tem como foco realizar o levantamento, classificação taxonômica, etimologia e o significado dos nomes de origem indígena das regiões de Aquidauana, Corumbá e Miranda, no estado de Mato Grosso do Sul.

O método para coleta e análise dos dados é uma combinatória de leitura de mapas cartográficos, consultas a dicionários e bibliografia relacionada às línguas/famílias indígenas tupi, guarani, terena e kadiwéu.

Como método classificatório toponímico, servimo-nos do modelo taxionômico toponímico proposto por Dick, em 1975, inicialmente composto por 19 taxonomias e reformulado, pela mesma autora, em 1990, resultando em um total de 27 taxes: 11 de natureza física e 16 de natureza antropocultural. Passemos a maiores explicações sobre esse método.

2.1 Arcabouço teórico

De acordo com o modelo de Dick, as taxes classificam-se em duas taxonomias: de natureza física e de natureza antropocultural.

2.1.1 Taxonomias de natureza física

Classificam-se como designativos de natureza física os nomes ligados ao ambiente físico, como: rios, lagos, rochas, córregos, cachoeiras, morros, vazantes, corixos e serras. Nessa categoria, Dick (1990, p. 31-32) apresenta 11 taxonomias, de acordo com a natureza do objeto a que se refere. Nesse sentido, segundo os exemplos, em sua maioria, retirados de nossos dados, os topônimos podem ser classificados em:

- 1) *Astrotopônimos*: relativos a topônimos que se referem aos corpos celestes em geral. Ex: Fazenda Jacy (lua).
- 2) *Cardinotopônimos*: taxa dada aos topônimos que se referem às posições geográficas em geral. Ex: Praia do Leste.
- 3) *Cromotopônimos*: designativo usado quando os topônimos relacionam-se à escala cromática. Ex: Rio Negro.
- 4) *Dimensiotopônimos*: recebem essa classificação os topônimos relativos às características dimensionais dos acidentes geográficos, como extensão, comprimento, largura, grossura, espessura, altura e profundidade. Ex: Vazante Guaçu (grande).
- 5) *Fitotopônimos*: nomes relacionados a topônimos de natureza vegetal. Ex: Córrego Jatobá.
- 6) *Geomorfotopônimos*: topônimos que se referem às formas topográficas, às elevações e depressões do terreno, bem como às formações litorâneas. Retiro Bocaína (depressão, vale profundo).
- 7) *Hidrotopônimos*: taxa dada aos topônimos resultantes de acidentes hidrográficos em geral, como: Rio Aquidauana (rio estreito).
- 8) *Litotopônimos*: topônimos de natureza mineral, relativos também à constituição do solo. Ex: Retiro Itacatu (pedra boa).
- 9) *Meteorotopônimos*: pertencem a essa classe os topônimos que se relacionam a fenômenos atmosféricos: Fazenda Marajó (vento que sopra, à tarde).
- 10) *Morfotopônimos*: taxa utilizada para topônimos que refletem o sentido de forma geométrica. Ex: Ilha Quadrada.
- 11) *Zootopônimos*: relaciona-se aos topônimos de natureza animal, representados por indivíduos domésticos ou não. Ex: Fazenda Anhuma (pássaro).

2.1.2 Taxonomias de natureza antropocultural

Classificam-se como taxonomias de natureza antropocultural os designativos que dizem respeito às atividades do homem e da sociedade no qual este está inserido, em seus aspectos históricos e socioculturais.

- 1) *Animotopônimos ou nootopônimos*: topônimos relativos à vida psíquica e à cultura espiritual, isto é, relacionados aos produtos do psiquismo humano. Ex: Fazenda Triunfo.
- 2) *Antropotopônimos*: taxa utilizada em topônimos que se relacionam aos nomes próprios individuais. Ex: Fazenda Iracema.
- 3) *Axiotopônimos*: nomes relativos aos títulos e dignidades de que se fazem acompanhar os nomes próprios individuais. Ex: Estrada Presidente Prudente.
- 4) *Corotopônimos*: topônimos que se referem aos nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes. Ex: Rio Paraguai.
- 5) *Cronotopônimos*: taxa utilizada em topônimos que encerram indicadores cronológicos, representados, em toponímia, pelos adjetivos novo/nova, velho/ velha. Ex: Vila Nova Viçosa.
- 6) *Ecotopônimos*: relativos aos topônimos que se relacionam às habitações de um modo geral. Ex: Córrego Tapera (habitação em ruínas, aldeia abandonada).
- 7) *Ergotopônimos*: topônimos relativos aos elementos da cultura material. Ex: Rio Chapena (Exapena) (presilha para prender o cabelo).
- 8) *Etnotopônimos*: topônimos relativos aos elementos étnicos, isolados ou não. Ex: Fazenda Paiaguás (grupo indígena, hoje considerado extinto).
- 9) *Dirrematopônimos*: dizem respeito aos topônimos constituídos por frases ou enunciados linguísticos. Ex: Retiro Deus me livre.

10) *Hierotopônimos*: taxa atribuída aos topônimos relativos aos nomes sagrados de diferentes crenças, às efemérides religiosas, às associações religiosas e aos locais de culto.

Os *Hierotopônimos* podem apresentar, ainda, duas subdivisões:

- *Hagiotopônimos*, relativos aos santos e santas do hagiológico romano, como Fazenda Santa Tereza;
- *Mitotopônimos*, relativos às entidades mitológicas. Ex: Córrego Pombeiro (duende protetor da floresta).

11) *Historiotopônimos*: topônimos relativos aos movimentos de cunho histórico-social e aos seus membros, assim como às datas correspondentes. Ex: Rio 7 de setembro.

12) *Hodotopônimos* (ou *Odotopônimos*): topônimos que se relacionam às vias de comunicação rural ou urbana. Ex: Córrego Tape (estrada, caminho).

13) *Numerotopônimos*: topônimos relativos a adjetivos numerais. Ex: Fazenda Duas Barras.

14) *Poliotopônimos*: topônimos constituídos pelos vocábulos vila, aldeia, cidade, povoação e arraial. Ex: Fazenda Tabatinga (aldeia branca).

15) *Sociotopônimos*: nome utilizado em topônimos que se relacionam às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro dos membros de uma comunidade. Ex: Corixo Pracinha.

16) *Somatopônimos*: topônimos empregados em relação metafórica às partes do corpo humano ou de animais. Ex: A cabeça do rio Pardo.

2.2 Metodologia de pesquisa

Na ocasião de apresentação do projeto para ingresso no processo seletivo do Mestrado em Linguística na Universidade Federal de Mato Grosso, Câmpus de Três Lagoas, no ano 2008, voltado exclusivamente para o estudo de topônimos indígenas do Estado de Mato Grosso do Sul, encontrava-se em aberto apenas o projeto do “Glossário de topônimos

indígenas do estado de Mato Grosso do Sul”, organizado pela Universidade Federal da Grande Dourados e coordenado pela professora Marilze Tavares, iniciado em 2007 e ainda sem conclusão.

Hoje, no Brasil, vários outros projetos voltados para esse enfoque já foram desenvolvidos ou encontram-se em fase de desenvolvimento. Dentre eles, podemos citar o Vocabulário geográfico de origem indígena brasileira das famílias tupi-guarani, karib, aruak e algumas do tronco macro-jê, presente na Toponímia, o projeto ATITO – *Atlas toponímico de origem indígena do Tocantins* – coordenado pela professora Karylleila dos Santos Andrade. Mais recentemente, no 58º GEL, realizado em julho de 2010, foram apresentados painéis de Iniciação Científica com enfoque nos zootopônimos e hidrotopônimos de origem ou base indígena e um sobre termos de origem tupi, orientados pela pesquisadora Aparecida Negri Isquerdo, vinculados aos projetos ATEMS e ALIB, coordenados pela mesma pesquisadora.

Seguindo parcialmente a metodologia de pesquisa dos projetos citados, para levantamento do *corpus*, utilizamos os mapas digitais na escala 1: 125.000, que correspondem aos mapas rurais estatísticos -MRU- disponibilizados pelo IBGE -Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, referentes aos municípios de Aquidauana, Corumbá e Miranda, no estado de Mato Grosso do Sul.

Inicialmente, fizemos uma análise quantitativa dos termos possivelmente indígenas, pois muitos deles já eram conhecidos por referências em obras literárias e pelo conhecimento prévio da origem desses nomes, especialmente os de origem tupi. Depois procedemos a uma análise qualitativa desses dados a fim de analisar a etimologia, significado, grau de recorrência e a motivação toponímica dos designativos.

As informações sobre a etimologia e o significado dos topônimos foram retiradas de dicionários de línguas indígenas, obras literárias voltadas para esse enfoque e relatos históricos, o que possibilitou que conhecêssemos um pouco da história desses nomes e compreendêssemos, em parte, sua motivação toponímica.

Nossa coleta procedeu a um levantamento preliminar dos termos que designam os acidentes físicos e humanos da região citada. Em uma primeira coleta, o número de topônimos destacados foi o equivalente a cerca de 500 nomes, porém, após uma primeira consulta a dicionários de língua portuguesa, como Houaiss e Villar (2001), e dicionários indígenas de tupi, descartamos os nomes de origem comprovadamente não indígena e ficamos com os dados apresentados como tal, ou de origem obscura, a fim de empreender futuras

consultas a dicionários indígenas de tupi, guarani e kadiwéu²⁰. O número resultante dessa primeira análise foi o total de 350 termos, divididos entre acidentes físicos e humanos. Entretanto, tendo em vista nosso objetivo de realizar um estudo lexical de cada um dos topônimos, preferimos nos restringir a um número de 195 termos, dos quais 31 são híbridos, indígena-português, 100 topônimos indígenas foram apresentados em fichas e 51 termos, por se repetirem em 2 ou 3 dos municípios estudados, foram apresentados uma única vez.

Com o *corpus* delimitado, procedemos a consultas a dicionários bilíngues indígena/português, a fim de comprovar a etimologia e o significado dos termos levantados. A princípio, recorremos apenas a dicionários tupi-português e guarani-português, uma vez que, notoriamente, a maioria dos nomes de origem indígena é proveniente do tupi ou do guarani. Diante do exposto, justificamos que, ao apresentarmos a etimologia dos topônimos, procuramos nos referir à língua de origem e não ao seu tronco ou família linguística.

Depois de verificarmos os termos de origem tupi e guarani, o equivalente a cerca de 83% dos dados, e separar os termos de outras procedências indígenas, recorremos à leitura de artigos, obras literárias, glossário e outras publicações para elucidação dos termos restantes.

A organização dos dados foi feita por meio de uma adaptação do modelo de fichas lexicográfico-toponímicas proposto por Dick (2004) e adotado pelo Projeto Atlas Toponímico do estado de São Paulo.

Este modelo de ficha foi moldado por Dick entre os anos 1980 e 2004, entretanto, dada a natureza de nossa pesquisa, algumas adaptações e alterações foram realizadas a fim de adequação ao objetivo de nosso trabalho:

- acrescentamos o campo do código para que pudéssemos ordenar e organizar estruturalmente os topônimos, obedecendo o critério da ordem alfabética;
- dividimos o campo do topônimo em termo genérico e específico a fim de facilitar a visualização e compreensão da forma como se estrutura e se relaciona topônimo e acidente nomeado;
- acrescentamos o campo da forma variante para que pudéssemos, em uma mesma ficha, apresentar as variações lexicais conhecidas e apontadas a um mesmo topônimo,
- retiramos os campos com as informações referentes à estrutura morfológica porque optamos por apresentar as informações morfológicas no corpo do texto e não na tabela;

²⁰ Devido à dificuldade em encontrar dicionários publicados de língua Terena, a consulta aos termos provavelmente originados dessa língua foi feita em glossário e obras literárias que faziam referência a essa etnia.

- não apresentamos as informações referentes ao histórico e contexto, pois esses dados só poderiam ser apontados mediante uma pesquisa de caráter diacrônico, que não era o nosso objetivo;
- retiramos os campos pesquisadora, revisora e data de coleta, pois, por se tratar de uma dissertação de mestrado que não envolvia pesquisa de campo, nem data específica de coleta, esses dados se tornariam impropriedades;
- optamos por apresentar as informações enciclopédicas, assim como qualquer dado relacionado à história e formação do topônimo dentro do corpo do texto e não na ficha.

Reiteramos que todas essas adaptações foram feitas visando, acima de tudo, o caráter da praticidade e simplicidade, de forma a facilitar a visualização e compreensão por parte de estudiosos e também de leigos nos estudos toponímicos, entretanto, procuramos conservar a essência da ficha original de Dick.

Quadro 1. Ficha lexicográfico-toponímica, modelo de Dick (2004)

Município:
Localização:
Topônimo:
AH:Taxionomia:
Etimologia:
Entrada lexical:
Estrutura morfológica:
Histórico:.....
Informações enciclopédicas:
Contexto:.....
Fonte:
Pesquisadora:
Revisora:
Data de coleta:.....

Quadro 2. Ficha Lexicográfico-toponímica adaptada

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div style="border: 1px solid black; display: inline-block; padding: 2px;">Código</div>				
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
		Genérico		
		Específico		
Taxonomia				
Etimologia				
Forma variante				
Fonte				

As informações levantadas foram dispostas da seguinte forma:

CÓDIGO: refere-se ao código numérico atribuído a cada topônimo destacado;

LOCALIZAÇÃO: diz respeito ao local de registro do topônimo;

MUNICÍPIO: Indica o município onde o topônimo destacado está localizado;

TERMO GENÉRICO: corresponde ao acidente designado: rio, córrego, fazenda;

TERMO ESPECÍFICO (TOPÔNIMO): corresponde ao nome do acidente físico ou humano coletado nas cartas topográficas do IBGE;

TAXONOMIA: refere-se à taxa do topônimo, conforme a classificação de Dick, disposta no arcabouço teórico;

ETIMOLOGIA: indica a procedência do topônimo contida em dicionários ou outras publicações;

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: neste campo, registram-se as informações a respeito do significado do termo destacado;

FORMA VARIANTE: corresponde às formas variadas pelas quais os topônimos são conhecidos;

FONTE: indica o local de onde foi coletado o topônimo. No caso desta pesquisa, o material foi coletado por meio de mapas digitais disponibilizados pelo IBGE;

2.3 Levantamento do *corpus*

Dos 195 topônimos analisados, selecionamos 131 termos que correspondem aos acidentes físicos e humanos da zona rural das três regiões estudadas, entretanto destacamos que, pelo fato de muitos desses termos se repetirem em duas ou três regiões, ou serem formas variantes do topônimo destacado, optamos por apresentá-los apenas uma vez.

Quadro 3- *Corpus* selecionado

	TOPÔNIMO	CLASSIFICAÇÃO	TAXE	MUNICÍPIO
1	Córrego <i>Acaíá</i>	AF	FITO	Corumbá
2	Fazenda <i>Acurizal</i>	AH	FITO	Corumbá
3	Vazante <i>Aguaçú</i>	AF	DIMENSIO	Aquidauana/ Corumbá
4	Fazenda <i>Aguassuzinho</i>	AH	DIMENSIO	Aquidauana/ Corumbá
5	Fazenda <i>Aguapé</i>	AH	FITO	Aquidauana
6	Fazenda <i>Amambai</i>	AH	FITO/HIDRO	Aquidauana
7	Fazenda <i>Angico</i>	AH	FITO	Aquidauana/ Corumbá
8	Córrego <i>Angical</i>	AF	FITO	Aquidauana
9	Córrego <i>Anhuma</i>	AF	ZOO	Aquidauana/ Corumbá/ Miranda
10	Rio <i>Aquidabã</i>	AF	ETNO	Corumbá
11	Rio <i>Aquidauana</i>	AF	HIDRO/ DIMENSIO	Aquidauana/ Miranda
12	Córrego <i>Araras</i>	AF	ZOO/ETNO/ ERGO	Aquidauana/ Corumbá
13	Fazenda <i>Ariranha</i>	AH	ZOO	Aquidauana
14	Fazenda <i>Aroeira</i>	AH	FITO	Aquidauana
15	Fazenda <i>Babaçú</i>	AH	FITO	Aquidauana/ Corumbá
16	Rio <i>Bacuri</i>	AF	FITO	Corumbá
17	Córrego <i>Baguaçuzinho</i>	AF	FITO	Aquidauana
18	Córrego <i>Baguani</i>	AF	ZOO	Corumbá
19	Córrego <i>Betione</i>	AF	ZOO	Miranda
20	Fazenda <i>Bocaiúva</i>	AH	FITO	Aquidauana/ Corumbá

21	Fazenda <i>Bacaiuval</i>	AH	FITO	Aquidauana
22				Aquidauana/ Corumbá/ Miranda
	Fazenda <i>Buriti</i>	AH	FITO	
23	Fazenda <i>Buritizal</i>	AH	FITO	Aquidauana/ Miranda
24	Fazenda <i>Buritizinho</i>	AH	FITO	Aquidauana/ Miranda
25	Vazante <i>Caboclo</i>	AF	ETNO	Aquidauana/ Corumbá
26	Vazante <i>Caeté</i>	AF	FITO/ ETNO	Aquidauana
27	Córrego <i>Cajuru</i>	AF	FITO	Aquidauana
28	Baía do <i>Cambará</i>	AF	FITO	Corumbá
29	Fazenda <i>Cambarazal</i>	AH	FITO	Aquidauana
30	Fazenda <i>Cambarazinho</i>	AH	FITO	Aquidauana
31	Retiro <i>Cambuquira</i>	AH	FITO	Corumbá
32	Córrego <i>Capivara</i>	AF	ZOO/FITO	Corumbá
33	Rio <i>Capivari</i>	AF	HIDRO	Aquidauana
34	Rio <i>Caracará</i>	AF	ZOO/ETNO	Corumbá
35	Vazante <i>Caraguatá</i>	AF	FITO	Aquidauana/ Corumbá
36	Rio <i>Caraguazinho</i>	AF	FITO	Corumbá
37	Fazenda <i>Carajá</i>	AH	ETNO/ZOO	Aquidauana/ Miranda
38	Fazenda <i>Carandá</i>	AH	FITO	Aquidauana/ Corumbá/ Miranda
39	Fazenda <i>Carandazal</i>	AH	FITO	Aquidauana/ Corumbá/ Miranda
40	Colônia <i>Carandazinho</i>	AH	FITO	Aquidauana
41	Fazenda <i>Caranday</i>	AH	FITO/ERGO/ HIDRO	Corumbá
42	Rio <i>Chapena</i>	AF	ERGO	Aquidauana/ Corumbá/ Miranda
43	Morro do <i>Chané</i>	AF	ETNO	Corumbá
44	Córrego <i>Cipó</i>	AF	FITO	Corumbá
45	Colônia <i>Cipolândia</i>	AH	FITO	Aquidauana/ Corumbá
46	Córrego <i>Congonha</i>	AF	FITO	Corumbá
47	Retiro	AH	FITO/ZOO	Aquidauana

	<i>Cumbaru</i>			
48	Fazenda <i>Curicaca</i>	AH	ZOO	Aquidauana/ Corumbá/ Miranda
49	Fazenda <i>Guabiroba</i>	AH	FITO	Aquidauana/ Corumbá
50	Fazenda <i>Guanabara</i>	AH	HIDRO/ERGO	Aquidauana/ Corumbá
51	Fazenda <i>Guanandi</i>	AH	FITO	Aquidauana/ Corumbá
52	Vazante <i>Guanandizal</i>	AF	FITO	Corumbá
53	Fazenda <i>Guarani</i>	AH	ETNO	Aquidauana
54	Corixo <i>Guirá</i>	AF	ZOO	Corumbá
55	Retiro <i>Iara</i>	AH	MITO	Aquidauana
56	Fazenda <i>Iguaçu</i>	AH	DIMENSIO	Aquidauana/ Corumbá
57	Aldeia <i>Imbirussu</i>	AH	FITO	Aquidauana
58	Córrego <i>Indaiá</i>	AF	FITO	Aquidauana/ Corumbá
59	Fazenda <i>Indaial</i>	AH	FITO	Aquidauana
60	Vazante <i>Ingá</i>	AF	FITO	Aquidauana
61	Rio <i>Ingazal</i>	AF	FITO	Corumbá
62	Retiro <i>Itacatu</i>	AH	LITO	Aquidauana/ Miranda
63	Fazenda <i>Jabuti</i>	AH	ZOO	Aquidauana/ Corumbá
64	Lagoa <i>Jacaré</i>	AF	ZOO/FITO	Aquidauana/ Corumbá
65	Corixo <i>Jacu</i>	AF	ZOO	Corumbá
66	Fazenda <i>Jacutinga</i>	AH	ZOO/LITO	Aquidauana/ Corumbá/ Miranda
67	Fazenda <i>Jagaretê</i>	AH	ZOO	Aquidauana/ Miranda
68	Fazenda <i>Jaguatinga</i>	AH	ZOO	Corumbá
69	Fazenda <i>Jaraguá</i>	AH	GEO/FITO	Aquidauana/ Corumbá/ Miranda
70	Córrego <i>Jatobá</i>	AF	FITO	Aquidauana/ Corumbá
71	Córrego <i>Jenipapo</i>	AF	FITO	Corumbá
72	Córrego <i>Jibóia</i>	AF	ZOO/FITO	Aquidauana/ Corumbá
73	Morro <i>Lalima</i>	AF	HIDRO	Aquidauana/ Corumbá/

				Miranda
74	Córrego <i>Macaúba</i>	AF	FITO	Aquidauana/ Corumbá
75	Fazenda <i>Mangaba</i>	AH	FITO	Corumbá
76	Vazante <i>Mangabal</i>	AF	FITO	Aquidauana
77	Córrego <i>Mangabinha</i>	AF	FITO	Aquidauana/ Corumbá
78	Rio <i>Nabileque</i>	AF	LITO	Corumbá
79	Rio <i>Naitaka</i>	AF	ANIMO	Corumbá
80	Córrego <i>Naxedaxe</i>	AF	ERGO	Miranda
81	Fazenda <i>Nhumirim</i>	AH	FITO	Aquidauana/ Corumbá
82	Baía <i>Nhuvai</i>	AF	FITO	Corumbá
83	Fazenda <i>Nhuverá</i>	AH	FITO	Corumbá
84	Rio <i>Nioaque</i>	AF	SOMA	Corumbá
85	Fazenda <i>Panamá</i>	AH	ZOO/FITO/ ERGO	Aquidauana/ Miranda
86	Rio <i>Paraguai</i>	AF	HIDRO	Corumbá
87	Vazante <i>Piauí</i>	AF	HIDRO	Corumbá
88	Córrego da <i>Pindaíba</i>	AF	ERGO/ANIMO/ FITO	Corumbá
89	Córrego <i>Pindaival</i>	AF	FITO	Corumbá
90	Córrego <i>Pindaivão</i>	AF	FITO	Aquidauana
91	Fazenda <i>Pindorama</i>	AH	CORO/FITO	Corumbá
92	Fazenda <i>Pirah</i>	AH	ZOO	Aquidauana
93	Fazenda <i>Piracicaba</i>	AH	HIDRO	Corumbá
94	Fazenda <i>Pirapó</i>	AH	HIDRO/ZOO	Aquidauana
95	Córrego <i>Piraputanga</i>	AF	ZOO	Aquidauana/ Corumbá
96	Fazenda <i>Piratininga</i>	AH	ZOO/CORO	Aquidauana
97	Fazenda <i>Pirizal</i>	AH	FITO	Aquidauana/ Corumbá/ Miranda
98	Córrego <i>Pitangueira</i>	AF	FITO	Corumbá
99	Fazenda <i>Piúva</i>	AH	FITO	Aquidauana
100	Fazenda <i>Piuval</i>	AH	FITO	Corumbá
101	Córrego <i>Pombeiro</i>	AF	MITO	Aquidauana
102	Córrego <i>Sapé</i>	AF	FITO	Aquidauana/ Corumbá

103	Fazenda <i>Sapucaia</i>	AH	ZOO/FITO	Corumbá
104	Fazenda <i>Seriema</i>	AH	ZOO	Aquidauana/ Corumbá/ Miranda
105	Fazenda <i>Sucupira</i>	AH	FITO	Corumbá
106	Retiro <i>Sucupiral</i>	AH	FITO	Aquidauana
107	Córrego <i>Sucuri</i>	AF	ZOO	Aquidauana/ Corumbá/ Miranda
108	Fazenda <i>Sucurizinho</i>	AH	ZOO	Aquidauana
109	Fazenda <i>Tabatinga</i>	AH	POLIO/LITO	Corumbá/ Miranda
110	Fazenda <i>Taboca</i>	AH	FITO/DIMENSIO	Aquidauana
111	Fazenda <i>Tabocal</i>	AH	FITO	Aquidauana
112	Corixo <i>Taboquinha</i>	AF	FITO	Corumbá
113	Sítio <i>Tangará</i>	AH	ZOO	Aquidauana
114	Fazenda <i>Tapera</i>	AH	ECO	Aquidauana/ Corumbá/ Miranda
115	Fazenda <i>Taquara</i>	AH	FITO	Corumbá
116	Córrego <i>Taquaral</i>	AF	FITO	Aquidauana/ Miranda
117	Fazenda <i>Taquaralzinho</i>	AH	FITO	Aquidauana/ Miranda
118	Fazenda <i>Taquaretinha</i>	AH	FITO	Corumbá
119	Brejo do <i>Taquari</i>	AF	FITO/HIDRO	Aquidauana
120	Córrego <i>Taquerussu</i>	AF	FITO	Aquidauana/ Corumbá
121	Sítio <i>Tarigara</i>	AH	MITO/ZOO	Aquidauana
122	Córrego <i>Tarumã</i>	AF	FITO/ETNO	Aquidauana/ Corumbá
123	Córrego <i>Tarumãzinho</i>	AF	FITO	Corumbá
124	Fazenda <i>Tereré</i>	AH	FITO	Corumbá
125	Baía <i>Tucum</i>	AF	FITO/ZOO	Corumbá
126	Fazenda <i>Tucumã</i>	AH	FITO	Corumbá
127	Fazenda <i>Tuiuiu</i>	AH	ZOO/LITO	Aquidauana/ Corumbá
128	Fazenda <i>Tupaci</i>	AH	HAGIO	Corumbá
129	Fazenda			Aquidauana/

	<i>Urucum</i>	AH	FITO	Corumbá/ Miranda
130	Fazenda <i>Urumbeva</i>	AH	FITO	Aquidauana/ Miranda
131	Estrada do <i>Xatelodo</i>	AH	FITO	Miranda

Quadro 4- Topônimos híbridos: indígena/português

Acurizal	Mangabal
Aguassuzinho	Mangabinha
Angical	Pindaival
Bacaiuvai	Pindaivão
Baguaçu zinho.	Pirizal
Buritizal	Pitangueira
Buritizinho	Piuval
Cambarazal	Sucupiral
Cambarazinho	Sucurizinho
Caraguazinho	Tabocal
Carandazal	Taboquinha
Carandazinho	Taquaral
Cipolândia	Taquaralzinho
Indaial	Taquaretinha
Ingazal	Tarumãzinho

Neste capítulo apresentamos os procedimentos metodológicos utilizados no decorrer da pesquisa, a metodologia de coleta de dados e o *corpus* a ser analisado. A seguir abordaremos os principais acontecimentos que envolveram a história da criação e desenvolvimento do Estado de Mato Grosso do Sul, das regiões focalizadas em nosso trabalho e também o processo de povoamento indígena ocorrido nessas regiões como forma de melhor contextualizar a origem de nossos topônimos.

CAPÍTULO 3

O ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL: CONSTITUIÇÃO POLÍTICA E HISTÓRICO-GEOGRÁFICA

Este capítulo tem como objetivo descrever os principais acontecimentos que envolveram a história da criação, povoamento e desenvolvimento do estado de Mato Grosso do Sul. Inicialmente, apresentamos um breve panorama histórico e social do Estado. Em seguida, são apresentadas as características geográficas e históricas dos municípios de Aquidauana, Corumbá e Miranda, foco de nosso estudo. Destacamos que, como nosso objetivo principal é ressaltar a presença e influência das línguas indígenas na escolha dos designativos que configuram a toponímia sul-mato-grossense, abordamos apenas os aspectos que representam, de alguma forma, a importância da população indígena na região.

3.1 Panorama histórico e social do estado de Mato Grosso do Sul

A trajetória do estado de Mato Grosso do Sul até a data de seu desmembramento do Estado de Mato Grosso, quando alcançou o status de estado independente, foi marcada por muitas batalhas e conquistas.

Segundo Gressler *et al* (2008, p. 45), “o processo de descoberta e conquista das terras da Coroa Espanhola na América do Sul e, por extensão, Mato Grosso do Sul, iniciou-se com a viagem empreendida pelo espanhol Juan Dias de Solis no ano de 1515”. Em busca de uma rota que ligasse o oceano Atlântico ao Pacífico, Solis encontrou a foz do rio da Prata e, ao desembarcar no litoral uruguaio, acabou sendo morto por nativos. Porém, ainda segundo a autora, nesse retorno à Espanha, uma das naus da Esquadra de Solis naufragou nas costas de Santa Catarina e, dentre os sobreviventes do naufrágio, encontrava-se o português Aleixo Garcia, considerado o primeiro europeu a percorrer as terras de Mato Grosso do Sul.

A respeito disso, Rodrigues (1983) registra que, logo após o descobrimento do Brasil, Aleixo Garcia e alguns companheiros iniciaram uma viagem percorrendo o caminho rumo a “Sierra de La Plata”, descendo pelo leito do antigo Mar de Xaraés, atual rio Miranda, até chegar ao rio Paraguai, em busca da exploração de riquezas naturais. Assim, o processo da colonização sul-mato-grossense pautou-se, a princípio, pelo processo de colonização empreendido pelos portugueses com o objetivo de extrair o maior número possível de

riquezas naturais, além de capturar indígenas, especialmente guaranis, para trabalharem nas fazendas, engenhos e minas de ouro e prata.

Por outro lado, Campestrini e Guimarães (2002) destacam que a história de Mato Grosso, que mais tarde viria a tornar-se Mato Grosso do Sul, teve início em 1718, com a viagem chefiada pelo sertanista Antônio Pires de Campos. Com o objetivo de capturar indígenas para mão de obra escrava, percorreram o caminho do córrego Varadouro até chegarem à região onde hoje se encontra a capital sul-mato-grossense. Esse foi considerado o ponto de partida para que outras expedições empreendessem novas incursões percorrendo estas e outras rotas até chegar aos índios, solidificando, dessa forma, a prática da mineração.

Com a descoberta da existência de ouro e prata no estado e a notícia da facilidade de se conseguir riqueza, ocorreu um intenso processo migratório para as terras do oeste brasileiro, transformando os rios pantaneiros em rotas para essas monções (CAMPESTRINI; GUIMARÃES, 2002). Esse intenso processo migratório propiciou a criação de diversas vilas e povoados, que mais tarde converteram-se em cidades, como Cuiabá e Poconé.

Segundo Gonsalves (2003), a partir dessa descoberta tornaram-se constantes as viagens empreendidas pelos bandeirantes; frequentes também se tornaram os ataques que esses bandeirantes sofriam dos índios guaicurús, conhecidos como índios cavaleiros que habitavam as terras situadas entre os rios Taquari e Mondego. Tentando evitar esses confrontos, os bandeirantes empreenderam novas rotas, o que não impediu que surgissem novas investidas, lideradas dessa vez pelos índios paiaguás, ou índios canoeiros, como eram conhecidos por sua intensa habilidade no remo. De acordo com relatos paulistas, outros problemas foram enfrentados pelos monçoeiros em seus trajetos pelas águas, como o mar bravio e grande proliferação de mosquitos.

Com as constantes expedições marítimas pelo oceano Atlântico, realizadas desde o começo do século XV, os portugueses passaram a acreditar que possuíam direitos sobre as terras “encontradas por Colombo” e cuja posse pertencia à Coroa Espanhola. Assim, para evitar maiores conflitos, Portugal e Espanha fizeram um acordo dividindo entre si as terras descobertas até o momento e, por extensão, as terras que estavam por descobrir. Dessa forma, em 1494, foi assinado, na cidade espanhola de Tordesilhas, um acordo intitulado Tratado de Tordesilhas²¹, dividindo entre os dois países, as terras da América.

²¹ De acordo com o Tratado de Tordesilhas, firmado seis anos antes de Cabral chegar ao Brasil, estabelecia-se uma linha imaginária, situada a 370 léguas das ilhas de Cabo Verde: as terras a leste do meridiano de Tordesilhas pertenceriam a Portugal, e as terras a oeste, Espanha.

No entanto, segundo Gressler *et al* (2008, p. 45), “no começo do século XVII esta divisão administrativa foi separada em duas: a Província do Rio da Prata, com sede em Buenos Aires, e a Província do Paraguai, com sede em Assunção”. Dessa forma, as terras de Mato Grosso do Sul passaram a pertencer à Província do Paraguai até o ano de 1750, quando Portugal direcionou sua atenção para a região sul da capitania, assinando então o Tratado de Madrid, segundo o qual Portugal e Espanha violam o Tratado de Tordesilhas: a partir desse acordo, essas terras passaram a pertencer ao domínio de Portugal. Assim, somente depois da segunda metade do século XVIII, o estado de Mato Grosso do Sul passou a ser parte do Brasil, que, por sua vez, apenas em 1822 tornou-se independente de Portugal.

Em 1772, o governo da capitania de Mato Grosso foi assumido pelo general Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres. A essa época, o Tratado de Madrid já não estava mais em vigor, de modo que o objetivo desse governo era garantir a posse das terras para a Coroa portuguesa por meio do processo de povoamento da região. Em 1775, por sugestão do sertanista José Leme do Prado ao governo de Mato Grosso, foi fundado um forte no local anteriormente denominado Fecho dos Morros. Esse forte foi nomeado posteriormente de Forte Coimbra, localizado à margem direita do rio Paraguai, cujo objetivo era impedir as incursões espanholas e conter as agressividades dos temidos índios paiaguás e guaicurús. Foi justamente nessa região que começou a povoação de Albuquerque, local onde hoje se situa a cidade de Corumbá.

Posteriormente, no ano de 1778, construiu-se um novo forte, chamado de Nossa Senhora do Carmo do Rio Mondego (nome dado pelos espanhóis ao rio Miranda), que acabou dando origem à cidade de Miranda, uma das mais antigas do estado. Segundo os historiadores, foi nessa região que se estabeleceram os primeiros moradores, cerca de quinhentas pessoas, em sua maioria índios nativos. Esse povoamento propiciou a criação da vila de Miranda no ano de 1857, embora esta tenha sido reconhecida como tal apenas em 20 de janeiro de 1859.

Entre os anos 1865 e 1870, ocorreu a “Guerra do Paraguai”, considerada, segundo Gressler *et al* (2008, p. 74), “o mais longo conflito armado da América do Sul e uma das mais cruéis guerras do continente”. Com o fim da Guerra, o rio Paraguai passou a exercer um importante papel no crescimento do estado, o que propiciou um período de intensa prosperidade para a fronteira do atual estado de Mato Grosso do Sul, transformando a cidade de Corumbá no maior centro de desenvolvimento comercial da região.

No fim do século XIX, surgiu um novo ciclo econômico, voltado para a exploração da erva-mate e, com a construção da Ferrovia Noroeste do Brasil, em 1914, o

estado teve um grande progresso comercial, processo que acabou dando origem a outros municípios, como Água Clara, Ribas do Rio Pardo e Três Lagoas.

Para maior compreensão do processo de desenvolvimento do estado de Mato Grosso do Sul, bem como seu processo de povoamento e colonização, abordamos separadamente os fatos mais marcantes que solidificaram sua história.

3.2 A Guerra do Paraguai

Após sua independência da Espanha, ocorrida em 1811, o Paraguai tornou-se um país totalmente livre e poderoso. Passou a ter um projeto de industrialização autônoma, uma vez que, ao contrário dos países vizinhos, possuía suas próprias fábricas e, por isso mesmo, não dependia da Inglaterra, além de não ter contraído dívidas com os países estrangeiros.

Quando, em 1862, Solano López tornou-se governante do país, o Paraguai já se havia consolidado como uma nação forte e possuía uma variada gama de empreendimentos comerciais, como a fabricação de papel, tecidos, tinta e pólvora, além da exportação de erva-mate, couro e tabaco. A essa época, era fundamental para o desenvolvimento do comércio que se obtivesse o controle da navegação da bacia Platina, uma vez que era por ali que se escoava toda a produção da Argentina, Uruguai e Paraguai em direção ao oceano Atlântico. Dessa forma, segundo Gressler *et al* (2008, p. 76):

Para prosseguir em seu desenvolvimento econômico, o Paraguai necessitava urgentemente de uma saída para o oceano Atlântico. O Marechal Solano López tinha em mente a conquista de um grande território, que se estenderia até o mar e abrangeria algumas áreas reivindicadas também pela Argentina, Brasil e Uruguai. López alegava que o povo paraguaio descendia de indígenas que, no passado, haviam sido levados para lá pelos missionários jesuítas espanhóis. Iniciou então uma política externa agressiva para conquistá-lo.

Assim, ainda de acordo com as autoras, motivado pelas questões de violação de fronteiras entre o Brasil e o Uruguai e pela invasão do governo brasileiro ao território uruguaio em 1864, consideradas pelo então governador como uma ameaça expansionista, Solano López decidiu preparar seu país para a invasão às terras brasileiras.

Em decorrência desse acontecimento, Brasil, Argentina e Uruguai assinaram, em 1º de maio de 1865, o Tratado da Tríplice Aliança, com o objetivo de legitimar a guerra com o Paraguai e, assim, submetê-lo ao sistema político-econômico dominante no rio da Prata (ISQUINELO, 2002 *apud* TAVARES, 2004, p. 56).

Conforme registram Gressler *et al* (2008, p. 66-67), mesmo com o Tratado da Tríplice Aliança e sua tentativa de conter o Paraguai, os paraguaios invadiram o Brasil, mas foram derrotados em um dos maiores conflitos da América do Sul, que durou seis anos. Cardozo (2009, p. 108) assim descreve esse período:

López se preparou para esperar os aliados nas Lomas Valentinas, onde foi atacado²² em 17 de Dezembro por forças muito superiores. No começo da batalha, foram fuzilados o Bispo Palácios, Benigno López, José Berges, o general Barrios e muitos outros acusados como conspiradores. Sete dias durou o combate em que ambas as partes realizaram prodígios de heroísmo. No meio da luta, os generais aliados intimaram Lopez à rendição. O ultimato foi negado galhardosamente. López já se considerava perdido, quando percebeu que os brasileiros lhe deixavam passagem livre para um escape. Assim o fez com um punhado de sobreviventes. Em 30 de Dezembro de 1868 reuniram os sobreviventes em Pykysyry, na qual o desastre paraguaio era completo e a guerra parecia terminada. (TL)

De acordo com o autor, a última batalha que concedeu realmente a vitória ao Brasil ocorreu em 1º de março de 1870. O general brasileiro Correa da Câmara, após pequeno enfrentamento, ordenou que fuzilassem o marechal Solano López, acabando assim com a guerra (CARDOZO, 2009, p. 111).

Os indígenas, especialmente os terenas e guaicurús, tiveram efetiva participação nesse combate. Bittencourt e Ladeira (2000, p. 27) afirmam que esse foi o momento mais significativo na vida dos terenas, que, assim como os guaicurús, “aliaram-se aos brasileiros e lutaram para preservar seu território”. Essa aliança propiciou grande força ao exército brasileiro, que tinha ao seu lado a coragem e o espírito combativo dos guaicurús e, ao mesmo tempo, a subsistência e a prestação de serviços dos terenas:

O governo brasileiro também chamou índios de Mato Grosso para combaterem os paraguaios. Os Guaicurús lutaram ao lado do exército brasileiro, enquanto os Terena, que sempre foram grandes agricultores, além de enfrentar o exército paraguaio, também participaram da guerra fornecendo alimentos para os combatentes (BITTENCOURT; LADEIRA, 2000, p. 57)

²²López se apresto a esperar a los aliados en lomas Valentinas, donde fue atacado el 17 de diciembre con fuerzas muy superiores. Al comienzo de la batalla, fueron fusilados el obispo Palacios, Benigno López, José Berges, el general Barrios y muchos otros sindicados de conspiradores. Siete días duró el combate en que ambas partes hicieron prodigios de heroísmo. Al promediar la lucha, los generales aliados intimaron rendición a López. El ultimátum fue rechazado gallardamente. López ya se consideraba perdido, cuando advirtió que los brasileños le dejaban expedito el paso para una escapada. Así lo hizo con un puñado de sobrevivientes. El 30 de diciembre de 1868 capitularon los cercados en Pykysyry, con lo cual el desastre paraguayo era completo y parecía terminada la guerra. (CARDOZO, 2009, p. 108)

Com o fim da Guerra do Paraguai a região passou a viver um momento de grande prosperidade, transformando o rio Paraguai em um eixo fundamental para esse desenvolvimento. Abriram-se, a partir desse período, oportunidades para maiores investimentos tanto no setor agropecuário como no comércio de importação e exportação.

Entretanto, para os terenas, o fim da Guerra “significou a perda da maior parte do seu território, que passou a ser disputado pelos proprietários de terras brancos, que chegavam cada vez mais para plantar e criar gado” (BITTENCOURT; LADEIRA, 2000, p. 27), pois, como recompensa por seus atos de bravura, os guaicurus, hoje denominados apenas como kadiwéus, tiveram seu território demarcado pelo governo na região de Porto Murtinho. Os terenas perderam, entretanto, grande parte de suas terras, uma vez que,

[...] ao voltarem para suas antigas aldeias descobriram que muitas delas haviam sido totalmente destruídas e nunca mais foram reconstruídas ou recuperadas. O antigo território das aldeias já era disputado por novos proprietários, geralmente oficiais desmobilizados do exército que lucraram com a guerra e permaneceriam na região e os terenas que haviam lutado para garantirem os territórios que ocupavam, não tiveram este direito reconhecido pelo governo brasileiro (BITTENCOURT; LADEIRA, 2000, p. 75).

3.3 O ciclo da erva-mate e a companhia Mate Laranjeira

No fim do século XIX, surgiu, na fronteira sul-mato-grossense, um novo ciclo econômico, baseado na exploração da erva-mate, planta nativa existente na região da cabeceira do Apa até a região de Amambai e Maracaju.

O processo de exploração da erva-mate desempenhou um papel decisivo no processo de colonização e povoamento do sul de Mato Grosso, uma vez que contribuiu para o desenvolvimento econômico e também para a formação étnica e linguística da população que habitava essa região. O contato linguístico entre os indígenas e as demais etnias envolvidas nesse processo enriqueceu em muito o vocabulário, particularmente na designação dos utensílios utilizados na produção, muitos deles de origem indígena.

Dessa forma, a exploração dos indígenas para trabalhar nos ervais era cada vez mais frequente, pois, além de representarem mão de obra barata e estarem acostumados ao trabalho árduo, ainda conheciam muito bem o território, o que permitia que transitassem livremente conforme lhes fosse solicitado e que aprendessem com rapidez os ensinamentos dos demais ervateiros.

Segundo registros históricos e conforme aponta Tavares (2004), o ciclo da erva-mate iniciou-se em 1882, quando a Companhia Mate Laranjeira obteve o monopólio para a exploração dos ervais das terras situadas nas fronteiras entre Brasil e Paraguai. Silva (1992, p. 56 *apud* TAVARES, 2004, p. 59) aponta que, no fim dos anos 1930, a Companhia Mate Laranjeira já ocupava uma grande parcela do estado de Mato Grosso do Sul, detendo o controle de uma extensa área, onde explorava as reservas nativas da erva-mate. Exercia, dessa forma, uma grande influência econômica e política na história do estado. A Companhia expandiu-se rapidamente em virtude do fluxo migratório de trabalhadores que procuravam estabelecer-se nos ervais da região e, com isso, possibilitou a criação de diversos povoados, que mais tarde vieram a transformar-se em cidades.

Mesmo com a concessão do monopólio da exploração dos ervais da região sul entre os anos de 1882 a 1924, a Companhia Mate Laranjeira enfrentou, entretanto, grandes dificuldades econômicas, motivadas em parte pelo fato de a Argentina ter proibido a importação da erva-mate, além de passar a produzir e comercializar o produto. Gressler *et al* (2008, p. 105) destacam que “aos poucos o monopólio dos ervais nativos da Companhia passou a ser questionado, principalmente no que se referia à exploração da mão de obra indígena e à expulsão dos índios cuja mão de obra não era utilizada”.

Entre as inúmeras acusações feitas contra a Companhia Mate Laranjeira, Gressler *et al* (2008, p. 106) apontam o fato de que:

A maioria dos dirigentes e operários era estrangeiro, especialmente paraguaios e argentinos; a exploração sem controle das terras estava devastando os ervais; a dificuldade de povoamento do estado aumentava por causa do monopólio do arrendamento das terras pela Companhia; grande parte das rendas resultantes da produção eram canalizadas para a Argentina, pois a empresa deixava de beneficiar a erva no Brasil, vendendo-a como matéria prima para ser industrializada nos moinhos argentinos.

Assim, diante das inúmeras pressões ao governo de Mato Grosso, no ano de 1934 a Companhia Mate Laranjeira perdeu o direito à exclusividade de exploração da erva-mate e, com isso, outras empresas passaram a explorá-la comercialmente.

3.4 A divisão do estado

O crescente desenvolvimento econômico do sul do estado de Mato Grosso, baseado na pecuária e na agricultura, especialmente com a produção de soja e trigo, faz ressurgir a ideia da divisão do estado, discutido há longa data, mas só fortalecido a partir de 1930.

Um dos principais incentivos a essa divisão, segundo Gressler *et al* (2008), eram os estudos realizados na Escola Superior de Guerra, iniciados por oficiais desde a década de 1950. Entre os participantes desses estudos, encontrava-se o general Ernesto Geisel, que viria a governar o país entre os anos de 1974 e 1978, durante o regime militar.

Durante o mandato de Getúlio Vargas, o enfraquecimento do movimento separatista originou a criação do Território Federal de Ponta Porã, mas, com a redemocratização do país, esse movimento tornou a ganhar vida e, a partir desse momento, voltou-se a discutir o propósito de separação do estado e, em 11 de outubro de 1977, “Geisel sancionou a lei que dividiu o estado de Mato Grosso, criando o estado de Mato Grosso do Sul, com capital em Campo Grande”. (GRESSLER *et al.*, 2008, p. 97).

3.5 O processo de povoamento de Mato Grosso do Sul: a presença indígena

O processo de povoamento no estado de Mato Grosso do Sul iniciou-se no século XVI, com a chegada dos europeus. A princípio, essa área foi dominada pelos espanhóis, que fundaram um pequeno povoado com o nome de Santiago de Xerez (OLIVEIRA, 1999 *apud* TAVARES, 2004, p. 55). A essa época, segundo palavras de Gressler *et al* (2008, p.16), “entre os nativos do território sul-mato-grossense, os mais numerosos [...] eram os Guaranis. Excelentes agricultores plantavam principalmente milho e mandioca”.

Segundo os relatos históricos, a presença das bandeiras paulistas é registrada ainda no século XVII. Foi nesse período que os colonizadores espanhóis e portugueses intensificaram ainda mais suas buscas aos índios guaranis para que trabalhassem como mão de obra nas atividades agrícolas e de mineração.

Em decorrência da descoberta de ouro na região de Cuiabá, começaram a surgir as primeiras povoações nas proximidades da cidade, cujo objetivo era defender a fronteira entre o território brasileiro e as terras paraguaias. Assim, os desbravadores empreendiam suas buscas às jazidas de ouro nas imediações de Cuiabá, percorrendo, para isso, o Sul do então estado de Mato Grosso. Corrêa Filho (1946, p. 139) ressalta que

a causa principal do povoamento de Mato Grosso registrou-se lhe [...] a existência de minerais preciosos no rico solo, logo ao abrir-se a história da sua vida social, iniciada pelos andejos bandeirantes, que as pepitas de ouro de coxipó converteram em mineradores.

Mediante esse processo de garimpagem, no ano de 1830 já se registrava a presença dos primeiros aglomerados humanos, que mais tarde se converteram no atual estado de Mato Grosso do Sul. Nesse período, encontravam-se moradores nos arredores do Forte, ou presídio de Miranda, no Forte Coimbra, nos povoados de Albuquerque, na fazenda Camapuã²³, no destacamento de Piquiri e no sertão de Garcias. (CAMPESTRINI; GUIMARÃES, 2002).

Também tiveram participação ativa nesse processo de povoamento as monções, que tinham o rio Tietê como eixo principal em suas expedições (GRESSLER; SWENSSON, 1988, p. 11). No decorrer dessas viagens, os monçoeiros enfrentavam diversas dificuldades, como a velocidade das correntezas, galhos de árvores frondosas que dificultavam a navegação, inúmeras cachoeiras e corredeiras, além dos constantes ataques indígenas. Holanda (2000, p. 94-95), ao referir-se aos paiaguás e depois aos guaicurús, faz a seguinte observação:

Dizem as crônicas que, até 1725, ninguém sabia ao certo que índios eram estes, tão destros na arte de navegar, nem onde habitavam nem que nome tinham. Os Guaicurús, ao contrário, eram antigos conhecedores dos bandeirantes. Os paulistas que primeiro penetraram os sertões de Vacaria encontraram-nos de posse de cavalgadura e de armas de procedência européia, como terçados e facões. As planuras que habitavam, os instintos predatórios que os caracterizavam e sua vida ambulatória os deviam ter predisposto, de longa data, ao uso do cavalo, introduzido pelos espanhóis [...] Longe de ter tornado personagem intrusa e supérflua, o cavalo deveria coordenar-se a semelhante sociedade, como órgão de uma função necessária.

Durante esse período de aprisionamento dos indígenas e na busca constante pelas jazidas de ouro, houve um grande enfraquecimento da etnia guarani, o que possibilitou a entrada de outros povos indígenas, como os aruakes e os guaicurús, que penetraram na região sul do Pantanal. Os aruakes hoje são representados pelos índios terenas, enquanto os

²³ A fazenda Camapuã foi um dos primeiros núcleos de povoamento da região de Mato Grosso do Sul. Surgiu por volta de 1720 e tornou-se ponto de parada obrigatória para os monçoeiros que partiam em busca de capturar indígenas para a exploração de metais preciosos.

guaicurús estão reduzidos a menos de mil índios guanás ou kadiwéus. (GRESSLER *et al*, 2008, p.16).

Os indígenas tentaram resistir bravamente à dominação europeia, mas o resultado foi o quase extermínio dessa população. Uma prova disso é a grande redução no número de línguas indígenas faladas no Brasil. Conforme o apontamento de Seki (2000, p. 238):

Atualmente 180 línguas indígenas são faladas no Brasil. De fato, não há absoluta certeza quanto ao número, o que se deve às dificuldades inerentes à definição técnica do que seja propriamente uma língua (em relação a dialeto, formas antigas e modernas etc.), agravadas pela carência ainda existente de informações sobre as línguas e seus falantes. Estima-se que, no decorrer dos 500 anos de colonização, cerca de mil línguas se perderam devido ao desaparecimento físico dos falantes, em decorrência de epidemias, extermínio direto, escravidão, redução de territórios, destruição das condições de sobrevivência e aculturação forçada, entre outros fatores que sempre acompanharam as frentes de expansão desde o período colonial até nossos dias. Um exemplo atual é o caso de avanço sobre a área Terra do Sol, em Roraima, habitada pelos grupos indígenas makuxí, wapixana, ingarikó e taurepang. A extensão da perda pode ser claramente visualizada através da localização atual de grupos e línguas indígenas: estão concentrados nas regiões Amazônica e Centro-Oeste, nos Estados do Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima, Acre, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e Tocantins e, em menor proporção, em outros Estados, tendo desaparecido na prática totalidade da região Leste, de Norte a Sul do País, e mesmo em parte da Amazônia.

A respeito disso, Rodrigues (2005a, p. 2) ressalta que, em face da imprecisão da distinção entre línguas e dialetos, pode haver uma margem de erro tanto para mais quanto para menos na contagem apresentada. Ainda segundo o autor, nesse número ainda podem ser incluídas duas ou três línguas que deixaram de ser faladas nos últimos cinco anos. Há, ainda, os registros do Departamento de Índios Isolados da FUNAI, segundo os quais, entre esses povos ainda sem contato com a nossa sociedade, pode haver idiomas ainda não conhecidos.

Consoante Gressler *et al* (2008), a maior concentração da população indígena brasileira encontra-se hoje na região amazônica, onde, segundo dados do IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia, apresentados em 2000, vivem cerca de 200 mil indígenas, ao passo que, em Mato Grosso do Sul, estado onde se concentra a segunda maior população indígena do país, vivem cerca de 54 mil indígenas, morando em aldeias ou mesmo fora delas.

A respeito dessa população indígena, as autoras destacam que os únicos indígenas que têm título de posse de suas terras são os Kadiwéus, da Reserva de Bodoquena, área de 373.024 hectares localizada no antigo município de Corumbá. De acordo com as autoras, essa

área foi doada pelo imperador Dom Pedro II como forma de recompensa pela participação desses indígenas na Guerra do Paraguai.

3.6 Aspectos geográficos e históricos da mesorregião dos pantanais sul-mato-grossenses

3.6.1 O pantanal sul-mato-grossense

Conforme aponta Maeda (2006, p. 78), os limites do Pantanal ainda não foram claramente definidos, tendo em vista as muitas divergências ou diversificações tanto em relação às delimitações quanto às subdivisões que esse ecossistema apresenta. Essas variações podem ocorrer, de acordo com o autor estudado, a época em que as fontes foram publicadas ou os critérios usados a fim de conceituar esse sistema ecológico.

Quanto aos aspectos físicos, o Pantanal tem como principal característica seu sistema hidrográfico permeado de bacias, salinas, vazantes e corixos, o que, de acordo com Nogueira (2002 *apud* MAEDA, 2006, p. 78), favorece a diversidade da região e leva os habitantes locais a defenderem a existência de vários pantanais. Destaca-se, portanto, que, embora exista essa variedade de denominações e delimitações do Pantanal, quase todas elas são determinadas levando-se em conta os rios que a rodeiam.

Procuramos não nos prender a discussões mais profundas sobre a natureza dessas divisões e delimitações, já que, no contexto deste trabalho, o objetivo é estudar os topônimos que designam os acidentes físicos e humanos das regiões de Aquidauana, Corumbá e Miranda, que fazem parte da Mesorregião dos Pantanais Sul-Mato-Grossenses, cuja formação é composta pelos municípios de Anastácio, Aquidauana, Corumbá, Dois Irmãos do Buriti, Ladário, Porto Murtinho e Miranda.

Na sequência, são apresentados os aspectos que caracterizam individualmente os municípios de Aquidauana, Corumbá e Miranda, no estado de Mato Grosso do Sul.

3.6.2 A cidade de Aquidauana: da procura à fundação

Robba (1992, p. 31), em artigo publicado no *Pequeno Álbum Histórico de Aquidauana*, assim descreve a fundação da cidade:

Desde os tempos anteriores à Guerra do Paraguai, cogitava-se de transferir a Vila de Miranda para outra localidade [...] afirmando que em sua grande extensão, bordam-na terrenos baixos, que as chuvas inundam num instante e que com a mesma rapidez secam pelas ações dos raios ardentes do sol. A idéia primitiva era a de se mudar aquele povoado, mas, a ação política veio, não só trocar a idéia, como apressar sua realização. [...] Havendo cindido o partido dominante daquela época, o momento propiciou a fundação de um novo povoado e em 1888 saiu de Miranda a fim de fazer uma vistoria nas terras de Burity, uma comissão da qual fazia parte na qualidade de perito o influente político Cel. Antônio Xavier Castelo. [...] A 6 de Abril de 1892, o Cel. Theodoro Rondon e o Cel. Augusto Mascarenhas foram visitar o Burity; mas o lugar pertencia as Sr. Felipe Pereira Mendes e ambos acharam que não podiam fundar uma vila numa propriedade particular. Saíram do Burity [...] e chegaram às planícies emolduradas pela estupenda serra do Amambai e pelo mais belo rio do mundo, o Aquidauana.

Segundo relatos históricos, os desbravadores ficaram deslumbrados com a beleza do lugar e iniciaram uma intensa negociação com o então dono do terreno, João Dias da Cruz Cordeiro, que, depois de muito argumentar, decidiu pela venda do terreno por um valor de dois contos e trezentos mil réis, sendo um conto de réis em dinheiro e o restante em gado, o que somava cerca de quarenta e sete cabeças.

Com o consentimento do possuidor das terras, Rondon passou a percorrer os outros municípios em busca de assinaturas e contribuições para efetuar o pagamento do terreno e, enfim, em 27 de julho de 1892, foi lavrada, pelo tabelião Cecílio Claro da Silva, a escritura do terreno do novo povoado (ROBBA, 1992, p. 31).

Mesmo com toda essa movimentação, Aquidauana só foi elevada à condição de município no ano de 1906, deixando enfim de pertencer à jurisdição de Miranda.

3.6.3 O processo de povoamento em Aquidauana: os imigrantes

De acordo com Robba (1992, p. 23), o território do município de Aquidauana e a região do rio Paraguai foram explorados primeiramente pelos espanhóis no século XVI, com destaque para Juan Ayala, no ano de 1537, Alvarez Cabeza de Vaca, no ano de 1543, e Martinez Irala e Nuflo Chaves, no ano de 1547. Dessa forma,

O marco principal dessa penetração e posse foi de Ruy Dias Melgarejo, que em 1580 teria fundado o povoado de Santiago de Xerez às margens do rio Mbotetéu (rio Aquidauana), possivelmente a duas léguas abaixo da atual sede do município. Em 1643, Santiago teria sido elevada a bispado e, em 1640, destruída por uma bandeira paulista²⁴.

²⁴ Ibidem

Assim, ainda de acordo com o autor, a influência dos imigrantes em Aquidauana começou desde sua fundação e estes eram, em sua maioria, provenientes da região do Prata e, por não se adaptarem à Argentina e Uruguai, subiram o rio Paraguai até Corumbá. Posteriormente, com a construção da Ferrovia Noroeste de Brasil, chegaram a outros centros.

Os imigrantes que chegaram à região de Aquidauana eram de diversas nacionalidades. Entre eles, encontravam-se os italianos que vinham da região de Calábria e, ao se fixarem em Aquidauana, passaram a exercer as mais diversas atividades. Havia também os turcos, que, assim como os demais imigrantes de fala árabe, ao chegarem à região, dedicaram-se especialmente ao comércio ambulante de tecidos e armarinhos.

Quanto aos imigrantes japoneses, os mais recentes nesse processo imigratório chegaram a Aquidauana por volta de 1909 e passaram a dedicar-se primeiramente ao ramo agrícola, mas algum tempo depois empreenderam também o comércio de secos e molhados.

Pelo exposto, observa-se o quanto foi forte a influência dos imigrantes na formação e estruturação da cidade de Aquidauana, porém convém ressaltar que os primeiros registros de ocupação humana nesse território apontam, particularmente, a presença de várias etnias indígenas.

3.6.4 O município de Corumbá

Corumbá²⁵ é uma cidade colonial brasileira que se originou de iniciativas governamentais de cunho militar. Nasceu a partir da instalação de uma fortificação militar chamada Nossa Senhora do Albuquerque e, aos poucos, transformou-se em povoado, porém, no ano de 1800, esse povoado foi destruído por um violento incêndio do qual restou apenas a única capela do local.

Sua fundação ocorreu no dia 21 de setembro de 1778, por ordem do Capitão General Luiz de Albuquerque de Mello e Cáceres, à época presidente da Província de Mato Grosso. Holanda (2000, p. 140) descreve a criação de Corumbá da seguinte forma:

Em fins do século XVIII, quando tinha passado o maior perigo de assaltos do paiaçu e do Cavaleiro (referindo-se ao Guaicuru) fundaram-se nas margens do São Lourenço e mesmo do Paraguai, nos terrenos mais elevados que o Pantanal periódico não atinge algumas fazendas de criar gado e roças de milho e feijão. Foi um desses sítios privilegiados, assente à margem direita do Paraguai, que se estabeleceu em 1778 o povo de Albuquerque, núcleo primitivo da atual cidade de Corumbá, situada na face da ilha do Paraguai- Mirim esse centro fortificado

²⁵ Os dados apresentados foram retirados do site oficial da Prefeitura de Corumbá- <http://www.corumba.ms.gov.br/modules/tinyd1/index.php?id=3>

proporcionava, até certo ponto, aos navegantes, vantagens idênticas às que oferecia a fazenda de Camapoã. Proporcionava, principalmente, a possibilidade de repouso durante uma viagem trabalhosa e árdua. Por muito tempo constou apenas de um grande pátio, fechado, com casas em torno, formando quatro lances e um portão em frente ao rio. Oito anos depois de seu estabelecimento, em uma das vezes em que passou por ali o Capitão Ricardo Franco de Almeida Serra, sua população não ultrapassava duzentas almas.

De acordo com Gressler *et al* (2008), inicialmente Corumbá sobrevivia por meio de pequenas atividades pecuaristas e de um ainda inicial despontamento do comércio, que, aos poucos, fez que a cidade se consolidasse como um importante polo econômico. As autoras destacam, entretanto, que, no começo, a comunicação entre o povoado de Albuquerque e o resto do país era muito difícil e toda a rota de navegação para se chegar à capital federal, que à época era o Rio de Janeiro, só poderia ser feita pelos rios da bacia do Prata, particularmente pelo rio Paraguai, o que dificultava em muito o desenvolver da região de Corumbá. Como consequência desse lento progresso, a cidade só pôde atingir o status de vila a partir de 1850.

Outro fator de atraso para a cidade foi a invasão paraguaia no ano de 1865, deixando a cidade totalmente isolada durante o decorrer da Guerra do Paraguai. A situação só começou a regularizar-se em 1867, quando as tropas vindas de Cuiabá retomaram a posse da cidade, porém foi somente por volta de 1870, com o fim da Guerra do Paraguai, que Corumbá voltou a reerguer-se, embora devamos ressaltar que esse processo foi bastante lento, pois a cidade foi totalmente devastada. Por isso, na primeira fase depois da guerra, a preocupação principal era com a reconstrução da cidade e retomada das atividades econômicas. (GRESSLER *et al.*, 2008, p. 60).

Aos poucos a cidade recuperou seu dinamismo e tornou-se um importante eixo para o desenvolvimento brasileiro, pois tinha a seu favor uma situação geográfica favorecida: sua localização entre o norte e o sul da Província de Mato Grosso. Outro ponto favorável ao seu crescimento era o fato de possuir um porto fluvial de grande capacidade na época, pois foi através dele que chegaram as riquezas, o progresso, os migrantes e o desenvolvimento, favorecendo o processo de ocupação das fronteiras.

A partir de 1914, com a chegada da Ferrovia Noroeste do Brasil à cidade de Campo Grande e depois a Porto Esperança, no Noroeste do estado, Corumbá perdeu, entretanto, o contato com as grandes cidades do sudeste, o que resultou na perda da posição de principal centro econômico e político de Mato Grosso, sendo prontamente substituída pela cidade de Campo Grande, que mais tarde veio a transformar-se na capital de Mato Grosso do Sul. Foi somente ao final dos anos 1940, com a interligação da ferrovia, que Corumbá retomou suas atividades comerciais, especialmente com a exploração das reservas de calcário

e outros minérios. A partir do fim dos anos 1970, o turismo começou a ser explorado e, com ele, vieram o tombamento e a restauração de diversos patrimônios históricos da região.

Atualmente, a cidade de Corumbá constitui-se como o principal núcleo urbano da região do Pantanal, e, por ser a mais antiga e populosa cidade dessa região, além do fato de localizar-se no coração da planície pantaneira, é considerada a capital do Pantanal.

3.6.5 O município de Miranda²⁶

Fundada em 1580 e destruída pelos índios guaicurús, segundo relatos históricos, a cidade de Miranda é considerada um dos municípios mais antigos do estado de Mato Grosso do Sul, e sua história deve-se em parte ao desbravamento dos rios Miranda e Aquidauana, realizado pelo Capitão João Leme do Prado.

A construção da cidade começou em 1778, quando o Capitão Caetano Pinto de Miranda, à época governador da Capitania de Mato Grosso, ordenou a construção do Presídio Nossa Senhora do Carmo do Rio Mondego, nome dado pelos espanhóis ao rio Miranda e que tinha como objetivo principal prevenir-se das investidas dos paraguaios, cuja base de operações localizava-se às margens do rio Apa.

A população do distrito de Miranda cresceu vagarosamente, pois a ausência de melhores meios de navegação pelo antigo rio Mondego dificultava a subsistência desse povoado, contudo, de acordo com os historiadores, em 1797 já existiam aproximadamente 40 casas de pau a pique, fortificando assim a construção do povoado, doravante denominado Nossa Senhora do Carmo. Dentre as edificações da época, destacava-se a Igreja de Nossa Senhora do Carmo.

Mesmo com a construção iniciada no ano de 1778, esse povoado só foi elevado à condição de Vila em 1857, tendo como grande incentivador Francisco Rodrigues do Prado. Solidificava-se, a partir de então, a nomeada Vila de Miranda, topônimo adotado em homenagem ao Capitão-General das capitanias de Mato Grosso e Cuiabá, Caetano Pinto de Miranda Montenegro.

Posteriormente, como forma de proteger a vila, o Governo Imperial ordenou a fundação da Colônia Militar de Miranda, instalada em maio de 1878, após a Guerra do Paraguai. Com a instalação das tropas militares, a vila iniciou uma fase de rápido crescimento,

²⁶ Os dados sobre a cidade de Miranda foram retirados do site: <http://citybrazil.uol.com.br/ms/miranda/historia-da-cidade>.

de modo que, por ocasião do primeiro censo, realizado no ano 1872, Miranda era a localidade mais populosa do sul do estado de Mato Grosso, contando, à época, com 3852 habitantes.

Em 1912, foram inaugurados o telégrafo e a estação ferroviária da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, o que contribuiu muito para o desenvolvimento do município, que foi elevado à categoria de cidade mediante a Lei Estadual nº 772, em 16 de julho de 1918.

Atualmente, Miranda é uma cidade que ainda conserva muitas de suas raízes históricas. Isso é perceptível especialmente pelo grande número de edificações antigas e monumentos que remetem à sua criação e relembram sua história. Dentre essas edificações, destacam-se o monumento à Guerra do Paraguai, criado em 1931, a Estação Ferroviária de Miranda, construída em 1912, e o conjunto religioso formado pela sede da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Carmo e a antiga residência dos padres e freiras.

De acordo com a localização do município e pelas características da população local, supõe-se que foram os terenas os primeiros habitantes da região. Outro fator que contribui para essa suposição é a existência de várias aldeias terenas nessa região, sendo a Aldeia de Cachoeirinha a maior delas, que mais tarde seria subdividida, originando as aldeias Babaçu, Argola, Cachoeirinha sede e Morrinho. Além desses grupos, existem ainda as aldeias de Moreira, Passarinho e Lalima, o que fundamenta a afirmação de que a segunda maior população indígena do estado está concentrada no município de Miranda.

3.6.6 A ocupação indígena em Miranda e Aquidauana

Antes de passarmos às considerações sobre a presença indígena²⁷ na região, é necessário registrar a escolha de nosso título. Como o município de Aquidauana só deixou de pertencer legalmente à jurisdição de Miranda no ano de 1906, grande parte dos relatos, especialmente no que se relaciona à colonização e povoamento do território, considera os dois municípios como um só. Assim, a princípio os registros sobre a ocupação indígena nessa região referem-se primeiramente ao município de Miranda, para só depois dar ênfase ao município de Aquidauana.

Conforme aponta o relatório fornecido pelo diretor geral dos índios da província de Mato Grosso, com data de 1848, o antigo município de Miranda, do qual Aquidauana fazia parte, abrigava diversas etnias indígenas, como os kadiwéus, beaqueos, cologueus, kinikinaos, terenas, laianas e guaxis. Por meio de ofício de 12 de maio de 1846, apresentado por Robba

²⁷ Não encontramos registros específicos sobre a ocupação indígena em Corumbá.

(1992, p. 25-26), o então presidente de Mato Grosso, Ricardo José Gomes Jardim, aponta a seguinte definição para a população de Miranda:

As treze tribos do distrito de Miranda, compreendem aproximadamente 3.600 índios de ambos os sexos, e são uma Cutuguéos, uma Guíéos, e uma Beáqueos, tribus pertencientes á nação dos Guaicurús; uma de Kinikináos, três de Layanas, e seis de Terenas, tribus pertencientes á nação dos Chanés. [...] Existem ainda no mesmo distrito algumas famílias que restam da tribu dos Guaxys, que foi alli aldeada em muito maior numero.

De acordo com esse mesmo relatório, estas seis últimas aldeias de terenas formavam até pouco tempo uma só. Contava anteriormente com uma quantidade de 2600 a 2800 índios, mas, com a retirada do chefe principal, que passou a estabelecer-se em uma fazenda de gado, a aldeia subdividiu-se, formando novas aldeias. Robba (1992, p. 26) destaca que, com o fim da Guerra do Paraguai e com a criação de reservas próximas ao distrito de Taunay, os terenas ali se fixaram formando as aldeias de Ipegue e Bananal, que depois de algum tempo se subdividiram em Lagoinha, Água Branca, Embirucu e Morrinho. Outra dessas tribos saiu e instalou-se nas furnas da serra de Santa Bárbara, dando origem à aldeia de Limão Verde e, depois, à de Córrego Seco.

Conforme o autor, algum tempo depois os kinikinaos juntaram-se às aldeias terenas, mas, por serem em menor número, acabaram sendo absorvidos pela etnia terena, o que torna difícil o cálculo de quantos indígenas restaram dessa tribo. Hoje as aldeias de terenas do município de Aquidauana estão distribuídas entre o distrito de Taunay, com as aldeias de Ipegue, Bananal, Lagoinha, Água Branca, Embirucu e Morrinho, e o distrito da sede, com as aldeias de Limão Verde e Córrego Seco. Assim, a população indígena atual no município de Aquidauana é de 12 mil indivíduos, distribuída numa área de 8298 hectares.

Quanto à localização das terras indígenas das demais etnias existentes no estado de Mato Grosso do Sul, o ISA apresenta as seguintes informações:

Quadro 5- Localização das terras indígenas de Mato Grosso do Sul

Município	Nome da terra	Grupo indígena
Amambai	Aldeia Limão Verde Amambai Jaguari	Guarani-Kaiowá Guarani-Kaiowá/Guarani- Ñandeva Guarani-Kaiowá/Guarani- Ñandeva
Anastácio	Aldeinha	Terena

Antônio João	Aldeia Campestre Cerro Marangatu	Guarani-Kaiowá Guarani-Kaiowá
Aquidauana	Limão Verde Taunay/ Ipegue	Terena Terena
Aral Moreira	Guasuti	Guarani-Kaiowá
Bela Vista	Pirakua	Guarani-Kaiowá
Brasilândia	Ofayé-Xavante	Ofayé-Xavante
Caarapó	Caarapó Guiraroka	Guarani-Kaiowá/ Guarani- Ñandeva Guarani-Kaiowá
Coronel Sapucaia	Sete Cerros Taquaperi	Guarani-Kaiowá Guarani-Ñandeva
Corumbá	Guató Camba	Guató Kamba
Dois Irmãos do Buriti	Buriti	Terena
Douradina	Panambi	Guarani-Kaiowá
Dourados	Dourados Panambizinho	Terena/ Guarani- Kaiowá/ Guarani-Ñandeva Guarani-Kaiowá
Eldorado	Cerrito	Guarani-Kaiowá/ Guarani- Ñandeva
Laguna Carapã	Km 20/ Barrero Guassu Urucuty	Guarani-Kaiowá Guarani-Kaiowá
Maracaju	Sucuriy	Guarani- Kaiowá
Miranda	Cachoeirinha Lalima Nossa Senhora de Fátima Pilade Rebuá	Terena Terena/Kinikinao Terena Terena
Mundo Novo	Porto Lindo	Guarani-Ñandeva
Nioaque	Nioaque	Terena
Paranhos	Arroio Corá Potrero Guassu Takuaraty/ Yvykuarusu	Guarani-Kaiowá Guarani-Ñandeva Guarani-Kaiowá
Ponta Porã	Guaimbé Gua-y-viri Kokue-í Lima Campo Rancho Jacaré	Guarani-Kaiowá Guarani-Kaiowá Guarani-Kaiowá Guarani-Kaiowá Guarani-Kaiowá
Porto Murtinho	Kadiwéu	Kadiwéu/kinikinao/Terena
Rochedo	Água Limpa	Terena
Sete Quedas	Pirajuí Sombreiro	Guarani-Ñandeva Guarani-Ñandeva
Sidrolândia	Buritizinho	Guarani-Kaiowá
Tacuru	Jaguapiré Sassoró	Guarani-Kaiowá Guarani-Kaiowá

Fonte: Instituto Socioambiental, 2000.

Neste capítulo, apresentamos os principais acontecimentos que envolveram o processo de criação e desenvolvimento do estado de Mato Grosso do Sul, bem como o processo de ocupação indígena e o povoamento desse Estado. No capítulo a seguir, apresentamos alguns aspectos antropoculturais e linguísticos da população indígena da qual nossos topônimos se originaram. Convém ressaltar, entretanto, que, mesmo sendo grande o número de etnias existentes no estado, procuramos focalizar apenas aquelas que originaram os topônimos indígenas de nossa região de estudo, no caso, os tupis, guaranis, terenas e kadiwéus.

CAPÍTULO 4

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo tem por objetivo apresentar os dados que constituem nosso *corpus* de pesquisa, bem como a análise por meio de fichas lexicográfico-toponímicas. O intuito é mostrar a localização (o município) bem como a taxonomia e as informações a respeito do significado desses termos, obtidas em dicionários bilíngues indígena-português e em bibliografia pertinente à temática indígena.

4.1 Análise introdutória

Apresentamos, neste capítulo, um conjunto de 195 topônimos indígenas e híbridos (indígena-português) referentes aos termos que designam a toponímia rural das regiões de Aquidauana, Corumbá e Miranda, no estado de Mato Grosso do Sul. Estruturalmente, os dados estão dispostos em forma de fichas lexicográfico-toponímicas, já exemplificadas no 2º capítulo.

Em nossa análise, procuramos priorizar as informações referentes ao significado e à etimologia dos topônimos. Para tanto, elencamos as acepções apresentadas nas seguintes obras: Taunay (1875), Sampaio (1901), Mendes (1942), Dias (1970), Barbosa (1970), Kathib (1972), Cruz (1979), Tibiriçá (1984), Cunha (1982), Tibiriçá (1989), Guasch & Ortiz (1996), Tibiriçá (1997), Francisco & Francisco (1997), Cunha (1998), Houaiss e Vilar (2001), Griffiths (2002), Borba (2002), Ferreira (2004), Borba *et al* (2004), Greiser (2007) e Assis (2008). No preenchimento do campo “informações enciclopédicas”, apontamos uma definição comum em todos os dicionários e, na ausência dela, elencamos as diferentes acepções apresentadas; destacamos, porém, que nem todos os termos são apresentados em todos os dicionários consultados. Quanto à etimologia, optamos por apontar todas as etimologias disponibilizadas nos dicionários, o que explica as diferentes etimologias dadas a um mesmo termo, como ocorre em muitos de nossos nomes.

Mesmo não sendo nosso objetivo proceder a uma análise morfológica dos topônimos destacados, fizemos uma análise introdutória sobre a formação desses termos, tendo em vista que muitos são provenientes do tupi e, segundo Rodrigues (1951, p. 3), “um dos aspectos [...] mais importantes para quem quiser se dedicar à investigação etimológica é,

sem dúvida, o processo de composição nesta língua predominantemente incorporante. De igual importância é a derivação por meio de afixos”.

Outro aspecto bastante recorrente em nossos dados são os termos híbridos, formados em sua maioria por bases indígenas e afixos originados do português. Assim, recorreremos a suportes teóricos pertinentes à morfologia para fundamentar o processo de formação dos termos apresentados na análise.

De acordo com Basílio (2000, p. 84), “o caso mais comum [...] de processo morfológico a serviço da função expressiva da linguagem é o caso de diminutivos, aumentativos e superlativos”.

Segundo a autora, tanto o diminutivo quanto o aumentativo, além de indicarem uma proporção maior ou menor em relação àquilo que é considerado como um padrão normal, podem expressar também uma atitude emocional do falante em relação ao tamanho do objeto a que se refere.

No caso dos termos híbridos com sufixos diminutivos, o grau representa uma dimensão menor do que o normal, por isso o grau diminutivo é, em geral, definido como diminuição concreta de tamanho, mas também apresenta abrangência maior, indicando diminuição avaliativa, ou depreciação. (BASÍLIO, 2009, p. 70).

Para Basílio, o principal elemento formador de diminutivos em português é o sufixo *-inho*, que se alterna com *-zinho* quando a forma base termina em consoante, ditongo ou vogal acentuada, entretanto, se, por um lado, *-inho* e *-zinho* parecem ser complementares, uma vez que o segundo deles é utilizado em ambientes fonológicos em que o primeiro não ocorre, a autora ressalta que essa restrição não é absoluta.

A respeito dessa formação, Costa (2002, p. 126) aponta que “o sufixo diminutivo apresenta estas duas formas alternantes e que o uso de uma ou outra é condicionado pela sequência de segmentos que constituem a última sílaba da base e pela tonicidade desta mesma sílaba”. Dessa forma, de acordo com a autora, a forma *-inho* ocorre em palavras formadas a partir de bases terminadas em vogais tônicas, em consoantes e em ditongos. Destaca, porém, que a regularidade dessa distribuição não é total, podendo ter a ocorrência de *-zinho* no mesmo contexto. A respeito disso, Cunha e Cintra (1985, p. 91) destacam que, “com exceção das palavras terminadas em *-s* e *-z*-, que exigem a forma *-inho*, não é fácil determinar os motivos que justificam a escolha entre essas duas formas”. Os autores apontam, contudo, certa predisposição da norma culta para a utilização de formações com *-zinho* e não *-inho*-, o que, segundo eles, decorre da intenção de preservar a pronúncia da unidade lexical da qual a nova palavra derivou.

Como exemplos de topônimos híbridos formados por sufixos diminutivos, encontramos em nosso *corpus* os nomes: *mangabinha*, *taboquinha* e *taquaretinha*/*aguassuzinho*, *baguaçuzinho*, *buritizinho*, *cambarazinho*, *caraguazinho*, *carandazinho*, *sucurizinho*, *taquaralzinho* e *tarumãzinho*.

Como exemplo de topônimo híbrido com sufixo aumentativo, temos, em nossos dados, o nome *pindaivão*, formado pelo acréscimo do sufixo aumentativo *-ão*. Sobre este tipo de formação, Rio-Torto (1998, p. 161) destaca que “abundam em português os nomes sufixados em *-ão* derivados de bases nominais. De acordo com a autora, a operação semântica associada à regra que os gera pode ser definida como uma operação de intensidade ou de aumento de alguma ou de algumas das propriedades designadas pela base.

Destacamos, porém, que a formação dos topônimos híbridos de maior ocorrência em nosso *corpus* foi a que se refere aos locativos. Segundo Rio-Torto (1998, p. 176), “o estatuto morfoderivacional dos diferentes tipos de locativos do português só pode ser explicado à luz da estrutura morfológica e semântica dos nomes que lhes servem de base e mediante o conhecimento da identidade estrutural e da própria história do sufixo em jogo”

De acordo com a autora, por nomes de lugar entendem-se diferentes categorias e produtos nominais. Como exemplo disso, temos “os nomes que designam lugares ou espaços, que integram, albergam ou que são preenchidos por grande quantidade do número de base” (RIO TORTO, 1998, p. 179).

No caso de nossos dados, temos os topônimos: *acurizal*, *angical*, *bacaiuval*, *buritizal*, *cambarazal*, *carandazal*, *guanandizal*, *indaial*, *mangabal*, *pindaival*, *pirizal*, *piuval*, *sucupiral*, *tabocal* e *taquaral*.

Outro exemplo de locativo é o caso do topônimo *pitangueira*, “locativo não deverbal que designa local/objeto continente de número de base; local/objeto/receptáculo [...]; local ou objeto onde se guarda, existe ou [...] está depositado o número de base” (RIO-TORTO, 1998, p. 182).

A respeito dessa formação, Basílio (2009, p. 75) aponta que, no caso do uso do sufixo *-eiro/a* com agentes vegetais, “incluem-se as plantas, sobretudo árvores, denominadas a partir de seu produto (fruta, flor, etc.)”.

Outro caso de termo híbrido encontrado em nossos dados é o topônimo “*cipolândia*”, cujo sufixo (*-lândia*) é geralmente utilizado como pospositivo em referência a locativos pátrios (terra, país, região), porém acreditamos que, ao ser utilizado com o designativo cipó, perdeu essa característica de locativo e passou a ser empregado como ideia de coletividade.

A propósito da motivação toponímica²⁸ dos designativos destacados, procuramos evidenciar, especialmente, a relação homem, ambiente e linguagem no ato da nomeação. Para isso, recorremos, em parte, a aspectos históricos. Destacamos, porém, que nossos dados foram analisados numa perspectiva sincrônica e não diacrônica.

4.2 Fichas lexicográfico-toponímicas: municípios de Aquidauana, Corumbá e Miranda

Antes de passarmos às fichas lexicográfico-toponímicas, convém que façamos algumas considerações a respeito das informações divergentes no que se refere à etimologia dos termos apresentados.

No decorrer de nossa análise, constatamos que é bastante considerável o número de topônimos que apresentam mais de uma etimologia, de acordo com os diferentes dicionários consultados. Essa divergência é mais comum nos nomes apontados como tupi e guarani respectivamente. Acreditamos que a ocorrência de tal dualidade decorra da semelhança e proximidade entre essas línguas, como já apontamos no capítulo anterior.

Destacamos também que essa contraposição ocorre inclusive entre obras de um mesmo autor, que aponta uma etimologia em um determinado momento e outra em um momento posterior.

Como já mencionamos, esse é um dos aspectos que dificulta o trabalho com termos de origem indígena, pois, a propósito do que afirma Rodrigues (1958, p. 3), em seu artigo “Contribuição para a etimologia dos brasileirismos”, “o prazer de descobrir a origem das palavras e das coisas é o que faz da investigação etimológica uma disciplina interessantíssima, mas também extremamente perigosa” [...]. Essa “periculosidade” ocorre especialmente no que diz respeito às palavras de origem ameríndia, “que têm estado expostas ao maior número de especulações e, por isso mesmo, é com respeito a elas que reina maior confusão”. Passemos às fichas lexicográfico-toponímicas.

A seguir, apresentaremos a análise dos resultados obtidos, levando em conta a natureza dos topônimos, as taxonomias, a origem e os significados dos topônimos registrados.

²⁸ Os aspectos referentes à motivação toponímica são discutidos no 6º capítulo, quando tratamos dos significados dos topônimos.

FICHA LEXICOGRÁFICO–TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>01</div></div>				“Acaiá”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantaneais sul- mato-grossense	Corumbá	Genérico	Córrego	1. Fruto da cajazeira.
		Específico	Acaiá	
Taxonomia	Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi			
Forma variante	Aka’ya, cajá, caiá, acaiacá.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Termo de origem tupi definido por Sampaio (1901, p.108) como correspondente à forma *acayá*, que denomina um fruto conhecido: o “vulgo *cajá*²⁹”.

Dias (1970, p. 13) aponta a forma variante *acajá*, “árvore frutífera”. Segundo o autor, “os indígenas chamavam-na também *ybamétara*; floresce no estio e dá frutos no inverno”.

Para Tibiriçá (1984, p. 49), o nome *acaiá* é uma forma variante do termo *acajá* ou *cajá*, o fruto da cajazeira. Cunha (1998, p. 43) aponta *acaiá* como forma variante de *acaiacá* que, por sua vez, corresponde à variação de *acayacá*, árvore da família das terebintáceas.

Já o dicionário Houaiss e Vilar (2001) apresenta a forma tupi *aka'ya* como correspondente ao termo aportuguesado *acaiá*. Os autores apontam a mesma definição que Tibiriçá deu ao termo e acrescenta que *acaiá* ou *acajá*, que é o mesmo que *cajá-manga*, um fruto bastante conhecido no Brasil.

²⁹ Destacamos que foram mantidas a definição e a grafia original apresentadas nas obras de consulta.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>02</div></div>				“Acurizal”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul- mato-grossense	Corumbá	Genérico	Fazenda	Extenso aglomerado de acuris em determinada área.
		Específico	Acurizal	
Taxonomia	Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi/português			
Forma variante	Não encontrada.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Termo híbrido formado pela junção do radical tupi *acuri* + sufixo coletivo do português- (z) al. Extenso aglomerado de acuris em determinada área (HOUAISS E VILAR, 2001). Este termo não se encontra dicionarizado nas demais obras consultadas.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>03</div></div>				“Aguacú”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul- mato-grossense	Aquidauana	Genérico	Vazante	1. Adjetivo “grande e grosso”.
		Específico	Aguacú	
Taxonomia	Dimensiotopônimo			
Etimologia	Tupi/guarani			
Forma variante	Guassu, guaçu, aguassu, açú, assú.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Termo apontado por Guasch & Ortiz (1996, p. 542) e Assis (2008, p. 62) como originado do guarani. Segundo os autores supracitados, corresponde ao adjetivo “grande, acima do normal, em volume, tamanho, intensidade e valor”.

Entretanto, há divergência quanto à origem desse termo, pois, de acordo com Sampaio (1901), Tibiriçá (1984), Cunha (1998) e Houaiss e Vilar (2001), *aguacú* é um termo de origem tupi.

Houaiss e Vilar (2001) apontam esse nome como um adjetivo de dois gêneros que significa “de grande porte; avultado, volumoso”. Tibiriçá (1984, p.105) apresenta *guaçú* como forma variante de *guassu*, cujo significado é “grande e grosso”, e Cunha (1998, p 45) acrescenta a definição “importante” aos demais significados apresentados.

Sobre a formação do grau aumentativo em tupi, Navarro (2006, p. 126) afirma que ela se faz com os sufixos *-ûasu* (*-gûassu*) ou *-usu -ûasu* (*gûasu*), que são usados quando o substantivo for oxítono, e *-usu*, quando o substantivo for paroxítono. Nesse caso, o substantivo que recebe esse sufixo perde o sufixo *-a*, quando o possuir. Como exemplo dessa formação podemos citar o topônimo *Pará*, que significa “mar” e apresenta a forma aumentativa *parágûasu*, “mar grande”.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>04</div></div>				“Aguassuzinho”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul-mato-grossense	Aquidauana/Corumbá	Genérico	Fazenda	1. Forma derivada de guaçu.
		Específico	Aguassuzinho	
Taxonomia	Dimensiotopônimo			
Etimologia	Tupi/guarani/português			
Forma variante	Não encontrada.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Termo híbrido formado pela junção do radical indígena tupi/guarani *guassu* + sufixo diminutivo do português- (z) inho. Este termo ainda não se encontra dicionarizado nas obras consultadas.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>05</div></div>				“Aguapé”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantaneais sul- mato-grossense	Aquidauana	Genérico	Fazenda	1. Planta aquática flutuante.
		Específico	Aguapé	
Taxonomia	Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi/guarani			
Forma variante	Aguapá, aguapeba, guapé, uapé.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Nome apontado por Sampaio (1901), Tibiriçá (1984), Cunha (1998) e Houaiss e Vilar (2001) como um termo de origem tupi.

De acordo com Sampaio (1901, p. 108), esse termo “tem como correspondente a forma *guapé* - *aguá-pé*, “redondo e chato”, aludindo à folha redonda, grossa e plana das nymphéas que cobrem alguns de nossos rios e lagoas”. Tibiriçá (1984, p. 52) aponta que o nome *aguapé* significa “nenúfar, planta aquática da família das ninfáceas”. Já Cunha (1998, p. 45) define este termo como “um nome comum às várias plantas que flutuam nas águas paradas; designação do tapete formado pelo emaranhado de plantas na superfície dos rios, lagos e pântanos e que obstrui muitas vezes a passagem das embarcações”.

Segundo Houaiss e Vilar (2001), “*aguapé* corresponde a *agwa'pe* 'nome indígena da vitória-régia', composto de '*agwa* ou *a'gwa* 'redondo' + '*pewa* 'chato, plano', pois as folhas parecem um prato”. Conforme os autores, “é uma designação comum a várias plantas aquáticas flutuantes, da família das pontederiáceas, de flores frequentemente violáceas ou azuis geralmente cultivadas como ornamentais”.

No entanto, para Assis (2008, p. 20), *aguapé* é um nome de origem guarani e significa “planta aquática flutuante”.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>06</div></div>				“Amambai”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantaneais sul-mato-grossense	Aquidauana	Genérico	Fazenda	1. Samambaia.
		Específico	Amambai	2. Rio das samambaias
Taxonomia	Fitotopônimo/ Hidrotopônimo			
Etimologia	Guarani			
Forma variante	Amambahy, ambayba, embayba, emba, amambaia, mambaia			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Termo apresentado por Sampaio (1901, p. 109) “como proveniente de *amambahy*”. Segundo o autor, esse termo possui uma interpretação incerta, isto é, “talvez seja um vocábulo equivalente à *ambayba* ou *embayba*, *emba*, árvore oca muito conhecida em Matto Grosso e Paraguay”. Em outra acepção, Sampaio apresenta samambaia como “correspondente de *çã-bamb-aí*, olho torcido e enrolado, olho que desponta enrolado” (SAMPAIO, 1901, p.149).

Tibiriçá (1997, p. 18) afirma que este termo provém do guarani “*Amambaí-y*, que significa “rio das *samambaias*”. Posteriormente, este mesmo autor define o topônimo *Amambai* como “*samambaia*, nome comum de várias plantas gleiquenáceas” (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 27).

Também seguindo esta etimologia, temos Guasch & Ortiz (1996, p. 517) e Assis (2008, p.27) que definem este topônimo como “*samambaia*, nome comum de inúmeras pteridófitas”.

Entretanto, conforme apontam Isquendo e Tavares (2005, p.139-140), “o topônimo *Amambai* configura-se como um dos mais controversos quanto à sua origem”. Segundo as autoras, Sampaio (1987, p. 311) apresenta a forma *çama-mbai*, termo associado a *samambaia* “traçado de cordas [...] entrelaçadas, [...] emaranhadas, alusão à trama confusa dessas plantas”. Apresentam, ainda, a acepção proposta por Bueno (1998, p. 558) que acrescenta à forma *amambay*, cujo radical- *amã*, significa chuva

Outra definição é ainda apresentada por Tavares (2004, p. 191) que, citando o dicionário³⁰ indígena, completa, em parte, a definição de Bueno ao apresentar o topônimo

³⁰ Dicionário on line, disponível no site www.dicionarioindigena.com.br.

Amambai como “feto dos lugares úmidos, *amambaia*, *mambaia* e *samambaia*; *Amambaí*, de *Amã*, que significa “rodear, enrolar” e *-baí/-paí*, que quer dizer “pendente”.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>07</div></div>				“Angico”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul- mato-grossense	Aquidauana/ Corumbá	Genérico	Fazenda	1. Árvore da família das leguminosas.
		Específico	Angico	
Taxonomia	Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi			
Forma variante	Ajyca, anjyca			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Topônimo apontado por Houaiss e Vilar (2001) como um termo de origem obscura, “Uma designação comum a várias árvores da família das leguminosas, nativas da América tropical, sendo frequentemente exploradas ou cultivadas por sua boa madeira”.

Contudo, Tibiriçá (1984, p. 59) advoga que *angico* é de origem tupi, “Uma provável corruptela de *ajyca*, espécie de acácia do Brasil”. Ainda segundo o autor, *angico* é uma alteração da palavra *anjyca*, que pode ser segmentada em dois termos: “*Ang (g)*, raiz tupi que significa “sombra” – por isso o autor defende que primitivamente deve ter sido sinônimo de árvore – e *jyca*, que literalmente designaria: árvore fibrosa, resistente” (TIBIRIÇÁ, 1997, p. 157).

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>08</div></div>				“Angical” ³¹
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul- mato-grossense	Aquidauana	Genérico	Córrego	1. Extenso aglomerado de angicos.
		Específico	Angical	
Taxonomia	Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi/português			
Forma variante	Não encontrada.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Termo híbrido formado pela junção do radical tupi *angico* + sufixo coletivo português- al. Segundo Houaiss e Vilar (2001), esse termo significa: “extenso aglomerado de angicos em determinada área”. Ferreira (2004) aponta este topônimo como “quantidade mais ou menos considerável de angicos dispostos proximamente entre si”. As demais obras consultadas não apresentam este topônimo.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>09</div></div>				“Anhuma”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul- mato-grossense	Aquidauana/ Corumbá/ Miranda	Genérico	Córrego	1. Ave preta de ampla distribuição amazônica.
		Específico	Anhuma	
Taxonomia	Zootopônimo			
Etimologia	Tupi/guarani			
Forma variante	Inhuma, Inhaúma, inhaum, anhyma, nhaúma.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

³¹ Devido ao fato do topônimo *angical* ser uma forma derivada do termo *angico*, a sequência alfabética foi alterada. O mesmo acontece com os topônimos *bacaiúval* e *bocaiúva*, *piracicaba* e *pirah*.

Termo de origem tupi que, de acordo com Sampaio (1901, p. 110), tem como correspondente a forma “*nhã-um* com a aposição do artigo português a e significa ave preta; em alguns lugares se diz: *Inhaúma, inhaum, anhyma*”.

Segundo Tibiriçá (1984, p.60), *anhuma* é o mesmo que “*anhyma*, ave da família dos palamedeídeos”. Cunha (1998, p. 54) define esse termo como “uma ave da ordem dos anseriformes, da família dos anhimídeos”. Já o dicionário Houaiss e Vilar (2001) apresenta *anhuma* como “uma ave anseriforme da família dos anhimídeos, de ampla distribuição amazônica, mas que pode atingir outras regiões do Brasil”. Essa ave é descrita pelos autores como “um espécime com cerca de 61 centímetros de altura, plumagem alvinegra e característico apêndice frontal implantado no crânio, com as partes inferiores brancas e pernas negras”.

Entretanto, assim como acontece com muitos de nossos topônimos, este designativo apresenta divergência quanto à sua origem. Isso se comprova pelo fato de que, contrariando o que afirmara em 1984, Tibiriçá aponta *anhuma* como um termo de origem guarani em seu dicionário guarani-português (1989).

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>10</div></div>				“Aquidabã”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul-mato-grossense	Corumbá	Genérico	Rio	1. Numerosa nação indígena que ocupou o estado de Mato Grosso do Sul.
		Específico	Aquidabã	
Taxonomia	Etnotopônimo			
Etimologia	Terena			
Forma variante	Aquidaban.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Topônimo apontado por Tibiriçá (1997, p. 21) como um termo de origem terena. De acordo com o autor, este termo nomeia “uma numerosa nação indígena que ocupou grande parte do estado de Mato Grosso do Sul e, atualmente, está confinada em pequenos redutos nos municípios de Aquidauana e Miranda”.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div> Código 11 </div>				“Aquidauana”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul-mato-grossense	Aquidauana/ Miranda	Genérico	Rio	1. Rio estreito ou pequeno.
		Específico	Aquidauana	2. Lugar das araras grandes.
Taxonomia	Hidrotopônimo/ Dimensiotopônimo.			
Etimologia	Kadiwéu/ terena/tupi			
Forma variante	Não encontrada			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Topônimo que apresenta muitas discordâncias quanto à sua etimologia. Segundo Tibiriçá (1997, p.21), é um termo de origem terena que nomeia o rio e uma cidade de Mato Grosso do Sul.

De acordo com Robba (1992, *apud* SOUZA, 2006, p.09), “alguns autores advogam que o nome Aquidauana, conforme a toponímia tupi-guarani e dos índios guaicurus, quer dizer: *ac*, que significa “grande”, *da*, que significa “lugar” e *oana*, que corresponde a “*araras*”; portanto, a definição literal seria “lugar das araras grandes”.

Entretanto, conforme Souza (2006, p. 09), “o que se percebe é que os kadiwéus emprestaram sua língua para originar o nome da cidade, na verdade, do rio. Entretanto, não se refere às “araras grandes”, e sim a “rio estreito ou pequeno”.

Dessa forma, comungando com a definição de Souza, o dicionário da língua kadiwéu organizado por Griffiths (2002, p. 13) afirma que 'Aquidauana' provém do termo kadiwéu- *Akidawaani*, que significa "rio estreito".

A respeito dessa formação, Griffiths & Griffiths (1976, p.95-96), apontam que o grau diminutivo, no kadiwéu, é formado de acordo com as seguintes regras:

- (a) perde-se a vogal final do tema nominal, exceto no caso de vogais duplas;
- (b) em temas nominais masculinos, consoantes plosivas sonoras perdem a sonoridade;
- (c) acrescentam-se os sufixos diminutivos: **-awaanigi**, quando o substantivo for masculino, e **-awaana**, se o substantivo for feminino.

Entretanto, estes mesmos autores apontam a forma diminutiva do termo 'rio' como *akiitawaanigi* e não *Akidawaani*, definição dada a “rio estreito ou rio pequeno”.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div>Código 12</div>				“Araras”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul- mato- grossense	Aquidauana/ Corumbá	Genérico	Córrego	1- Ave de grande porte.
		Específico	Araras	2- Indígenas pertencentes aos araras. 3- Armação de madeira ou metal onde se penduram roupas.
Taxonomia	Zootopônimo/ Etnotopônimo/ Ergotopônimo			
Etimologia	Tupi			
Forma variante	Não encontrada.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Termo originado do tupi *a'rara* que, de acordo com Sampaio (1901, p. 112), é “o coletivo de *ará*, nome aplicado aos papagaios grandes”.

Tibiriçá (1984, p. 65) define o nome arara apenas como uma “ave”. Cunha (1998, p. 61) apresenta arara como uma variação de *arará- arara- arâra*, “nome comum a diversas aves de grande porte da família dos psitacídeos”, ao passo que Houaiss e Vilar (2001) acrescentam novas acepções às outras já apresentadas, definindo este termo como “indígenas pertencentes ao grupo dos *araras*, ou língua da família linguística caribe, falada pelos *araras*, ou mesmo, uma armação de madeira ou metal utilizada para pendurar roupa”. Toda essa diversidade de significados faz com que esse termo, por questão de significação, passe a apresentar diferentes taxonomias, como foi especificado na ficha.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div>Código 13</div>				“Ariranha”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul- mato-grossense	Aquidauana	Genérico	Fazenda	1. Pássaro verde e azul.
		Específico	Ariranha	2. Mamífero carnívoro, diurno e semi-aquático.
Taxonomia	Zootopônimo			
Etimologia	Tupi			
Forma variante	<i>Arirana, arerã, areranha.</i>			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Termo de origem tupi que designa um mamífero roedor, mas que também pode designar um pássaro. Segundo Tibiriçá (1984, p. 67), esse termo refere-se à *arirana*, “uma variação de pássaro verde e azul”. Entretanto, de acordo com esse mesmo autor, *ariranha* provém da forma *arerãia*, *areranha*, “uma espécie de lontra” (1997, p.25).³²

A mesma definição é apresentada por Cunha (1998, p. 65), que aponta esse termo como uma variação de *arerã- areranha*, “mamífero carnívoro da família dos mustelídeos, semelhante à lontra”. Já para Houaiss e Vilar (2001), o termo *ariranha* nomeia um “mamífero carnívoro, diurno e semi-aquático, encontrado na Venezuela e Colômbia, ao Norte da Argentina”.

³² Idem (1997, p. 25)

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>14</div></div>				“Aroeira”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul- mato-grossense	Aquidauana	Genérico	Fazenda	1. Árvore cultivada e explorada pela madeira e propriedades medicinais.
		Específico	Aroeira	
Taxonomia	Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi			
Forma variante	Arueira			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Topônimo apontado por Houaiss e Vilar (2001) como um termo de origem duvidosa. Porém, de acordo com Tibiriçá (1984, p. 68), é um termo originado do tupi *arueíra*, “uma planta da família das terebintáceas, vulgarmente chamada de *aroeira*”.

Para Houaiss e Vilar (2001) esse nome designa “uma árvore de folhas penadas, nativa dos Andes Peruanos, cultivada e explorada por causa de sua madeira compacta e pouco elástica e, também, por suas propriedades medicinais retiradas da resina da casca e dos frutos”.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>15</div></div>				“Babaçu”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul- mato-grossense	Aquidauana/ Corumbá	Genérico	Fazenda	1. Palmeira; espécie de coco.
		Específico	Babaçu	
Taxonomia	Fitotopônimo			
Timologia	Tupi			
Forma variante	Babassu; ybaguassu, baguaçu			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Termo de origem tupi definido por Tibiriçá (1984, p. 191) como variação de *babassu*, *ybaguassu*, um “neologismo de coco”. Cunha (1998, p. 67) apresenta este termo como “uma espécie de palmeira, cujo fruto é o coco *babaçu*”.

Já o dicionário Houaiss e Vilar (2001) define *babaçu* como “uma palmeira de até 20 metros, de folhas estriadas de amarelo e frutos drupáceos oblongos, com sementes oleaginosas especialmente exploradas pelos óleos e gorduras das sementes”. É bastante utilizada em usos industriais por seus frutos e sementes comestíveis, e pelas folhas e espatas, de que se fazem obras trançadas.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>16</div></div>				“Bacuri”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul- mato-grossense	Corumbá	Genérico	Rio	1. Árvore frutífera do Brasil.
		Específico	Bacuri	
Taxonomia	Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi			
Forma variante	Guacuri, uacuri, bacupari.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Termo de origem tupi definido por Sampaio (1901, p. 126) como “forma variante de *guá-cury*, pinha redonda, fructo redondo; palmeira abundante nas margens do rio Coxim em Matto Grosso”. Tibiriçá (1984, p. 71) aponta este termo como um “nome comum de várias árvores frutíferas do Brasil”. Esse autor destaca também outra acepção bastante conhecida em algumas regiões do Brasil, que corresponde à forma como se apelidam os garotos. Porém, Tibiriçá destaca que a origem desse vocábulo não se relaciona ao tupi e sim a um “termo arcaico da língua portuguesa, usado no interior até o século passado” (TIBIRIÇÁ, 1997, p. 160).

Para Cunha (1998, p. 68), *bacuri* tem como variante a forma *bacupari* e designa “uma planta da família das gutíferas”. O dicionário Houaiss e Vilar apresenta este termo como uma “grande árvore da família das gutíferas, nativa da região das Guianas e do Brasil, com casca que possui uma resina usada em veterinária, madeira nobre, flores rosadas e bagas grandes e amarelas, com polpa amarelada, de que se fazem refrescos e doces”.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div>Código</div> <div>17</div>				“Baguaçuinho”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul-mato-grossense	Aquidauana	Genérico	Córrego	Forma derivada de baguaçu.
		Específico	Baguaçuinho	
Taxonomia	Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi/português			
Forma variante	Não encontrada.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Termo híbrido formado pela junção do radical tupi *baguaçu*+ sufixo diminutivo da língua portuguesa–(z) inho. Este topônimo ainda não se encontra dicionarizado nas obras consultadas.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>18</div></div>				“Baguani”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul- mato-grossense	Corumbá	Genérico	Córrego	1. Ave que habita a América do Sul.
		Específico	Baguani	2. Uma espécie de cegonha.
Taxonomia	Zootopônimo			
Etimologia	Tupi			
Forma variante	Maguari, baguari.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Termo de origem tupi definido por Tibiriçá (1984, p. 72) como uma forma variante de *baguari* e *maguari* e que nomeia “uma espécie de cegonha”. Cunha (1998, p.195) apresenta a forma *maguari* e a define como uma “ave da ordem dos ciconiformes, família dos ciconídeos”.

O dicionário Houaiss e Vilar (2001) apresenta a mesma definição dada por Cunha e acrescenta que essa ave é encontrada em grande parte da América do Sul, sendo comum no Rio Grande do Sul e restrita na Amazônia e no Nordeste do Brasil. A ave é caracterizada pela plumagem branca, rêmiges, coberteiras superiores e cauda negra, sendo também conhecida como socó-grande.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div>Código</div> <div>19</div>				“Betione”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul- mato-grossense	Miranda	Genérico	Córrego	1. Tamanduá
		Específico	Betione	
Taxonomia	Zootopônimo			
Etimologia	Kadiwéu			
Forma variante	Bitioni, bioni			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Topônimo de origem kadiwéu que, de acordo com o dicionário da língua kadiwéu organizado por Griffiths (2002, p.30) significa “tamanduá”. No entanto, segundo Souza (2006, p. 09), em entrevistas realizadas na ocasião de sua pesquisa, os depoentes afirmaram que a grafia do topônimo está em desacordo com a da língua kadiwéu, que apresenta como correta a forma *bitioni*.

O autor destaca ainda, que na “sociedade kadiwéu a língua é uma questão de gênero”. Essa afirmação se deve ao fato de que nessa língua há diferenças entre a fala feminina e a fala masculina, ou seja, os homens e as mulheres possuem diferentes modos de falar. Dessa forma, a versão masculina para o termo destacado é *bitioni* e a versão feminina, *bioni*.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>20</div></div>				“Bocaiúva”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul-mato-grossense	Aquidauana/Corumbá	Genérico	Fazenda	1. Palmeira nativa do Paraguai e do Brasil.
		Específico	Bocaiúva	
Taxonomia	Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi			
Forma variante	Bacaiúva, macaúba, bocajuba, macayba.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Topônimo de origem tupi definido por Sampaio (1901, p. 115) como forma variante de *bocayuva*, o mesmo que *macaúba* e que denomina “uma palmeira”.

Tibiriçá (1984, p.73) apresenta como forma variante desse topônimo os termos *bocaiúva* e *bocajuba*, “uma palmeira da subfamília dos cerroxilídeos”. Cunha (1998, p72) apresenta a mesma definição dada por Tibiriçá, enquanto o dicionário Houaiss e Vilar (2001) define *bocaiúva* como “uma palmeira de até 7 metros, nativa do Paraguai e do Brasil, com estipe liso e frutos de polpa comestível com propriedades expectorantes, usado também como ração”.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>21</div></div>				“Bacaiuval” ³³
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul-mato-grossense	Aquidauana	Genérico	Fazenda	Forma derivada de bocaiúva/bacaiúva,
		Específico	Bacaiuval	
Taxonomia	Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi/português			
Forma variante	Bocaiuval.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

³³ Para o significado da forma primitiva *bacaiúva* ou *bocaiúva*, consultar a ficha anterior.

Termo híbrido formado pela junção do radical tupi *bacaiuva* + sufixo coletivo do português- al. A formação *bacaiual* não se encontra em nenhuma das obras consultadas, constando apenas a forma primitiva *bocaiúva* ou *bacaiúva*.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>22</div></div>				“Buriti”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul- mato-grossense	Aquidauana/ Corumbá/ Miranda	Genérico	Fazenda	1. Espécie de palmeira.
		Específico	Buriti	
Taxonomia	Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi			
Forma variante	Muriti, myrity, burity, moritim, muruty, morety.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Termo de origem tupi definido por Sampaio (1901, p. 117) como forma variante de *mbîriti*, “nome da palmeira”. O autor explica essa variação ao afirmar que o tupi é uma língua que tem uma tendência muito sensível à nasalização; sendo assim, palavras que em sua grafia original iniciem com *-mb-* “cuja gamma nasal particularíssima equivale proximamente a *umb*, ora se reduz por vício de pronúncia a simples *-b-*, ora a *-m-*, por essa razão o nome *mbiryty* no norte do Brasil se alterou para *burity*, no sul para *myrity*” (SAMPAIO, 1901, p.23-24).

Segundo Tibiriçá (1984, p. 74), esse termo corresponde às formas *muriti- miriti*, “uma espécie de palmeira”. De acordo com esse autor, o nome *buriti* designa “uma palmeira das regiões tropicais” (1997, p.32). A respeito disso, Isquerdo (2009, p.02) aponta que “abundante no cerrado, o buriti caracteriza as veredas, [...] embora ocorra também em matas de galeria e ciliares, podendo formar densos buritizais”.

Cunha (1998, p.75) também apresenta *buriti* como “uma espécie de palmeira, *buritizeiro*”. Já o dicionário Houaiss e Vilar (2001) aponta *buriti* como “uma palmeira muito alta, nativa de Trinidad e Tobago e do Norte da América do Sul, com estipe geralmente flexuoso, drupas de 3 a 5 centímetros, revestidas de escamas triangulares castanho-avermelhadas, e polpa amarela, doce e com a semente, muito oleaginosa”. É conhecida também como *buriti-do-brejo*, *carandá-guaçu*, *coqueiro-buriti* e *palmeira-dos-brejos*, que

também tem como característica fornecer palmito saboroso, fécula e madeira, cujos frutos, além de extrair-se óleo comestível, são também utilizados para amaciar e envernizar couro; do estipe e das inflorescências imaturas faz-se refresco e, após fermentação, obtém-se o vinho de buriti.

Convém destacar que o topônimo *buriti* designa diversos acidentes geográficos e humanos do Brasil, uma vez que, de acordo com Isquerdo (2009, p. 02), “o buriti é considerado a palmeira mais abundante do Brasil, cuja predominância representa um indicativo infalível da existência de água na região”, como é o caso da região focalizada em nossa pesquisa.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>23</div></div>				“Buritizal” ³⁴ ,
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul- mato-grossense	Aquidauana/ Miranda	Genérico	Fazenda	1. Extenso aglomerado de buritis.
		Específico	Buritizal	
Taxonomia	Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi/português			
Forma variante	Buritial, buritiral, muritinzal, muritizal.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Termo híbrido formado pela junção do radical indígena tupi *buriti* + sufixo coletivo de língua portuguesa- (z) al. Segundo Cunha (1998, p. 76), este topônimo denomina uma “plantação de buritis; *buritial*, *buritiral*”.

De acordo com Houaiss e Vilar (2001), designa um “extenso aglomerado de *buritis* em determinada área”. Borba (2002, p. 244) e (2004, p. 207)³⁵ define *buritizal* como “conjunto ou plantação de buritis”. Já Ferreira (2004) aponta *buritizal* como: “quantidade mais ou menos considerável de *buritizeiros* dispostos proximamente entre si”. As demais obras consultadas não apresentam esta construção.

³⁴ Para o significado da forma primitiva, consultar ficha anterior.

³⁵ Idem.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>24</div></div>				“Buritizinho”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul-mato-grossense	Aquidauana	Genérico	Fazenda	1. Buriti pequeno 2. Palmeira de frutos ovóides.
		Específico	Buritizinho	
Taxonomia	Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi/português			
Forma variante	Carandaizinho.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Termo híbrido formado pela junção do radical indígena tupi *buriti* + sufixo diminutivo da língua portuguesa- (z) inho. Este termo é definido como: *buriti* pequeno (HOUAISS E VILAR, 2001).

De acordo com a definição apontada por Ferreira (2004), este termo denomina uma “palmeira (*Mauritia martiana*) de frutos ovóides, cujas folhas se usam para cobrir choupanas e cujas fibras são têxteis; *caraná*, *caranaí*, *carandaizinho*, *cariná*, *ripa*”.

No “Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa”, Borba (1982) apresenta várias formas derivadas do termo *buriti*, mas não apresenta a formação *buritizinho*. Entre as formas derivadas apontadas pelo autor e o período de “surgimento ou criação” das mesmas, encontramos: *buritizal* (1872), *buritizeiro* (1881), *buritiral* (1872) e *buritirana* (1913). As demais obras consultadas não apresentam este topônimo.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div style="border: 1px solid black; padding: 2px; display: inline-block;"> Código 25 </div>				“Caboclo”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantaneais sul- mato-grossense	Aquidauana/ Corumbá	Genérico	Vazante	1. Mestiço de branco com índia.
		Específico	Caboclo	2. Indígena catequizado pelos jesuítas.
Taxonomia	Etnotopônimo			
Etimologia	Tupi			
Forma variante	Não encontrada.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Termo de origem tupi que, de acordo com Sampaio (1901, p. 117), é proveniente da forma “*cabôco*- correspondente a *caá-boe*, tirado ou procedente do mato”.

A respeito desse termo, o autor esclarece que: “Ao gentio manso, ou reduzido a civilização, se começou desde logo a denominar *caá-boc* que quer dizer, tirado ou procedente do mato, donde nos veio o vocábulo *cabôco*, como ainda hoje o pronuncia o homem rústico, ou *caboclo* como já adoptou o portuguez brasílico” (SAMPAIO, 1901, p. 67).

Entretanto, Cunha (1998, p. 80) afirma que a etimologia desse termo é bastante controvertida. Admitindo-se que proceda do étimo tupi, a cadeia evolutiva poderia ser estabelecida da seguinte forma: *kari’ uoka* > *cariboca* > *coriboco* > *cabocoro* > *cabocolo* > *caboclo*, que designa “o índio, mestiço de branco com índia, homem do sertão, de hábitos rudes e pele queimada pelo sol”.

Ainda de acordo com o autor, como se depreende por meio de documentação histórica, “com o termo *caboclo*, os autores dos séculos XVII e XVIII designavam, a princípio, o índio em geral e, mais particularmente, o que já estava semi-aculturado, o que já convivia com o branco, que morava na casa do branco”.

O dicionário Houaiss e Vilar (2001) afirma que o termo *caboclo* designa “o selvagem brasileiro que tinha contato com os colonizadores, nascido de índia e branco (ou vice-versa), fisicamente caracterizado por ter pele morena ou acobreada e cabelos negros e lisos”. Este dicionário apresenta também outra acepção mais voltada para a religião, ao destacar que nas religiões ou seitas afro-brasileiras este termo é uma “designação genérica dos espíritos de ancestrais indígenas brasileiros que supostamente surgem nas cerimônias rituais e

que foram idealizados, já no século XX, segundo os modelos de orixás da teogonia *jeje-nagô* e do indianismo literário da fase romântica”. Sobre o designativo *caboclo*, Taunay (1868) advoga que:

O principal instrumento de riqueza pública, o vaqueiro por excelência, não era nem o branco, nem o preto, e sim o gaúcho, o caipira, o caburé, o caboclo, o mameluco, o tapuio, nomes estes que todos indicão a mesma cousa, a saber: - o antigo índio catechizado pelo jesuíta, ou pelos corpos de línguas e interpretes tão sabiamente organisados pelos antigos portugueses e hespanhoes (TAUNAY, 1868, p. 34).

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div>Código</div> 26				“Caeté”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul- mato-grossense	Aquidauana	Genérico	Vazante	1. Mato virgem. 2. Tribo indígena.
		Específico	Caeté	
Taxonomia	Fitotopônimo/ Etnotopônimo			
Etimologia	Tupi			
Forma variante	Kaetê, caaetê, caetetê, caetêê, caaeté.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Nome de origem tupi definido por Sampaio (1901, p 117) como “matta real ou verdadeira, matto virgem”. Segundo esse autor (1901, p. 28), o grau aumentativo no tupi se forma com a posposição e no grau positivo de alguns nomes como: *guaçú* ou *açu*, *êê* ou *têy*. Assim, teríamos a forma *caá*, que significa “folha, mato”, acrescido da forma *êê*, dando origem a *caeté*, “mato real, verdadeiro”.

Ainda conforme Sampaio, “outras vezes o aumentativo tupi se forma pela repetição da última syllaba da palavra, o que justifica as formas variantes *caetetê* e *caetêê*, “matto virgem, extenso, considerável” (SAMPAIO, 1901, p. 28). A respeito dessa definição e do aparecimento de formas variantes, o autor aponta que “a matta virgem, corpulenta, denominava-se *caá-etê*, que quer dizer “matto verdadeiro”, com que se designam, no paiz, várias localidades e que o vulgo tem alterado para *caité* ou *cahetê*” (SAMPAIO, 1901, p. 50-51).

De acordo com Tibiriçá (1984, p. 75), este termo é proveniente de *caaeté*, “floresta”. O autor também assinala a forma *caaetê*, “tribo indígena inimiga dos portugueses, por incitação dos franceses”.

Segundo Cunha (1998, p. 82), *caetê* é “uma designação comum a várias plantas das famílias das marantáceas, canáceas, etc, de cujas folhas os indígenas se utilizavam para determinado fim” e, conforme o dicionário Houaiss e Vilar (2001), *caetê* é “uma designação comum a diversas ervas nativas do Brasil e geralmente cultivadas como ornamentais, por suas folhagens ou inflorescências”.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>27</div></div>				“Cajuru”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul- mato-grossense	Aquidauana	Genérico	Córrego	1. Boca da mata.
		Específico	Cajuru	
Taxonomia	Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi			
Forma variante	Caaiyurú			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Topônimo apontado por Sampaio (1901, p. 118) como um termo de origem tupi. De acordo com o autor, é proveniente da forma *caaiyurú*, que designa a “bocca da matta”. A respeito dessa definição o autor esclarece que “a entrada da matta ou sítio em que a estrada penetra na floresta, se dava o nome caa-jurú, bocca da matta”.

Tibiriçá (1997, p.35) aponta a mesma definição apresentada por Sampaio. Quanto ao dicionário Houaiss e Vilar (2001), *cajuru*, significa “entrada ou limite da mata”.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div>Código 28</div>				“Cambará”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantaneais sul- mato-grossense	Corumbá	Genérico	Baía do	1. Arbusto nativo do Brasil.
		Específico	Cambará	2. Espécie de madeira de lei.
Taxonomia	Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi/guarani			
Forma variante	<i>Cangará, camará</i>			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Termo de origem tupi definido por Sampaio (1901, p. 118) como “o mesmo que *camará*, um arbusto conhecido”. Para Tibiriçá (1984, p. 79), *cambará* é o mesmo que *camará*; no sul do Brasil, “é o nome de uma árvore da família das compostas”. De acordo com esse autor (1997, p. 35), *cambará* é o mesmo que *camará*, “uma espécie de madeira de lei”.

Segundo Cunha (1998, p. 90), *cambará* “é um nome comum a várias plantas das famílias das solanáceas e verbenáceas” e o dicionário Houaiss e Vilar (2001) define esse termo como “um arbusto da família das verbenáceas, nativo do Brasil, possui folhas opostas, flores amarelas, laranja ou vermelhas e bagas roxo-escuras”.

Entretanto, de acordo com Tibiriçá (1989, p. 40), *cambará* é de origem guarani e designa “várias plantas medicinais usadas contra a malária. No sul do Brasil é o nome de uma árvore da família das compostas”.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>29</div></div>				“Cambarazal” ³⁶
Localização	Município(s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantaneais sul-mato-grossense	Aquidauana	Genérico	Fazenda	Forma derivada de cambará.
		Específico	Cambarazal	
Taxonomia	Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi/português			
Forma variante	Não encontrada.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Termo híbrido formado pela junção do radical indígena tupi *cambará* + sufixo coletivo do português- (z) al. Esta forma ainda não se encontra dicionarizada nas obras consultadas.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>30</div></div>				“Cambarazinho”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantaneais sul-mato-grossense	Aquidauana	Genérico	Fazenda	Forma derivada de cambará.
		Específico	Cambarazinho	
Taxonomia	Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi/português			
Forma variante	Tamanqueiro.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Termo híbrido formado pela junção do radical indígena tupi *cambara* + sufixo diminutivo da língua portuguesa- (z) inho. De acordo com Ferreira (2004), é formado pela junção de *cambará* + *-zinho*, “o mesmo que *tamanqueiro*”. Os demais dicionários consultados não apresentam esta formação.

³⁶ Para o significado da forma primitiva, consultar ficha anterior.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>31</div></div>				“Cambuquira”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul-mato-grossense	Corumbá	Genérico	Retiro	1. Grelos de erva. 2. Broto da aboboreira.
		Específico	Cambuquira	
Taxonomia	Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi			
Forma variante	Não encontrada.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Termo de origem tupi apontado por Sampaio (1901, p.118) como forma correspondente de *caá-ambihira*, “brotos de herva, grelos, folhas tenras”. De acordo com Tibiriçá (1984, p.79), é equivalente à forma *cambykyra*, que significa “grelo de abóbora”. O dicionário Houaiss e Vilar (2001) apresenta a mesma definição de Tibiriçá, ou seja, o termo *cambuquira* é definido como “o broto da aboboreira”.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>32</div></div>				“Capivara”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul- mato-grossense	Corumbá	Genérico	Córrego	1. Roedor semi-aquático, comedor de capim. 2. Planta medicinal
		Específico	Capivara	
Taxonomia	Zootopônimo/ Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi/guarani			
Forma variante	Capií'-guara, Kapií' uara, kapiygua, kapiyva			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Topônimo apontado por Sampaio (1901, p. 119) como um termo de origem tupi. Segundo o autor, tem como correspondente a forma *caapi'-uára*, (capigara), “o comedor de capim, o herbívoro”.

Contrariando a definição apresentada por Sampaio, Tibiriçá (1984, p. 81) define esse termo como “uma planta medicinal da Bahia, de raiz perfumada e proveniente da forma *capit-guara*”. Porém, posteriormente, esse autor define *capivara* como o “comedor de capim, nome de um grande roedor” (TIBIRIÇÁ, 1997, p.38).

De acordo com Cunha (1998, p. 97), o termo destacado provém da forma *Kapii’uara*: *ka’pií*, que significa “capim” + *’uara*, “comedor”, ou seja, “o mamífero da ordem dos roedores, família dos hidroquerídeos”. Comungando com a definição apresentada pelos autores supracitados, o dicionário Houaiss e Vilar (2001) aponta o termo *capivara* como “um grande roedor semi-aquático, encontrado do Panamá ao Uruguai e Norte da Argentina, de corpo compacto, pelagem marrom, pernas curtas, cauda vestigial e cabeça grande com olhos e orelhas localizados dorsalmente”. Numa segunda acepção, Houaiss e Vilar definem *capivara* como “uma planta trepadeira da família das aristoloquiáceas, nativa do Brasil, caracterizada por ter folhas cordiformes e flores amarelo-pardacentas. A planta tem odor desagradável e as raízes são usadas contra o veneno de cascavel”.

Entretanto, de acordo com Assis (2008), *capivara* se origina do guarani *kapiygua*, *kapiyva* e designa “o maior dos roedores atuais”. Segundo a autora, as capivaras vivem nas margens dos rios, brejos, lagoas e cerrados e são hábeis nadadoras.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>33</div></div>				“Capivari”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul- mato-grossense	Aquidauana	Genérico	Rio	1. Rio das capivaras.
		Específico	Capivari	
Taxonomia	Hidrotopônimo			
Etimologia	Tupi			
Forma variante	Capivary, capivar-y-be, ca-pit-guar’y			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Termo de origem tupi apresentado por Sampaio (1901, p. 119) como forma proveniente de *capivar-y-pe*, alteração de *capivar-y-be*, que quer dizer “rio das capivaras”. De acordo com Tibiriçá (1997, p. 38), *capivari* é um termo originado da forma *Ca-pit-guar’y*, “rio das capivaras”.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div>Código</div> <div>34</div>				“Caracará”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantaneais sul- mato-grossense	Corumbá	Genérico	Rio	1. Carrancho, gavião.
		Específico	Caracará	2. Índios que habitavam o Chaco Paraguai próximo dos Chiriguanos.
Taxonomia	Zootopônimo/Etnotopônimo			
Etimologia	Tupi/guarani			
Forma variante	<i>Carcará, caracarái, karakara</i>			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Topônimo definido por Sampaio (1901), Tibiriçá (1984) e Cunha (1998) como um termo de origem tupi. Segundo Sampaio (1901, p.119), é um termo correspondente a *carãe-carãe*, “o arranhador, o arranha-arranha”, alteração de *carcará*. De acordo com Tibiriçá (1984, p. 81), *caracará* designa uma “variedade de gavião”. Cunha (1998, p. 140) apresenta a forma *caracarái*, proveniente de *karakara’i*, junção de *karaka’ka+’i*, “pequeno”, que nomeia “uma ave falconiforme da família dos falconídeos”.

O dicionário Houaiss e Vilar (2001) descreve *caracará* como “uma ave falconiforme, com plumagem alvinegra, face e cera amarelas ou vermelhas, cabeça branca com penacho nugal negro, peito e cauda barrados de negro e asas com extremidades brancas”.

Entretanto, conforme atestam Guasch & Ortiz (1996) e Assis (2008) este termo é originado do guarani *karakara*. Guasch & Ortiz (1996, p. 599) definem esse termo como um “carrancho” e Assis (2008, p. 139) apresenta a definição “*carcará* ou carrancho, ave onívora com plumagem alvinegra”.

Em oposição ao que afirma em 1984, Tibiriçá apresenta duas acepções para o topônimo caracará e o apresenta como originado do guarani. Em uma primeira acepção o autor apresenta *caracará* como “uma espécie de gavião”. Em uma segunda, *caracará* era o nome dado aos “índios que habitavam o Chaco Paraguai próximo dos Chiriguanos”.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div>Código</div> 35				“Caraguatá”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul-mato-grossense	Aquidauana/Corumbá	Genérico	Vazante	1. Espécie de bromélia.
		Específico	Caraguatá	
Taxonomia	Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi/guarani			
Forma variante	Gravatá, pita, caraguatá, caravatá, caroá, caroatá, caruatá.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Topônimo definido por Sampaio (1901), Tibiriçá (1984), Cunha (1998) e Houaiss e Vilar (2001) como um termo de origem tupi. De acordo com Sampaio (1901, p. 120), este termo tem como correspondente *caraguá-tá*, “uma espécie de bromélia cujas folhas dão fibras para tranças e para corda”. Para Tibiriçá (1984, p. 82), equivale a “uma variação de planta da família das bromélias, conhecida também como *pita* ou *gravatá*”.

Dias (1970, p. 23) apresenta a forma *carauá-tá*, “espécie de bromélia de que os índios faziam corda”. Segundo Cunha (1998, p. 140), *caraguatá* é “uma designação comum a diversas plantas da família das bromeliáceas”.

O dicionário Houaiss e Vilar (2001) apresenta a mesma definição proposta por Cunha e caracteriza essas plantas como “espécimes epífitas, ou seja, que vivem sobre outros vegetais, mas sem retirar nutrientes dele, usando-o como suporte de sustentação e por isso não pode ser considerada uma parasita”.

Já para Guasch & Ortiz (1996) e Assis (2008), este termo origina-se do guarani *karaguata* definido, de acordo com Guasch & Ortiz (1996, p. 599), “como uma “espécie de pita, cardo”, ao passo que, de acordo com Assis (2008, p. 138), “equivale à forma caraguatá, agave, bromélia”.

Esta etimologia também é apontada por Tibiriçá (1989, p. 42), que em oposição ao que afirmara anteriormente, aponta o topônimo caraguatá como originado do guarani e nomeia uma “planta têxtil da família das bromeliáceas; seu fruto é adstringente e empregado em medicina”.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div>Código</div> <div>36</div>				“Caraguazinho”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul-mato-grossense	Corumbá	Genérico	Rio	1. Equivalente a caraguatazinho.
		Específico	Caraguazinho	Planta da família das bromeliáceas, nativa do Brasil.
Taxonomia	Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi/guarani/português			
Forma variante	<i>Caraguatazinho</i>			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Termo híbrido formado pela junção do radical indígena tupi/guarani *caraguá* + sufixo diminutivo do português- (z) inho. Houaiss e Vilar (2001) apontam este termo como, *caraguatazinho*, “planta da família das bromeliáceas, nativa do Brasil (MG, RJ), de folhas dispostas em tubo cilíndrico, inflorescências em escapo ereto e flores róseo-azuladas”.

Borba (2004, p. 237) apresenta a forma *caraguatazeiro*, que denomina “grande parte de *carandás*” e Cunha (1982, p. 153) aponta como formas derivadas do topônimo *caraguatá*, as formações: *caravatal* (1728) e *caraguatal* (1825).

Este termo não consta nas demais obras consultadas.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div>Código</div> <div>37</div>				“Carajá”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul- mato-grossense	Aquidauana/ Miranda	Genérico	Fazenda	1. Indígena pertencente aos Carajás.
		Específico	Carajá	2. Macaco gigante.
Taxonomia	Etnotopônimo/Zootopônimo			
Etimologia	Tupi/guarani			
Forma variante	<i>Karajá, cara’ya, caraya</i>			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Topônimo apresentado por Sampaio (1901), Tibiriçá (1984), Cunha (1998) e Houaiss e Vilar (2001) como um termo de origem tupi. Segundo Sampaio (1901, p. 120), é uma forma correspondente a *caraya*, que designa “um mono grande, símio de grande estatura”. A respeito desse nome, o autor advoga que “o gentio costumava apellidar de *carayá* aos seus vizinhos desafectos. O gentio desse nome em Goyaz é assim apellidado pelos seus contrários”.

De acordo com Tibiriçá (1984, p. 82), *carajá* é “uma variedade de mono grande, mas também pode ser o nome de uma tribo indígena da Ilha do Bananal”. Segundo o dicionário Houaiss e Vilar (2001), este termo nomeia o “indígena pertencente ao grupo ou subgrupo dos *carajás*, família linguística do tronco macro-jê”. Numa segunda acepção, Houaiss e Vilar afirmam que *carajá* é o “mesmo que bugio”.

Contudo, para Guasch & Ortiz (1996) e Assis (2008), este termo é originado do guarani *karajá*. Guasch & Ortiz (1996, p. 599) definem *carajá* como “um mono, o macaco; sucio, puerco” e Assis (2008, p. 138) aponta a forma *cara'ya*, que designa “um bugio, conhecido também como guariba ou macaco-uivador”. Segundo a autora, este macaco está entre os maiores primatas neotropicais.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>38</div></div>				“Carandá”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul- mato-grossense	Aquidauana/ Corumbá/ Miranda	Genérico	Fazenda	1. Uma espécie de palmeira.
		Específico	Carandá	
Taxonomia	Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi/guarani			
Forma variante	Caranaýba, caranambuuba, carandaí, carandaí, caraná, carnauba			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Topônimo definido por Sampaio (1901), Tibiriçá (1984), Cunha (1998) e Houaiss e Vilar (2001) como um termo de origem tupi. Para Sampaio (1901, p. 120), este termo tem como correspondente a forma *caraná*, ou seja, “escamoso, cascudo, o nome de uma palmeira”. Sobre este termo, o autor (1901, p. 60) apresenta também a forma “*carnahuba*,

corruptella de caraná-hyba, da magnífica palmeira de folhas flabelliformes, de que se extráe uma cera resinosa muito usada no Norte do Brasil”.

Segundo Tibiriçá (1984, p. 82), este termo é uma variação de *caranaýba*, “planta da família das palmáceas, arrudária cerifera”. Cunha (1998, p. 103) define *carandá* “como uma planta da família das palmáceas” e o dicionário Houaiss e Vilar (2001) descreve *carandá* como “uma palmeira solitária de até 30 metros nativa da Argentina, Bolívia, Paraguai e Brasil. Possui folhas em formato de leque e madeira muito durável”.

Todavia, contrariando ao que afirmara anteriormente, Tibiriçá (1989, p. 42) define *carandá* como um termo de origem guarani que designa “uma palmeira comum no Pantanal matogrossense”.

Guasch & Ortiz (1996) e Assis (2008), também apontam esta etimologia para o topônimo *carandá*, que respectivamente, designa “una especie de palmera” (GUASCH & ORTIZ, p.599), isto é, “uma palmeira cujo estipe, resistente e durável, se fazem postes, caibros, pipas e barretes, e cujas folhas dão cera igual à carnaúba” (ASSIS, 2008, p. 139).

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div>39</div>				“Carandazal” ³⁷ ,
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantaneais sul-mato-grossense	Aquidauana/ Corumbá/ Miranda	Genérico	Fazenda	1. Extenso aglomerado de carandás em determinada área, carandal.
		Específico	Carandazal	
Taxonomia	Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi/guarani/português			
Forma variante	Carandal, carnaubal.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Termo híbrido formado pela junção do radical indígena tupi/guarani *carandá* + sufixo coletivo do português- (z) al. “Extenso aglomerado de *carandás* em determinada área, *carandal*”. (HOUAISS E VILAR, 2001).

³⁷ Para o significado da forma primitiva, ver ficha anterior.

Este termo é definido por Borba (2002, p. 280) e (2004, p. 238)³⁸ como “grande quantidade de *carandás*, *carnaubal*” e, de acordo com Ferreira (2004), denomina uma “quantidade mais ou menos considerável de *carandás* dispostos proximamente entre si. O mesmo que *carnaubal*”. Segundo Cunha (1982, p. 153), a forma derivada *carandazal* surgiu em 1874.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>40</div></div>				“Carandazinho”
Localização	Município(s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul-mato-grossense	Aquidauana	Genérico	Colônia	1. Forma derivada de carandá.
		Específico	Carandazinho	
Taxonomia	Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi/gurani/português			
Forma variante	Buritizinho.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Termo híbrido formado pela junção do radical indígena tupi/guarani *carandá* + sufixo diminutivo do português- (z) inho. Este termo ainda não consta nos dicionários de Houaiss e Vilar (2001) e de Borba (2002).

Entretanto, Ferreira (2004) aponta a forma *carandaizinho*, que é “o mesmo que *buritizinho*”. Os demais dicionários consultados não apresentam este topônimo.

³⁸ Idem.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div>Código</div> <div>41</div>				“Caranday”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantaneais sul-mato-grossense	Corumbá	Genérico	Fazenda	1. Espécie de palmeira.
		Específico	Caranday	2. Bica, cano, calha. 3. Rio das carnahubas
Taxonomia	Fitotopônimo/Ergotopônimo/Hidrotopônimo			
Etimologia	Tupi/guarani			
Forma variante	<i>Karanday, Carandai, caranda-ĩ, carandá-yba, caraná-yba</i>			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Topônimo apresentado por Sampaio (1901), Tibiriçá (1997) e Houaiss e Vilar (2001) como um termo de origem tupi. Para Sampaio (1901, p. 120), este nome corresponde à *carandá-yba* ou *caraná-yba*, “a palmeira carnahuba”, numa segunda acepção, pode ser também “a bica, o cano, a calha”, ou, ainda corresponder à *carandá-y*, “rio das carnahubas”.

Segundo Sampaio (1997, p. 39), o nome *caranday* apresenta como forma variante o termo *carandai* do tupi *caranda’y*, “rio da *carnaúba* ou pode ser apócope de *caranayba*, *carnaubeira*”. Conforme o dicionário Houaiss e Vilar (2001), este termo equivale a “uma palmeira de até 8 metros, [...] que possui folhas em leque e bagas ovóides pretas, suas fibras são usadas na confecção de chapéus, os frutos fermentados fornecem álcool e as sementes produzem óleo”.

No entanto, de acordo com Tibiriçá (1989, p. 42), *caranda-ĩ* é um termo de origem guarani e nomeia uma “palmácea que fornece a conhecida cera de carnaúba”. Esta etimologia também é apresentada por Guasch & Ortiz (1996, p. 599), que advogam que esse termo é uma forma variante de *karanda’y*, “cierta palmera” e por Assis (2008, p. 139) que afirma que a forma *caranday* é o mesmo que *karandá*, ou seja, “uma espécie de palmeira”.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>42</div></div>				“Chapena”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul- mato-grossense	Aquidauana/ Corumbá/ Miranda	Genérico	Rio	1. Presilha para cabelo.
		Específico	Chapena	
Taxonomia	Ergotopônimo			
Etimologia	Kadiwéu			
Forma variante	Exapena, xapena.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Segundo Souza (2006, p. 09), esse termo de origem kadiwéu é grafado pelos indígenas como *exapena*, que significa “presilha para cabelo”.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div>Código</div> <div>43</div>				“Chané”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul- mato-grossense	Corumbá	Genérico	Morro	Povo Terena, etnia indígena.
		Específico	Chané	
Taxonomia	Etnotopônimo			
Etimologia	Terena.			
Forma variante	Xané.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Topônimo de origem terena definido por Ladeira (2001, p. 08) como “o grupo social dominante na estrutura social terena; os terenas propriamente ditos”. A respeito deste termo, Taunay apresenta algumas considerações, embora não aponte uma definição exata. A princípio, o autor advoga que “os chanés subdividem-se em quatro ramificações: os terenas [...], os laianas, os quinquinaos e os guanás ou choronós, de entre todos, os mais doces e civilizados”. (TAUNAY, 1868, p. 111). Depois, aponta que “no districto de Miranda

conhecem-se todos os índios chanés por guanás. Entretanto, perguntando eu, certo dia, a um terena se ele era guaná”: “guaná não, chané ou terena, na verdade” (TAUNAY, 1868, p. 128).

Pelo exposto podemos perceber que, em um primeiro momento, chané corresponderia a uma família linguística, porém de acordo com a segunda afirmação de Taunay, este termo corresponde a uma segunda denominação dada à etnia terena.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>44</div></div>				“Cipó”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul- mato-grossense	Corumbá	Genérico	Córrego	Espécie de trepadeira existente no Brasil.
		Específico	Cipó	
Taxonomia	Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi			
Forma variante	Yssypó, sipó.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Topônimo de origem tupi definido por Sampaio (1901, p. 122) como correspondente a *i- ci-pó*, “fibra ou filamento que se pega às árvores, liana, nome genérico das plantas sarmentosas”. Tibiriçá (1984, p. 196) apresenta a forma *yssypó*, que significa “arbusto dileniáceo do Brasil”. De acordo com esse autor, *yssypó* também corresponde ao “nome genérico das trepadeiras que existem no Brasil, [...] algumas de alto valor medicinal e outras ricamente ornamentais” (TIBIRIÇÁ, 1997, p. 166).

Cunha (1998, p.108) define este termo como “designação genérica das plantas trepadeiras que pendem das árvores ou nelas se enroscam; vara, chicote”. Quanto ao dicionário Houaiss e Vilar (2001), *cipó* é “uma designação comum às plantas lenhosas e trepadeiras, características das matas tropicais, que possui ramos delgados e flexíveis, que se fixam por meio de acúleos, de gavinhas ou por enrolarem-se aos caules e ramos de árvores e arbustos”.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div>Código 45</div>				“Cipolândia” ³⁹ ,
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul-mato-grossense	Aquidauana/Corumbá	Genérico	Colônia	1. Forma derivada da palavra cipó.
		Específico	Cipolândia	
Taxonomia	Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi/português			
Forma variante	Não encontrada.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Termo híbrido formado pela junção do radical tupi *cipó* + sufixo do português-*lândia*. Termo ainda não dicionarizado nas obras lexicográficas consultadas.

Mendes (1942, p. 10) apresenta como forma derivada de *cipó*, o termo *cipoal*, “lugar abundante de *cipós*” e também como “situação intrincada, sem saída”. Ex: Ele caiu num *cipoal* e está sem saída.

Borba (2004, p. 285) aponta a forma *cipozal*, que é o mesmo que *cipoal* “mata cujo acesso é dificultado pela presença abundante de cipós; fios entrelaçados”.

O dicionário Caldas Aulete (2007, p. 220) também apresenta a forma *cipoal* “mata cheia de *cipós*”. Como construções derivadas do termo *cipó*, Cunha (1982, p. 187) apresenta: *cipoal* (1648) e *cipoada* (1872).

A respeito dessa formação, ressaltamos a alteração e extensão semântica ocorrida nesse topônimo, pois, a adição do sufixo *-lândia* (geralmente utilizado em referência a locativos pátrios) ao radical de origem tupi *cipó*, fez com que esse sufixo perdesse a característica de locativo e passasse a apresentar uma ideia de coletividade, isto é, de um aglomerado de cipós, o que parece indicar que o sufixo perdeu sua característica particular em detrimento da carga semântica da base a qual foi afixado.

³⁹ Para o significado da forma primitiva deste termo, consultar a ficha anterior.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>46</div></div>				“Congonha”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantaneais sul-mato-grossense	Corumbá	Genérico	Córrego	1. Planta semelhante ao mate.
		Específico	Congonha	
Taxonomia	Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi			
Forma variante	Não encontrada.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Topônimo de origem tupi definido por Sampaio (1901, p. 122), como “o que sustenta a herva mate”. Para Tibiriçá (1984, p. 86), este nome designa “uma planta de São Paulo e Minas Gerais, cujas folhas dão excelente chá”. De acordo com Cunha (1998, p. 112), *congonha* é “um nome comum a diversas plantas do gênero *ilex*, semelhante ao mate”.

Já o dicionário Houaiss e Vilar (2001) apresenta este termo como de origem duvidosa, mas provavelmente do tupi e ressalta o fato de que Cunha (1998) também registra dúvida quanto à etimologia desse nome. Quanto à definição, Houaiss e Vilar definem *congonha* como “uma árvore de até 10 metros nativa do Brasil, de folhas geralmente elípticas, muito semelhantes às do mate, flores esbranquiçadas e frutos drupáceos, chamada também de mate-falso”.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>47</div></div>				“Cumbaru”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul-mato-grossense	Aquidauana	Genérico	Retiro	1. Árvore da família das leguminosas. 2. Nome dado pelos indígenas ao peixe pacuguassu.
		Específico	Cumbaru	
Taxonomia	Fitotopônimo/ Zootopônimo			
Etimologia	Tupi/guarani			
Forma variante	Cumaru.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Topônimo definido por Tibiriçá (1984), Cunha (1998) e Houaiss e Vilar (2001) como um termo de origem tupi. De acordo com Tibiriçá (1984, p. 90), este termo é uma forma variante de *cumarú*, que, em uma primeira acepção, designa “uma grande árvore leguminosa do Brasil, mas também pode ser o nome que alguns indígenas dão ao pacuguassu, uma espécie de peixe”.

Cunha (1998, p.119) apresenta a forma *cumarú*, que denomina “uma planta da família das leguminosas”, ao passo que o dicionário Houaiss e Vilar (2001) define *cumarú* como uma “designação comum a várias árvores da família das leguminosas, fruto do cumaru-verdadeiro, uma vagem drupácea, monospermica, com polpa fibrosa, esponjosa e comestível”.

Todavia, em oposição ao que afirmara anteriormente, Tibiriçá aponta este topônimo como de origem guarani, que é o “nome de uma árvore de boa madeira cujo fruto tem o nome de *fava-da-índia*”. (1989, p. 51).

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>48</div></div>				“Curicaca”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul- mato-grossense	Aquidauana/ Corumbá/ Miranda	Genérico	Fazenda	1. Ave da família dos tresquiornitídeos que habita o Pantanal.
		Específico	Curicaca	
Taxonomia	Zootopônimo			
Etimologia	Tupi/guarani			
Forma variante	Não encontrada.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Topônimo de origem tupi definido por Tibiriçá (1984, p. 91) como “uma ave ribeirinha peralta que habita o Pantanal”. Segundo Cunha (1998, p. 122), o termo *curicaca* nomeia “uma ave ciconiforme da família dos tresquiornítídeos”. Para o dicionário Houaiss e Vilar (2001), *curicaca* designa uma “ave ciconiforme que habita grande parte do Brasil. Tem cerca de 69 centímetros de comprimento e 43 centímetros de altura, bico longo e curvo, pescoço alaranjado, dorso cinza-esverdeado e partes inferiores negras”.

Entretanto, este topônimo também apresenta divergência quanto à sua origem, uma vez que, contrariando o que afirmara em 1984, Tibiriçá aponta o topônimo *curicaca* como de origem guarani, em seu dicionário guarani-português, de 1989.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>49</div></div>				“Guabiroba”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul-mato-grossense	Aquidauana/ Corumbá	Genérico	Fazenda	1. Variedade de palmeira.
		Específico	Guabiroba	2. Espécie de araçá amargo.
Taxonomia	Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi			
Forma variante	Gabiroba, gariroba, guavirova, guabiraba.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Topônimo de origem tupi definido por Sampaio (1901, p. 126) como correspondente a *guab-iroba*, que designa “uma comida, aliás, fructa de comer amarga”. De acordo com Tibiriçá (1984, p. 101), *guabiroba* denomina “uma espécie de araçá amargo”.

Dias (1970, p. 30) apresenta a forma *guabiraba* e a define somente como “fructa”. Segundo Cunha (1996, p. 135), o termo destacado é “um nome comum a diversas plantas da família das mirtáceas, fruta aromática, comestível e de sabor agradável”. De acordo com o dicionário Houaiss e Vilar (2001), este termo designa “uma palmeira de até 20 metros, com folhas, dispostas em espiral, nativa do Paraguai e do Brasil, cultivada como ornamental, pelos frutos verde-amarelados, comestíveis, e pelo palmito amargo, com propriedades medicinais”.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>50</div></div>				“Guanabara”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul-mato-grossense	Aquidauana/ Corumbá	Genérico	Fazenda	1. Baía, semelhante ao mar. 2. Embarcação à vela.
		Específico	Guanabara	
Taxonomia	Hidrotopônimo/Ergotopônimo			
Etimologia	Tupi			
Forma variante	Guanã-pará, gua-nã-bará			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Topônimo de origem tupi que, segundo Sampaio (1901, p. 53), é “formado pela composição de dois vocábulos tupis: *guanã-bara*, que é o mesmo que *guanã-pará*, tendo-se abrandado o p para b, por estar precedido de uma sílaba nasal.” O vocábulo *goanã* ou *goá-nã*, significa “bacia ampla, enorme e também Bahia”, portanto, *goana-pará* quer dizer: “rio da bahia ou barra da Bahia”. De acordo com Tibiriçá (1997, p. 51), a “versão classica corrente deste termo é *gua-nã-bará*, que quer dizer “mar semelhante baía, ou, baía-mar”, porém, segundo o autor, este nome pode apresentar em uma segunda interpretação: *guanã-nã-bará*, “mar das marrecas”.

Entretanto, de acordo com o dicionário Houaiss e Vilar (2001), *guanabara* significa “embarcação à vela de porte médio, de regata e recreio, com um só mastro, vela grande, bujarrona e balão”.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>51</div></div>				“Guanandi”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul-mato-grossense	Aquidauana/Corumbá	Genérico	Fazenda	1. Árvore da família das gutíferas que possui madeira nobre.
		Específico	Guanandi	
Taxonomia	Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi/guarani			
Forma variante	Galandi, gulandim, landi, landim, goanandim, goarandi.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Topônimo definido por Tibiriçá (1984) e Cunha (1998) como um termo de origem tupi. De acordo com Tibiriçá (1984, p. 102), corresponde à forma *guara-nandy*, “madeira resinosa e também, designa uma planta da família das gutíferas”, essa definição é a mesma apresentada por Cunha (1998, p. 137).

Segundo os apontamentos do dicionário Houaiss e Vilar (2001), este termo é de origem duvidosa. Quanto à definição, Houaiss e Vilar apontam *guanandi* como “uma árvore de até 35 metros, da família das gutíferas, nativa das Guianas e Brasil. Frondosa, com madeira de qualidade e resina amarelo-esverdeada, aromática e anti-reumática”.

Entretanto, de acordo com Assis (2008, p. 608), este termo é de origem guarani e designa “uma árvore de até 35 metros da família das gutíferas, possui madeira nobre [...] semelhante a teça, tem alto valor comercial, usada em construção de barcos e marcenaria”.

Conforme a autora, “o *guanandi* no período regencial, tornou-se monopólio do Estado Brasileiro e, em 1835, passou a ser a primeira “Madeira de Lei” do país. Desde então, a extensa exploração quase o extinguiu” (ASSIS, 2008, p. 608).

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>52</div></div>				“Guanandizal” ⁴⁰
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul-mato-grossense	Corumbá	Genérico	Vazante	1. Forma derivada de Guanandi.
		Específico	Guanandizal	
Taxonomia	Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi/português			
Forma variante	Não encontrada.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Termo híbrido formado pela junção do radical indígena tupi/guarani *guanandi* + sufixo coletivo do português- (z) al. Este termo ainda não está dicionarizado nas obras lexicográficas consultadas.

<div> <div>Código</div> <div>53</div> </div>				<div>FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA</div>		<div>Topônimo</div> <div>“Guarani”</div>
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas		
Mesorregião dos Pantanaís sul- mato-grossense	Aquidauana	Genérico	Fazenda	1. Nação indígena do Brasil e do Paraguai. 2. Idioma, língua Guarani. 3. Guerreiro		
		Específico	Guarani			
Taxonomia	Etnotopônimo					
Etimologia	Tupi/guarani					
Forma variante	Guarinĩ					
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000					

⁴⁰ Para o significado da forma primitiva deste termo, consultar a ficha anterior.

Topônimo apontado por Sampaio (1901) e Tibiriçá (1984) como um termo de origem tupi. De acordo com Sampaio (1901, p. 197), “corresponde à forma *guarinĩ*, que designa “o guerreiro, o que guerreia ou luta”. Segundo Tibiriçá (1984, p. 103), denomina uma “grande nação indígena do Brasil e Paraguai. Forma proveniente de *guarinĩ*, guerreiro”.

O dicionário Houaiss e Vilar (2001) aponta este nome como de origem guarani e o define de acordo com três acepções: “o indígena pertencente ao grupo dos guaranis; grupo indígena que habita Mato Grosso do Sul, Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul, onde se divide nos subgrupos caiouá, embiá e nhandeva”, ou ainda, “a língua da família linguística tupi-guarani, falada pelos guaranis”. Guasch & Ortiz (1996) e Assis (2008) também apontam este termo como originado do guarani e apresentam a mesma definição dada pelo dicionário Houaiss e Vilar.

A respeito desse termo, Taunay (1868, p.56) advoga que o termo “*guarani* parece corruptella do termo *guarinĩ*, que significa guerra”, enquanto Guasch & Ortiz (1996, p. 542) apresentam como termo original a forma *guarinĩ*, mas afirmam que a mesma significa “guerra ou guerreiro”.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>54</div></div>				“Guirá”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantaneais sul- mato-grossense	Corumbá	Genérico	Corixo	1. Pássaro. 2. Roedor encontrado no Paraguai, no Brasil e Argentina.
		Específico	Guirá	
Taxonomia	Zootopônimo			
Etimologia	Tupi/guarani			
Forma variante	Guyrá, uirá, guará.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Topônimo de origem tupi apontado por Sampaio (1901, p. 128) como correspondente a *guirá*, “ave, pássaro, o que se eleva ou voa”.

Para Tibiriçá (1984, p. 106), o nome tupi *guyrá* é a designação de “ave, pássaro”. De acordo com o dicionário Houaiss e Vilar (2001), denomina um “roedor da família dos equimídeos encontrado no Paraguai, Leste do Brasil e Nordeste da Argentina. [...] De

pelagem densa e áspera, de coloração marrom-pardacenta, que habita as capoeiras ralas e os capinzais geralmente próximos à água, e cava galerias no solo”.

Contudo, segundo Tibiriçá (1998) e Assis (2008, p. 65), este termo origina-se do guarani e é “uma designação para ave, pássaro, pois muitos nomes de pássaros começam por *guyrá*”.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>55</div></div>				“Iara”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul- mato-grossense	Aquidauana	Genérico	Retiro	1. Dona da água, sereia dos rios e lagos.
		Específico	Iara	
Taxonomia	Mitotopônimo			
Etimologia	Tupi			
Forma variante	Uyára, jará, yara.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Topônimo apontado por Sampaio (1901), Tibiriçá (1984), Cunha (1998) e Houaiss e Vilar (2001) como um termo de origem tupi. De acordo com Sampaio (1901, p. 82), este termo tem como correspondente a forma *uyára*, designação usada para se referir à “dama das águas, ou mãe d’água”. Segundo ele, “nas águas dos rios e lagos denominavam genios femininos ou uyáras, dama das águas, ou mãe d’água, cujo canto seduzia os pescadores para os perder, mytho idêntico ao das sereias dos marujos de todos os tempos”. (SAMPAIO, 1901, p. 82).

De acordo com Cunha (1998, p. 147), esse termo é uma designação para “sereia dos rios e dos lagos, de acordo com a mitologia indígena”. O dicionário Houaiss e Vilar (2001) aponta a mesma definição dada por Cunha.

Dias (1970, p. 32) apresenta as formas *jará* e *yara* como variantes do topônimo *iara*, porém, segundo o autor, este termo significa “senhor, dono”, forma esta que, no guarani se escreve *jára*- “dono, senhor, amo, proprietário” (ASSIS, 2008, p. 105).

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div>Código 56</div>				“Iguaçu” ⁴¹
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul- mato-grossense	Aquidauana/ Corumbá	Genérico	Fazenda	1. Rio grande, água grande.
		Específico	Iguaçu	2. Custar, ser difícil.
Taxonomia	Dimensiotopônimo			
Etimologia	Tupi/guarani			
Forma variante	<i>Iguassu, igoaçu.</i>			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Termo formado pela justaposição do radical tupi/guarani *y*, que significa “água, rio” + o adjetivo tupi/guarani, *guaçu*, que significa “grande”. Traduzido literalmente, este termo significa “água grande ou rio grande”. Dias (1970, p. 33) apresenta a forma *igoaçu*, porém, a definição dada ao termo é “custar, ser difícil”, o que diferencia da definição apontada por Assis (2008).

Entretanto, segundo Assis (2008, p. 95), esse termo provém do guarani- *y*, “água” + *guaçu*, “grande”. Logo, significa “água grande ou muita água”.

⁴¹ A respeito da classificação taxonômica desse topônimo, optamos por não classificá-lo como hidrotopônimo, mesmo havendo, em sua formação, referência ao termo rio (*y*). Isso se justifica pela referência semântica, uma vez que acreditamos que a característica que se evidencia, nessa formação, é o “tamanho, a extensão” do rio e não o fato de o acidente ser um rio em si.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>57</div></div>				“Imbirussu”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul-mato-grossense	Aquidauana	Genérico	Aldeia	Madeira grande, árvore do gênero das bombáceas.
		Específico	Imbirussu	
Taxonomia	Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi			
Forma variante	Ibirussu, embiruçu, embirossu, embirossu.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Topônimo de origem tupi apresentado por Sampaio (1901, p. 129) como *ibirussu*, correspondente a *ibirá-uçú*, que significa “madeiro grande, pau grande”.

O dicionário Houaiss e Vilar (2001) apresenta a forma *embiruçu*, “designação comum a árvores da família das bombacáceas, nativa do Brasil, com madeira branca e porosa, usada na fabricação de papel”.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>58</div></div>				“Indaiá”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul- mato-grossense	Aquidauana/ Corumbá	Genérico	Córrego	1. Palmeira nativa do Brasil.
		Específico	Indaiá	
Taxonomia	Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi/guarani			
Forma variante	Inaiá, inajá.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Topônimo de origem tupi definido por Sampaio (1901, p. 130) como *inaya*, “designação de uma palmeira”. De acordo com o dicionário Houaiss e Vilar (2001), denomina “uma palmeira de até 25 metros nativa do Brasil. Possui folhas penadas, eretas e crespas, inflorescências interfoliares, e frutos de cor amarela, com polpa comestível”.

No entanto, segundo Tibiriçá (1989, p. 73), este topônimo é de origem guarani e nomeia “uma palmeira, cujo fruto é o *pindó*”.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>59</div></div>				“Indaial ⁴² ”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul- mato-grossense	Aquidauana	Genérico	Fazenda	1. Forma derivada de indaiá.
		Específico	Indaial	
Taxonomia	Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi/português			
Forma variante	Não encontrada.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Termo híbrido formado pela junção do radical indígena tupi *indaiá* + sufixo coletivo português *-al*. Termo ainda não dicionarizado nas obras lexicográficas consultadas.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>60</div></div>				“Ingá”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul- mato-grossense	Aquidauana	Genérico	Vazante	1. Fruto do ingazeiro. 2. Árvore e arbustos de frutos de polpa doce.
		Específico	Ingá	
Taxonomia	Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi/guarani			
Forma variante	Não encontrada.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

⁴² Para o significado da forma primitiva, consultar a ficha anterior.

Termo de origem tupi definido por Tibiriçá (1984, p. 109) como “o fruto do ingazeiro”. Cunha (1998, p. 154) define *ingá* como “o nome comum a diversas plantas da família das leguminosas, subfamília das mimosáceas”.

De acordo com o dicionário Houaiss e Vilar (2001), é uma “designação comum às árvores e arbustos do gênero *ingá*, nativa de regiões tropicais e temperadas das Américas, algumas cultivadas como sombreiras, como ornamentais ou pela polpa doce dos frutos”.

Contudo, conforme aponta Tibiriçá (1989, p. 73), este topônimo é de origem guarani e designa uma “árvore da família das leguminosas”.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>61</div></div>				“Ingazal” ⁴³ ,
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul- mato-grossense	Corumbá	Genérico	Rio	1. Forma derivada de ingá.
		Específico	Ingazal	
Taxonomia	Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi/português			
Forma variante	Não encontrada.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Termo híbrido formado pela junção do radical indígena tupi *ingá* + sufixo coletivo português- (z) al. Termo ainda não dicionarizado nas obras consultadas.

O dicionário Houaiss e Vilar (2001) apresenta a forma *ingazeira*, que denomina o “ingá de até 10 metros [...], nativo do Brasil [...], com madeira usada como lenha, dois a quatro folíolos por folha e flores vermelhas e brancas, em pequenas espigas”.

Borba (2004, p. 770) apresenta a forma *ingazeiro*, “árvore com folhas elípticas e perfumadas, cujo fruto é o ingá”.

De acordo com Ferreira (2004), o topônimo *ingazeira* designa uma “árvore da família das leguminosas (*Inga capuchoi*), que vive na região do rio Tapajós (PA) e não tem qualquer utilidade”.

⁴³ Para o significado da forma primitiva, consultar a ficha anterior.

Cunha (1982, p. 436) apresenta como formas derivadas do termo *ingá*, os topônimos: *ingazeiro* (1763), *ingazeira* (1876) e *ingarana* (XX⁴⁴).

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>62</div></div>				“Itacatu”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul- mato-grossense	Aquidauana/ Miranda	Genérico	Retiro	1. Pedra grande 2. Pedra boa.
		Específico	Itacatu	
Taxonomia	Litotopônimo			
Etimologia	Tupi/guarani			
Forma variante	Itakatu.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Termo formado por justaposição. Junção do radical tupi/guarani, *ita*, que significa “pedra” + adjetivo tupi/ guarani, *catu*, *katu*, que quer dizer: “bom, grande”. Traduzido literalmente, este termo significa “pedra grande ou pedra boa”.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>63</div></div>				“Jabuti”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul- mato-grossense	Aquidauana/ Corumbá	Genérico	Fazenda	1. Quelônio terrestre da zona tropical do Brasil. 2. Réptil da família dos aligatorídeos.
		Específico	Jabuti	
Taxonomia	Zootopônimo			
Etimologia	Tupi/guarani			
Forma variante	Jaboti			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

⁴⁴ No Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa, Cunha (1982) aponta o surgimento e a evolução das formas variantes das palavras, sendo, em algumas delas, registrado apenas o século em que surgiram.

Topônimo de origem tupi definido por Sampaio (1901, p. 134) como termo correspondente a *ya-u-ti*, que significa: “o que come pouco, animal de comer pouco [...] kagado do mato”. Segundo Tibiriçá (1984, p. 112), este termo designa “uma espécie de quelônio da zona tropical do Brasil”.

De acordo com o dicionário Houaiss e Vilar (2001), este termo é uma “designação comum aos quelônios, terrestres e herbívoros, de carapaça alta, patas posteriores tubulares, semelhantes às dos elefantes, dedos curtos, com garras e movimentos lentos”.

Entretanto, segundo Assis (2008, p. 102), este termo é de origem guarani e corresponde a uma “designação comum aos répteis da família dos aligatorídeos”.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div>Código</div> 64				“jacaré”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul- mato-grossense	Aquidauana/ Corumbá	Genérico	Lagoa	1. Réptil crocodiliano da família dos aligatorídeos. 2. O que olha torto, de banda. 3. Planta da família das ciperáceas.
		Específico	Jacaré	
Taxonomia	Zootopônimo/Fitotopônimo.			
Etimologia	Tupi/guarani.			
Forma variante	Jakare.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Topônimo de origem tupi definido por Sampaio (1901, p. 134) como correspondente ao termo *ya-caré*, que designa “o que é encurvado ou sinuoso”. Também pode corresponder à forma *eehá-caré*, “o que olha torto ou de banda”; pode ainda ter como correspondente a forma *yagua-ré*, “a fera de outro gênero, ou como se fora- a onça d’água”.

Segundo Tibiriçá (1984, p. 113), este é um “nome comum a diversas espécies de sáurios do Brasil”, em uma segunda acepção, *jacaré* também pode designar “uma planta da família das ciperáceas” ou ainda, segundo a mitologia, nomeia o “primeiro monstro anfíbio surgido das águas”.

De acordo com o dicionário Houaiss e Vilar (2001), *jacaré* é uma “designação comum aos répteis crocodilianos da família dos aligatorídeos, de focinho largo e chato, encontrados especialmente nos rios e pântanos das Américas do Norte e do Sul”.

No entanto, assim como acontece com vários outros designativos, este termo também apresenta divergência quanto à etimologia, uma vez que, embora tenha afirmado em 1984 que este topônimo era de origem tupi, Tibiriçá apresenta, em 1989, o designativo *jacaré* como de origem guarani.

Esta etimologia também é apontada por Guasch & Ortiz (1996, p. 575), que definem esse topônimo como correspondente a *jakare*, um “lagarto, cocodrilo, caiamán”. Assis (2008, p. 102) também aponta este termo como originado do guarani e apresenta a mesma definição elencada no dicionário Houaiss e Vilar.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>65</div></div>				“Jacú”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul- mato-grossense	Corumbá	Genérico	Corixo	1. Ave galinácea que se alimenta de grãos e frutos.
		Específico	Jacú	
Taxonomia	Zootopônimo			
Etimologia	Tupi/guarani			
Form variante	Não encontrada.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Topônimo apontado por Sampaio (1901, p. 135) como correspondente ao termo de origem tupi a *y-a-cú*, que significa: “o que come grãos, o que traga ou engole fructos”.

De acordo com Tibiriçá (1984, p. 113), este é o designativo de “certa ave galinácea, de carne saborosa”. Segundo o dicionário Houaiss e Vilar (2001), *jacu* é uma “designação comum às aves galiformes, que possuem garganta nua com barbeta vivamente colorida, especialmente nos machos e durante o período reprodutivo; alimentam-se de frutas, folhas e brotos”.

Todavia, se opondo ao que afirmara anteriormente, Tibiriçá advoga, em 1989, que *jacu* é um termo de origem guarani.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div>Código</div> <div>66</div>		“Jacutinga”		
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul-mato-grossense	Aquidauana/Corumbá/Miranda	Genérico	Fazenda	1. Jacu branco. 2. Rocha friável argilosa.
		Específico	Jacutinga	
Taxonomia	Zootopônimo/Litotopônimo			
Etimologia	Tupi			
Forma variante	Não encontrada			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Termo de origem tupi formado, de acordo com Sampaio (1901, p. 64), pela justaposição das formas *jacu* + *tinga*, que denomina o “jacu branco ou manchado de branco”. Ainda de acordo com o autor, também “denominavam *jacutinga* a rocha friável argilosa servindo de jazida ao ouro entre rocha de itabirita, talvez pela sua semelhança de coloração com a ave conhecida do gênero Penélope” (SAMPAIO, 1901, p. 58).

Para Cunha (1998, p. 169), *jacutinga* é “uma ave galiforme da família dos cracídeos, uma espécie de *jacu*”. Segundo Tibiriçá (1984, p. 114), este termo designa “a ave da família dos cracídeos” e, em uma segunda acepção, pode ser definido como o “xisto ferruginoso e maganífero decomposto”.

De acordo com o dicionário Houaiss e Vilar (2001), *jacutinga* é uma “designação comum às aves galiformes, típica de matas de altitude do sudeste brasileiro, com plumagem negra brilhante e branca, base do bico azul-esbranquiçado, região perioftálmica nua e branca e barbeta larga e vermelha”.

De acordo com Navarro (2006), existem, no tupi, alguns adjetivos ou mesmo substantivos que funcionam como pospositivos na formação de muitos topônimos, como é o caso dos substantivos *tyba*, *tinga* e *pora*.

Sobre esses pospositivos, o autor aponta o uso do substantivo *tinga*, que significa “branco, brancura”, na formação de muitos de nossos topônimos, como é o caso de *jacutinga*, *itatinga*, entre outros.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>67</div></div>				“Jagaretê”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantaneais sul-mato-grossense	Aquidauana/Miranda	Genérico	Fazenda	1. Onça pintada, tigre verdadeiro.
		Específico	Jagaretê	
Taxonomia	Zootopônimo			
Etimologia	Tupi/guarani			
Forma variante	Não encontrada			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Topônimo definido por Sampaio (1901), Tibiriçá (1984), Cunha (2006) e Houaiss e Vilar (2001) como um termo de origem tupi. Segundo Sampaio (1901, p. 135), este termo tem como correspondente a forma tupi *yaguar-etê*, que significa: “onça verdadeira”.

O dicionário Houaiss e Vilar (2001) apresenta a seguinte definição para este termo: “do tupi *yagware'te* 'jaguar, “onça” < *ya'gwara* “jaguar” + *e'te* 'verdadeiro”.

No entanto, de acordo com Guasch & Ortiz (1996) e Assis (2008) este termo é de origem guarani e é definido, segundo Guasch & Ortiz (1996, p.572), como “tigre americano”. Conforme Assis (2008, p. 140), esta é uma designação para “onça”.

Sobre esse tipo de formação, Assis (2008, p. 852) aponta que, no guarani, o grau aumentativo se faz por meio de sufixos, assim, usa-se *-etê* ou *-katu*. Entretanto, o que percebemos na formação desse topônimo é que o uso do sufixo *-etê* não exprime ideia de tamanho (o fato da onça ser grande) e sim o fato de ser uma “onça de verdade”, nesse caso, a onça pintada, em referência a outros espécimes.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>68</div></div>				“Jaguatinga”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul-mato-grossense	Corumbá	Genérico	Fazenda	1. Cachorro branco.
		Específico	Jaguatinga	
Taxonomia	Zootopônimo			
Etimologia	Tupi			
Forma variante	Não encontrada			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Topônimo de origem tupi formado pela justaposição dos vocábulos *jaguar*, que significa “cachorro” + *tinga*, que significa “branco (a)”, designação para “cachorro branco”. Segundo Tibiriçá (1984, p. 17), esse processo de formação acontece “quando o substantivo é paroxítono. Nesse caso, o substantivo perde a última sílaba se o adjetivo que o completar iniciar com consoante”.

De acordo com o dicionário Houaiss e Vilar (2001), este é um termo tupi usado para designar tanto o “cão” como os felinos em geral. O processo de composição desse termo é explicado da seguinte forma: “junção de *jaguar*, termo tupi *ya'gwara* “nome comum aos grandes mamíferos carnívoros da família dos felídeos” + *tinga*, elemento de composição pospositivo, do tupi *tinga*, “branco, claro, cor branca, brancura”.

Relacionando a definição apontada para esse topônimo com a definição dada ao termo anterior, podemos observar que há uma certa contradição por parte dos dicionários, uma vez que, *jaguar*, no topônimo anterior, é definido como onça, mas é apresentado como cachorro no topônimo *jaguatinga*. Acreditamos que essa contradição se justifica pelo fato de ser uma prática comum aos indígenas nomearem seus animais seguindo uma analogia, uma espécie de extensão designativa baseada nas características do ser nomeado, assim, utiliza-se a definição “onça verdadeira” para o termo *jaguarê*, que significa a onça pintada. Acreditamos que o termo *jaguatinga* possa fazer referência a um outro tipo de onça, a “onça parda ou pulma”.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div> Código 69 </div>				“Jaraguá”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul- mato-grossense	Aquidauana/ Corumbá/ Miranda	Genérico	Fazenda	1. Vale ou enseada. 2. Erva, planta de fibras têxteis.
		Específico	Jaraguá	
Taxonomia	Geomorfotopônimo/ Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi/guarani			
Forma variante	Não encontrada.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Topônimo definido por Sampaio (1901, 136) como correspondente ao termo tupi *yara-guá*, que significa “valle ou baixa do senhor; enseada ou angra do senhor”. Entretanto, segundo Tibiriçá (1984, p. 116), *jaraguá* é uma designação para “uma planta de fibras têxteis”.

De acordo com o dicionário Houaiss e Vilar (2001), *jaraguá* nomeia “uma erva de até 2 metros da família das gramíneas, nativa de regiões tropicais da África e muito cultivada, especialmente no Brasil, como uma das principais forragens para bovinos”.

Entretanto, contrariando a afirmação dada em 1984, Tibiriçá (1989, p. 83) aponta o termo *jaraguá* como de origem guarani.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div>Código</div> <div>70</div>		<div>“Jatobá”</div>		
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul- mato-grossense	Aquidauana/ Corumbá	Genérico	Córrego	1. Árvore da família das leguminosas, de fruto doce e comestível.
		Específico	Jatobá	
Taxonomia	Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi			
Forma variante	Jataí, jataicica, jati, jatubá, jatibá, jetaí, jetaicica, jitaí, jutaí, jutaicica, jetaýba.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Topônimo de origem tupi definido por Sampaio (1901, p. 136) como forma correspondente de *y-atã-obá*, “o que tem a casca dura, ou superfície”. De acordo com Tibiriçá (1984, p. 119), este nome tem como variante o termo *jetaýba* que, por sua vez, corresponde à *jataí* ou *jatobá*. “grande árvore da família das leguminosas”.

Segundo Cunha (1998, p. 176), *jatobá* é uma designação para “a planta da família das leguminosas, uma variedade de *jataí*. Já de acordo com o dicionário Houaiss e Vilar (2001), esta é uma “designação comum às árvores da família das leguminosas, de frutos comestíveis e da qual se extrai resina”. Numa outra acepção, esse dicionário define *jatobá* como uma árvore de até 40 metros, nativa do México ao Brasil e comum na Amazônia com casca tanífera, [...] pequenas flores brancas e frutos com polpa farinácea, doce, nutritiva e laxante”.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
Código 71				“Jenipapo”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantaneais sul- mato-grossense	Corumbá	Genérico	Córrego	1. Fruto de polpa adocicada, e da qual os indígenas extraem uma tinta preta utilizada em artesanatos e pintura corporal.
		Específico	Jenipapo	
Taxonomia	Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi			
Forma variante	Genipapo, janypaba.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Topônimo de origem tupi apontado por Sampaio (1901, p. 125) como *genipapo*, forma correspondente a *yanipaba* ou *nhandipab*, “fructo de esfregar ou que serve para pintar”. De acordo com Tibiriçá (1984, p.115), *jenipapo* é uma forma variante de *janypaba*, “fruta suculenta de sabor acre”.

De acordo com Cunha (1998, p. 177), esse termo denomina uma “planta da família das rubiáceas, cujo fruto é uma baga globosa de casca mole, aromática, com polpa adocicada”. Já para o dicionário Houaiss e Vilar (2001), esse termo nomeia o “fruto do jenipapeiro, [...] com polpa aromática, comestível, de que se fazem compotas, doces, xaropes,

bebida refrigerante, bebida vinosa e licor, e da qual se extrai tinta preta, usada pelos indígenas em petróglifos, cerâmica, cestaria, tatuagens e pintura corporal”.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div>Código</div> <div>72</div>				“Jibóia”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul- mato-grossense	Aquidauana/ Corumbá	Genérico	Córrego	1. Grande cobra não venenosa.
		Específico	Jibóia	2. Planta da família das aráceas.
Taxonomia	Zootopônimo/ Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi			
Forma variante	Yboy			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Termo de origem tupi definido por Sampaio (1901, p. 125) como forma correspondente de *yboy* ou *yiboi*, “cobra d’agua”. Cunha (1998, p. 180) apresenta *jibóia* como “uma cobra não venenosa da família dos boídeos”.

De acordo com o dicionário Houaiss e Vilar (2001), esse termo designa “uma grande serpente arborícola da família dos boídeos, [...] com até 4 metros de comprimento e dorso amarelo, castanho ou cinza, com manchas ovais avermelhadas”. Em uma segunda acepção, esse dicionário apresenta *jibóia* como “uma planta semi-herbácea da família das aráceas, com folhas ovadas ou oblongas, coriáceas, grandes e variegadas de branco ou amarelo”.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
Código				“Lalima”
73				
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul- mato-grossense	Aquidauana/ Corumbá/ Miranda	Genérico	Morro	1. Sumidouro
		Específico	Lalima	
Taxonomia	Hidrotopônimo			
Etimologia	Kadiwéu			
Forma variante	Lalimagadi.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Topônimo de origem kadiwéu definido por Souza (2006, p. 09) como “sumidouro”. Segundo o autor, “a grafia utilizada e conhecida pelos não-índios está em desacordo com a dos kadiwéu, uma vez que essa palavra deriva da palavra kadiwéu *lalimagadi*” (SOUZA, 2006, p.09). Este termo não se encontra registrado no dicionário da língua kadiwéu organizado por Griffiths (2002).

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div>Código 74</div>				“Macaúba”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul- mato-grossense	Aquidauana/ Corumbá	Genérico	Córrego	1. Uma variedade de palmeira.
		Específico	Macaúba	
Taxonomia	Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi			
Forma variante	Macaiuva, macayba			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Topônimo de origem tupi definido por Tibiriçá (1984, p. 124) como forma variante de *macayba*, “uma variedade de palmeira cujo fruto se denomina *macá* ou *macaba*”.

Cunha (1998, p. 194) aponta esse termo como “uma espécie de palmeira” e de acordo com o dicionário Houaiss e Vilar (2001), *macaúba* é “o mesmo que coco-de-catarro ou palmeira-barriguda”.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
Código 75				“Mangaba”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul- mato-grossense	Corumbá	Genérico	Fazenda	1. Planta da família das apocináceas.
		Específico	Mangaba	2. Fruto da mangabeira.
Taxonomia	Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi			
Forma variante	Manguaba			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Topônimo de origem tupi apontado por Sampaio (1901, p. 138) como forma variante de *manguaba*, correspondente de *mã-guaba*, “coisa de comer, o que serve para comer”. Tibiriçá (1984, p. 126) define esse termo como “o fruto da mangabeira, também chamado de sorva.”

De acordo com Cunha (1998, p. 201), mangaba é “uma planta da família das apocináceas, cujo fruto é muito apreciado”. Já o dicionário Houaiss e Vilar (2001) define esse termo como “uma árvore de até 7 metros da família das apocináceas, com látex de que se faz borracha rosada. É uma espécie nativa do Peru, do Brasil e do Paraguai que possui madeira vermelha, rija, folhas elípticas e flores grandes e brancas”.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>76</div></div>				“Mangabal” ⁴⁵ ”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul-mato-grossense	Aquidauana	Genérico	Vazante	1. Forma derivada de mangaba.
		Específico	Mangabal	
Taxonomia	Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi/português			
Forma variante	Mangabeiral			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Termo híbrido formado pela junção do radical indígena tupi *mangaba* + sufixo coletivo do português- al. De acordo com o dicionário Houaiss e Vilar (2001), *mangabal* significa um extenso aglomerado de mangabeiras em determinada área. Conforme Ferreira (2004), este termo designa uma “quantidade mais ou menos considerável de *mangabeiras* dispostas proximamente entre si”.

Borba (2004, p. 878) apresenta o termo *mangabeira*, que denomina uma “árvore de flores grandes e alvas, de que se extrai látex e cujo fruto é a *mangaba*”. Esta forma também é apontada pelo dicionário Caldas Aulete (2007, p. 648) que define *mangabeira* como a “árvore que dá *mangaba*”.

⁴⁵ Para o significado da forma primitiva, consultar ficha anterior.

Cunha (1982, p. 495) aponta como formas derivadas de *mangaba*, as construções: *mangabal* (1585), *mangabeira* (1587), *mangarana* (XX), *mangabeiral* (XX) e *mangabeiro* (XX) ⁴⁶. As demais obras consultadas não apresentam nenhuma dessas formas.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>77</div></div>				“Mangabinha”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul-mato-grossense	Aquidauana/Corumbá	Genérico	Córrego	1. Forma derivada de mangaba.
		Específico	Mangabinha	
Taxonomia	Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi/português			
Forma variante	Não encontrada			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Termo híbrido formado por sufixação. Junção do radical indígena tupi *mangaba* + sufixo diminutivo feminino do português *-inha*. Termo definido pelo dicionário Houaiss e Vilar (2001), como: “pequena mangaba”. Ferreira (2004) não apresenta esta forma e sim *mangabinha-do-norte*, que nomeia uma “Árvore da família das apocináceas”. Este termo não está dicionarizado nas demais obras consultadas.

⁴⁶ No Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa, Cunha (1982) aponta o surgimento e a evolução das formas variantes das palavras, sendo, em algumas delas, registrado apenas o século em que surgiram.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>78</div></div>				“Nabileque”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul-mato-grossense	Corumbá	Genérico	Rio	Barro escorregadio.
		Específico	Nabileque	
Taxonomia	Litotopônimo			
Etimologia	Kadiwéu			
Forma variante	Nabilecagadi.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Termo de origem kadiwéu correspondente à forma *nabilecagadi*, que significa “barro escorregadio”. (SOUZA, 2006, p. 09).

De acordo com o autor, a história do significado desse nome remete à época em que os antigos kadiwéus iam vender seus produtos em Porto Coimbra, às margens do rio Paraguai. As mulheres que acompanhavam os homens ficavam à beira desse rio, brincando nuas no barro escorregadio (SOUZA, 2006, p. 09). Esse termo não está registrado no dicionário da língua kadiwéu organizado por Griffiths (2002).

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div>Código</div> <div>79</div>				“Naitaka”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul- mato-grossense	Corumbá	Genérico	Rio	“Lugar da mentira”
		Específico	Naitaka	
Taxonomia	Animotopônimo ou nootopônimo			
Etimologia	Kadiwéu			
Forma variante	Niutaca, naitaca, niwitakagadi, niwitaketedi, niwitakadi.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Topônimo de origem kadiwéu cujo correspondente é a forma *niwitakadi*, que significa “lugar da mentira, ou rio mentiroso”. “Isso é claramente explicado pela característica temporária do rio que, na época da estiagem, seca, ou seja, o rio desaparece, passando por “rio

mentiroso” ou “lugar da mentira”. (SOUZA, 2006, p. 09). O dicionário da língua kadiwéu organizado por Griffiths (2002, p. 150) apresenta a forma *niwitaketedi*, que corresponde a um plural alternativo do substantivo masculino “mentira”, originado do verbo *iwitaka*, “mentir”.

Sobre a formação desse topônimo, Griffiths & Griffiths (1976, p.94) afirmam que existe certa correlação semântica no caso de algumas das divisões das formações de plural. Sendo assim, de acordo com os autores, os plurais masculinos terminados em *-tedi* representam geralmente substantivos animados, mas não humanos, ou seja, neste grupo também se encontram os substantivos considerados animados, sob o ponto de vista dessa sociedade considerada animista por reconhecerem a existência de espíritos maléficos, como rio, fogo e vento.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>80</div></div>				“Naxedaxe”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul-mato-grossense	Miranda	Genérico	Córrego	Vasilha para colocar óleo.
		Específico	Naxedaxe	
Taxonomia	Ergotopônimo			
Etimologia	Kadiwéu			
Forma variante	Não encontrada.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Topônimo de origem kadiwéu que nomeia um utensílio doméstico, uma vasilha usada para colocar óleo. O significado desse termo foi fornecido por Angélica Matchua, da aldeia Alves de Barros, entretanto, o dicionário da língua Kadiwéu (2002) não registra esse termo.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div>Código</div> <div>81</div>				“Nhumirim”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul-mato-grossense	Aquidauana/Corumbá	Genérico	Fazenda	1. Mato ou campo pequeno.
		Específico	Nhumirim	
Taxonomia	Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi/guarani			
Forma variante	Não encontrada.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Topônimo formado por derivação sufixal, partir da junção do radical tupi/guarani, *ñu*, *nhũ* “mato, campo” + sufixo diminutivo⁴⁷ tupi/guarani, *mirim*, que significa “pequeno”. Traduzido literalmente, esse termo significa “mato pequeno, matinho, campo pequeno”.

A respeito desse termo, Sampaio (1901, p. 50) destaca que “o campo, o terreno naturalmente despido de vegetação arborescente se denomina *nhu*, que a corruptela alterou muitas vezes para *inhum* e até para *ñu*. Assim, *nhumirim*, “campinho” [...]”.

Entretanto, segundo Navarro (2006, p. 126), o grau diminutivo no tupi faz-se com os sufixos *-ĩ* e *-ĩ*, caindo o sufixo *-a* do substantivo, quando ele existir. De acordo com o autor, *mirĩ* não é um sufixo e sim o adjetivo “pequeno”. Nesse caso, o topônimo *nhumirim* seria formado por justaposição e não derivação sufixal, como foi apontado acima.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
Código 82				“Nhuvaí”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul- mato-grossense	Corumbá	Genérico	Baía	1. Mato feio, mato ruim.
		Específico	Nhuvaí	
Taxonomia	Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi/guarani			
Forma variante	Não encontrada.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

⁴⁷ Barbosa (1856) afirma que tupi não é um sufixo e sim o adjetivo “pequeno”.

Topônimo formado por justaposição, na junção do radical tupi/guarani, *ñu*, *nhũ* “mato, campo” + o adjetivo guarani, *vaí*, que significa “feio, nocivo, prejudicial, ilícito, mau, ruim” (ASSIS, 2008, p. 406). Traduzido literalmente, esse termo significa “mato feio, mato ruim”.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>83</div></div>				“Nhuverá”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul- mato-grossense	Corumbá	Genérico	Fazenda	1. Mato ou campo resplandecente.
		Específico	Nhuverá	
Taxonomia	Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi/guarani			
Forma variante	Não encontrada.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Topônimo formado por justaposição, na junção do radical tupi/guarani, *ñu*, *nhũ* “mato, campo” + o verbo guarani, *verá*, que significa “brilhar, luzir, resplandecer” (ASSIS, 2008, p. 411). Em sua tradução literal, esse termo significa “mato ou campo que resplandece, mato ou campo resplandecente”.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
Código 84				“Nioaque”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul- mato-grossense	Corumbá	Genérico	Rio	1. Ombro ou clavícula quebrada.
		Específico	Nioaque	
Taxonomia	Somatopônimo			
Etimologia	Kadiwéu/ terena			
Forma variante	Não encontrada			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Termo de origem Kadiwéu definido por Taunay (1886, p. 116) como “clavícula quebrada”.

De acordo com Souza (2006, p. 09), é possível que o topônimo *nioaque* seja mesmo de origem kadiwéu. Ainda, segundo o autor, a grafia correta dessa palavra seria *newagi*. “Há uma história relacionada a esse lugar, que conta que nas andanças do povo kadiwéu, quando eram nômades na região de Nioaque, uma jovem fraturou o ombro e por causa disso se chama *newagi*, ombro”⁴⁸.

Entretanto, contrariando os autores supracitados, Tibiriçá (1997, p. 140) advoga que *nioaque* é um termo de origem terena ou guaicurú, mas não aponta uma definição para o mesmo.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div>Código 85</div>				“Panamá”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul- mato-grossense	Aquidauana/ Miranda	Genérico	Fazenda	1. Borboleta 2. Árvore do Amazonas. 3. Tecido de fibras naturais ou artificiais.
		Específico	Panamá	
Taxonomia	Zootopônimo/Fitotopônimo/Ergotopônimo			
Etimologia	Tupi			
Forma variante	Não encontrada			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Topônimo de origem tupi definido por Dias (1970, p. 54) como uma designação para “borboleta”. Esta definição também é apontada por Tibiriçá (1984, p. 152) que afirma que esta é uma “designação comum para a borboleta, mas também pode denominar “uma espécie de árvore tintória do Amazonas”.

De acordo com o dicionário Houaiss e Vilar (2001), *panamá* também pode ser “um tecido de fibras naturais ou artificiais, encorpado e que apresenta certo brilho e caneluras, usado especialmente para a confecção de ternos masculinos e femininos de verão”.

⁴⁸ Souza (2006, p. 09) destaca que história sobre o topônimo *nioaque* foi coletada por meio de depoimento do indígena Etelvino de Almeida, no ano de 2005.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div>Código</div> <div>86</div>				“Paraguai”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantaneais sul-mato-grossense	Corumbá	Genérico	Rio	1. Rio dos papagaios.
		Específico	Paraguai	2. Rio que origina um mar. 3. Rio coronado.
Taxonomia	Hidrotopônimo			
Etimologia	Tupi/guarani			
Forma variante	<i>Paraguay.</i>			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Topônimo de origem guarani proveniente do topônimo *paraguay* que nomeava o rio e posteriormente passou a designar o país inteiro que se estabeleceu na região. De acordo com Montoya (1876)⁴⁹ este termo pode ser definido como “rio coronado”, formado pela junção dos termos *paragua* que significa “corona de palmas” e *y*, “água ou rio”.

Segundo Gubetich (1951, p. 13), a versão mais aceita e de melhor comprovação desse termo é a que o desmembra em três segmentos: *pará*, que significa “mar”; *gua*, que quer dizer “origem” e *y*, “rio”. Em sua tradução literal esse termo seria: “rio que origina um mar”.

Gonzalez (1993, p. 71-72) advoga que a tradução correta do termo *paraguay* seria “rios de los moradores del mar”, que se refere ao povo guarani que habitava aos arredores desse rio e o dominava em boa parte. Segundo o autor, este termo seria assim analisado:

[...] Paraguá'y (de Pará, mar; gua, morador, oriundo; y, rio o água), dice literalmente rio de los moradores del mar, clara referencia a los guaraníes que eran los señores de su corriente y navegaban por el Atlántico, en gigantescas piraguas, desde el Plata hasta el mar Caribe. (p.13).

Entretanto, Sampaio (1901, p. 144) destaca que este termo origina-se do tupi *paragua-y*, que significa “rio dos papagaios”. Este apontamento também é defendido por

⁴⁹ No escrito original não consta a numeração das páginas.

Guasch & Ortiz (1996) que destacam que *pagua*, em tupi significa “lorito”. *Paraguay* seria, então, “rio dos loritos o papagaios”⁵⁰ (GUASCH & ORTIZ, 1996, p. 705).

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div>Código</div> <div>87</div>				“Piauí”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul- mato-grossense	Corumbá	Genérico	Vazante	1. Rio dos pias.
		Específico	Piauí	
Taxonomia	Hidrotopônimo			
Etimologia	Tupi			
Forma variante	Não encontrada.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Topônimo de origem tupi definido por Sampaio (1901, p. 146) como forma correspondente de *piauhy*, que significa: “rio dos pias”. Tibiriçá (1997, p. 96) apresenta esse termo como forma correspondente de *piau-y*, “rio do piau, ou piaba”. De acordo com o dicionário Houaiss e Vilar (2001), este termo é documentado em *Iracema*, de José de Alencar (1829/1877 *apud* HOUAISS E VILAR, 2001), como o tupi *pi'awa* “piaba” ou o tupi *pi('ra) 'awa* “piauí, peixe grande” e *ĩ*, “rio”, logo *Piauí*, significa “rio das piabas ou dos pias”.

⁵⁰ Rio dos louros ou papagaios (TL)

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
Código 88				“Pindaíba”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul- mato-grossense	Corumbá	Genérico	Córrego	1. Vara de anzol. 2. Miséria, penúria.
		Específico	Pindaíba	3. Árvores e arbustos das famílias das anonáceas.
Taxonomia	Ergotopônimo/ Animotopônimo/ Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi/guarani			
Forma variante	<i>Pindaíba, pindayba.</i>			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Topônimo de origem tupi definido por Sampaio (1901, p. 146) como correspondente a *pindá-iba*, “a vara de anzol, a cana que serve para pescar a anzol”. Em outra acepção, o autor apresenta *pindayba* com o significado de “miséria, penúria”. A respeito dessa acepção, Sampaio (1901) destaca:

Chamavam *pānacu* ao panno grosso e *parrapoi* ao pano fino. Os farrapos ou andrajos tinham o nome panahy-ba, donde é provável que proceda por confusão de termo o vocábulo *pindahyba*, vulgarmente applicado como synonymo de penúria ou miséria. (p. 80).

Tibiriçá (1984, p. 157) também apresenta duas definições para esse termo: “uma designação de vara de pescar e também uma planta da família das anonáceas”. Cunha (1998, p. 235) apresenta a mesma definição dada por Tibiriçá. O dicionário Houaiss e Vilar (2001), por sua vez, define esse termo como “uma designação comum a diversas árvores e arbustos da família das anonáceas e também como um arbusto nativo do Brasil, cuja casca é usada como bucha para espingarda e fornece fio branco usado em cordoaria, e frutos comestíveis”. A respeito desse termo, este dicionário aponta algumas definições propostas por diferentes autores. Assim,

[...] especula-se muito sobre a origem da expressão *estar na pindaíba*, segundo Nascentes, ela refere-se à necessidade de pescar para comer; Teodoro Sampaio diz que é alusão à má fortuna de quem se vê reduzido à vara do anzol para viver; para Silveira Bueno “o nosso indígena dependia da vara de pescar para o seu sustento e quando tal instrumento não servia, não apanhava peixes, considerava-se o índio na miséria, na falta do seu meio principal de sustento. (HOUAISS E VILAR, 2001).

Sobre a divergência de etimologia entre os topônimos tupis e guaranis, Tibiriçá (1989, p. 144) esclarece que o termo *pindaíba* é de origem tupi, entretanto, a forma *pinda-íva* (*pindaíva*) apontada por alguns autores como forma variante, é na verdade de origem guarani e significa “vara de pescar”.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div>Código 89</div>				“Pindaival” ⁵¹
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantaneais sul-mato-grossense	Corumbá	Genérico	Córrego	1. Extenso aglomerado de pindobas ⁵² [...]. 2. Terreno de pindaíbas.
		Específico	Pindaival	
Taxonomia	Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi/português			
Forma variante	Pindabal, pindaibal, pindaibeira, pindobal.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Termo híbrido formado pela junção do radical indígena tupi *pindaíva* + sufixo coletivo português- al. O dicionário Houaiss e Vilar (2001) apresenta a forma *pindobal*, que denomina um “extenso aglomerado de *pindobas* em determinada área; *pindaibal*”.

Segundo Borba (2002, p. 1.209), este topônimo nomeia o “terreno de *pindaíbas*; *pindaibeira*”. De acordo com o dicionário Ferreira (2004), a forma apresentada é *pindabal*, que designa uma “quantidade mais ou menos considerável de *pindaíbas* dispostas proximamente entre si”.

⁵¹ Para o significado da forma primitiva, consultar a ficha anterior.

⁵² De acordo com Houaiss e Villar (2001), pindoba é uma “designação comum à diversas plantas da família das palmas, especialmente às do gênero *Attalea*; pindobeira, pindova”.

Borba (2004, p. 1074) apresenta a forma *pindaibal*, que nomeia o “aglomerado de pindaibas em uma área”. Os demais dicionários consultados não apresentam nenhuma dessas formações.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>90</div></div>				“Pindaivão”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul-mato-grossense	Aquidauana	Genérico	Córrego	1. Forma derivada de pindaíba ou pindaíva.
		Específico	Pindaivão	
Taxonomia	Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi/português			
Forma variante	Não encontrada.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Termo híbrido formado pela junção do radical indígena tupi *pindaíva* + sufixo aumentativo português *-ão*. Forma ainda não dicionarizada nas obras lexicográficas consultadas.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>91</div></div>				“Pindorama”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul-mato-grossense	Corumbá	Genérico	Fazenda	1. Região ou país das palmeiras. 2. Plantação de pindobas.
		Específico	Pindorama	
Taxonomia	Corotopônimo/Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi			
Forma variante	Pindó-retama			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Termo de origem tupi definido por Sampaio (1901, p. 146) como “forma contraída de *pindó-retama*, “a região ou o país das palmeiras”; *pindó-rama*, “a palmeira futura ou que hade vir”. De acordo com Tibiriçá (1997, p. 96), *pindorama* é uma designação para

“uma plantação de pindobas”, nome que, segundo alguns autores, os índios davam ao Brasil, antes da descoberta. O dicionário Houaiss e Vilar (2001) aponta as mesmas definições apresentadas pelos autores supracitados.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div>Código</div> 92				“Pirah”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul- mato-grossense	Aquidauana	Genérico	Fazenda	1. Peixe
		Específico	Pirah	
Taxonomia	Zootopônimo			
Etimologia	Tupi/guarani			
Forma variante	Pirá.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Topônimo definido por Tibiriçá (1984), Cunha (1998) e Houaiss e Vilar (2001) como um termo de origem tupi. De acordo com os três autores citados, *pirá* é “uma designação genérica para peixe.”

Entretanto, de acordo com Guasch & Ortiz (1996) e Assis (2008), este termo é de origem guarani. Guasch & Ortiz (1996, p. 712) definem *pirá* como “pez, pescado⁵³”, definição também apontada por Assis (2008, p. 302), ou seja, “peixe, animal aquático, pescado”.

⁵³ Peixe, pescado. (TL)

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
Código 93				“Piracicaba”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul-mato-grossense	Corumbá	Genérico	Fazenda	1. Lugar aonde chegam os peixes.
		Específico	Piracicaba	2. Remanso de um rio próprio para a pescaria.
Taxonomia	Hidrotopônimo			
Etimologia	Tupi/português.			
Forma variante	Não encontrada.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Topônimo de origem Tupi formado pela justaposição de *pirá*, que significa “peixe”, e *sycaba*, que significa “fim, conclusão”; isto é, “lugar aonde chegam os peixes” (TIBIRIÇÁ, 1997, p. 97).

De acordo com o dicionário Houaiss e Vilar (2001), este termo designa o “remanso de um rio próprio para a pescaria”.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
Código 94				“Pirapó”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul-mato-grossense	Aquidauana	Genérico	Fazenda	1. Lugar do rio onde o peixe pula.
		Específico	Pirapó	2. Peixe que salta.
Taxonomia	Hidrotopônimo/Zootopônimo			
Etimologia	Tupi/guarani			
Forma variante	<i>Pirapora</i> .			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Topônimo definido por Sampaio (1901, p. 147) como um termo de origem tupi. De acordo com o autor, esse nome é uma forma contraída de *pirapora* que, por sua vez, corresponde ao termo *pira-pora*, “lugar do rio encachoeirado onde o peixe pula”.

Entretanto, de acordo com Tibiriçá (1997, p. 98), este termo é originado “do guarani *pira-pó*, “peixe que salta”.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
Código 95				“Piraputanga”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul-mato-grossense	Aquidauana/Corumbá	Genérico	Córrego	1. Peixe avermelhado.
		Específico	Piraputanga	
Taxonomia	Zootopônimo			
Etimologia	Tupi			
Forma variante	Peripetinga			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Topônimo definido por Tibiriçá (1984, p. 159) como “um peixe da família dos caracídeos”. Segundo Cunha (1998, p. 240), este termo é formado pela justaposição de *pirá* “peixe” + *pitanga*, “avermelhado”. O dicionário Houaiss e Vilar (2001), por sua vez, define *piraputanga* como “o mesmo que *matrinxã*, ou *peripetinga*, espécimes de peixes avermelhados”.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>96</div></div>				“Piratininga”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul-mato-grossense	Aquidauana	Genérico	Fazenda	1. Peixe seco 2. Lugar onde secam os peixes. 3. Antiga denominação da cidade de São Paulo.
		Específico	Piratininga	
Taxonomia	Zootopônimo/Corotopônimo			
Etimologia	Tupi			
Forma variante	Não encontrada			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Topônimo formado por sufixação, na junção do radical tupi/guarani *pirá*, “peixe” + o sufixo tupi, *-tininga*, “seco, maduro” (TIBIRIÇA, 1984, p. 182).

De acordo com Sampaio (1901, p. 147), este termo tem como correspondente a forma *pirá-tininga*, “o secca peixe, ou o peixe seccando”. Já o dicionário Houaiss e Vilar (2001) aponta o topônimo *Piratininga* como “a antiga denominação da cidade de São Paulo”. Esse dicionário apresenta também a definição dada por Nascentes, na afirmação de que

a origem desse termo é o tupi *pi'ra* 'peixe' e *(mo)tininga*, gerúndio de *(mo)tining* 'secar', donde 'peixe secando, o seca peixe'; o autor cita Teodoro Sampaio que transmite a explicação de Anchieta: por efeito de transbordamentos, o rio deita fora peixes e os deixa em seco, expostos ao sol; há autores que dão outras explicações: leito desigual e sinuoso. (NASCENTES, *apud* HOUAISS E VILAR, 2001)

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>97</div></div>				“Pirizal”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul- mato-grossense	Aquidauana/ Corumbá/ Miranda	Genérico	Fazenda	1. Forma derivada de piri.
		Específico	Pirizal	
Taxonomia	Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi/português			
Forma variante	Juncal.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Termo híbrido formado pela junção do radical indígena tupi *piri* + sufixo coletivo do Português –al. Segundo Mendes (1942, p. 77), “*pirisal*” nomeia “grandes, enormes extensões desta tábua, nos campos de *marajoaras*”.

De acordo com o dicionário Houaiss e Vilar (2001), este termo designa um “extenso aglomerado de *piris* em determinada área; *juncal*”. Para Ferreira (2004), *pirizal* significa “o terreno onde é abundante o *piri*; *juncal*”.

Este topônimo não se encontra dicionarizado nas demais obras consultadas.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>98</div></div>				“Pitangueira”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul-mato-grossense	Corumbá	Genérico	Córrego	1. Árvore ou arbusto cujo fruto é a pitanga.
		Específico	Pitangueira	
Taxonomia	Fitotopônimo			
Etimologia	Indígena/português			
Forma variante	Não encontrada.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Termo híbrido formado pela junção do radical indígena tupi/guarani *pitanga* + sufixo do português, *-eira*. Conforme aponta o dicionário Houaiss e Vilar (2001), *pitangueira* é “uma designação comum a algumas plantas do gênero *Eugenia*, da família das mirtáceas, de frutos refrigerantes, comestíveis e usada em doces e geléias; pitanga”.

Segundo Borba (2002, p. 1.215), este topônimo nomeia um “arbusto ou árvore de folhas cuja cor varia do roxo ao verde escuro, flores brancas perfumadas e que produz pitanga”.

De acordo com Ferreira (2004), *pitangueira* denomina “uma planta cujo porte varia desde subarbusto até árvore, de folhas delgadas, flores minutas e alvas, e cujo fruto, a pitanga, é uma baga vermelha e angulosa, agri-doce, bastante saborosa”.

Borba (2004, p. 1078) define *pitangueira* como “arbusto ou árvore que produz a pitanga” e o dicionário Caldas Aulete (2007, p. 777) aponta *pitangueira* como a “árvore que dá *pitanga*”. Os demais dicionários consultados não apresentam este topônimo.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>99</div></div>				“Piúva”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul- mato-grossense	Aquidauana	Genérico	Fazenda	1. Ipê.
		Específico	Piúva	
Taxonomia	Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi			
Forma variante	Ypé, ypeýba.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Topônimo de origem tupi definido por Tibiriçá (1984, p. 195) como correspondente à forma *ypé* ou *ypeýba*, “nome comum a várias plantas das famílias das bignoniáceas e leguminosas”. De acordo com o dicionário Houaiss e Vilar (2001), *piúva* é “o mesmo que ipê-rosa”.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>100</div></div>				“Piuval”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul- mato-grossense	Corumbá	Genérico	Fazenda	1. Local onde há várias piúvas próximas.
		Específico	Piuval	
Taxonomia	Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi/português			
Forma variante	Não encontrada			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Termo híbrido formado pela junção do radical indígena tupi *piúva* + sufixo coletivo do português- al. De acordo com Borba (2002, p. 1.216), este topônimo designa o “local onde há várias piúvas próximas”. Os demais dicionários consultados não apresentam este topônimo.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
Código 101				“Pombeiro”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul-mato-grossense	Aquidauana	Genérico	Córrego	1. Duende, protetor da floresta.
		Específico	Pombeiro	
Taxonomia	Mitotopônimo			
Etimologia	Guarani			
Forma variante	<i>Pombero.</i>			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Termo de origem guarani definido por Guasch (1996, p. 717) como “duende de la superstición popular, maléfico, ruín⁵⁴”. De acordo com Assis (2008, p. 309), o *pombero* é “um dos entes da natureza mais difundidos na região guaranítica. É considerado o protetor dos pássaros”.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>102</div></div>				“Sapé”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul- mato-grossense	Aquidauana/ Corumbá	Genérico	Córrego	1. Planta da família das gramíneas utilizada para cobrir casas e habitações rústicas.
		Específico	Sapé	
Taxonomia	Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi			
Forma variante	Sapê.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Topônimo de origem tupi definido por Tibiriçá (1984, p. 170) como “uma planta da família das gramíneas, cujas folhas são muito utilizadas para cobertura de habitações rústicas”. Cunha (1998, p. 258) apresenta a mesma definição dada por Tibiriçá.

⁵⁴ Duende da superstição popular, maléfico e ruim. (TL)

O dicionário Houaiss e Vilar (2001) define *sapé* como “uma designação comum a algumas plantas da família das gramíneas, de que se usam os caules secos para cobrir casas”. Os caules secos dessas plantas são, tradicionalmente, usados no campo como material para cobrir as armações de madeira da cobertura de pequenas habitações e estábulos.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div>Código</div> <div>103</div>				“Sapucaia”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul- mato-grossense	Corumbá	Genérico	Fazenda	1. Galo ou galinha. 2. Aquele que fala aos gritos. 3. Designação comum a diversas plantas da família das lecitidáceas.
		Específico	Sapucaia	
Taxonomia	Zootopônimo/Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi/guarani			
Forma variante	Sapukaiha.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Topônimo apontado por Sampaio (1901), Tibiriçá (1984), Cunha (1998) e Houaiss e Vilar (2001) como um termo de origem tupi. De acordo com Sampaio (1901, p. 149), “corresponde ao substantivo abstrato, grito, clamor, mas também pode corresponder ao verbo gritar, clamar, porém, em uma terceira acepção, o autor apresenta este termo como uma designação para o galo ou galinha”.

Segundo Tibiriçá (1984, p. 170), este termo possui diferentes significados: “o verbo gritar, clamar, cantar, referindo-se ao galo; um neologismo de galo e galinha e também, uma planta silvestre da família das lecitidáceas”. Cunha (1998, p. 259) também aponta essa última definição proposta por Tibiriçá e o dicionário Houaiss e Vilar (2001) define *sapucaia* como “uma designação comum a diversas plantas da família das lecitidáceas, especialmente a árvores do gênero *lecythis*, com pixídios de que se fazem cuias e objetos de adorno, e que prendem as patas dos macacos que lhes tentam tirar as sementes doces e comestíveis”.

Entretanto, de acordo com Guasch & Ortiz (1996, p. 749), este termo é proveniente do guarani *sapukái*, que significa “grito, clamor, vocerío, bramido, alarma”, logo,

sapukaiha é “aquele que habla a gritos, pregonero, altoparlante⁵⁵”. (GUASCH E ORTIZ, 1996, p. 748).

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div>Código</div> <div>104</div>				“Seriema”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul- mato-grossense	Aquidauana/ Corumbá/ Miranda	Genérico	Fazenda	1. Ave da família dos cariamídeos que habita os cerrados e possui crista erguida.
		Específico	Seriema	
Taxonomia	Zootopônimo			
Etimologia	Tupi			
Forma variante	Sariema.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Topônimo de origem tupi definido por Sampaio (1901, p. 150) como forma correspondente a *ceri-eim*, “o que voa ou sahe pouco”; correspondente a *çariama*: *çaria*, que significa “crista” e, – *am*, que significa “erguida”, isto é, “crista levantada ou armada de crista”. Tibiriçá (1984, p. 171) define este termo como uma forma correspondente de *sari-ama*, que significa “crista levantada”.

De acordo com Cunha (1998, p. 262) e Houaiss e Vilar (2001), *seriema* é “uma ave gruiforme da família dos cariamídeos encontrada em campos e cerrados da Argentina, do Uruguai, Paraguai e da Bolívia ao Brasil central e oriental, [...] que possui plumagem cinzenta e um feixe de penas eriçadas na base do bico vermelho”.

⁵⁵ Aquele que fala aos gritos, anunciante, altofalante. (TL)

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>105</div></div>				“Sucupira”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantaneais sul- mato-grossense	Corumbá	Genérico	Fazenda	1. Árvore nativa do Brasil, cultivada pela extração da madeira, como ornamental e também por seu uso medicinal.
		Específico	Sucupira	
Taxonomia	Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi/guarani			
Forma variante	Cêbe-pira.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Topônimo de origem tupi definido por Sampaio (1901, p. 150) como correspondente a *cêbe-pira*, que significa “casca saliente”. Tibiriçá (1984, p. 173) define *sucupira* como “uma árvore de boa madeira, da família das leguminosas”. Cunha (1998, p. 265) aponta este termo como “um nome comum a várias árvores da família das leguminosas, que fornecem madeiras de lei muito apreciadas para a confecção de obras finas de marcenaria”.

De acordo com o dicionário Houaiss e Vilar (2001), *sucupira* designa “uma árvore de até 30 metros, nativa do Brasil e explorada pela madeira pardo-escura, estriada, de grande durabilidade. É também cultivada como ornamental e por seu uso medicinal, especialmente como depurativa”.

Novamente encontramos divergência quanto à origem dos topônimos, uma vez que, contrariando o que afirma em 1984, Tibiriçá (1989, p. 158) apresenta *sucupira* como um termo de origem guarani.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div>Código106</div>				“Sucupiral” ⁵⁶ ,
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul-mato-grossense	Aquidauana	Genérico	Retiro	1. Forma derivada de sucupira.
		Específico	Sucupiral	
Taxonomia	Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi/português			
Forma variante	Não encontrada			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Termo híbrido formado pela junção do radical indígena tupi *sucupira* + sufixo coletivo do português- al. Termo ainda não dicionarizado nas obras lexicográficas consultadas.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
Código 107				“Sucuri”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul- mato-grossense	Aquidauana/ Corumbá/ Miranda	Genérico	Córrego	1. Grande cobra não venenosa, que vive à beira da água ou mergulhada em rios e lagoas.
		Específico	Sucuri	
Taxonomia	Zootopônimo			
Etimologia	Tupi/guarani			
Forma variante	Não encontrada.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Termo de origem tupi definido por Sampaio (1901, p. 150) como correspondente à *çuu-curi*, “o que morde ligeiro, o que atira o bote apressado; serpente aquática”.

Segundo Tibiriçá (1984, p. 173), *sucuri* é “uma designação para a grande cobra, não venenosa, que atinge dez metros de comprimento”. Cunha (1998, p. 266) define este

⁵⁶ Para o significado da forma primitiva, consultar ficha anterior.

termo como “réptil ofídeo da família dos boídeos, subfamília dos boíneos”. Já o dicionário Houaiss e Vilar (2001) apresenta *sucuri* como “uma serpente da família dos boídeos. É a maior serpente do mundo e vive à beira da água ou mergulhada em rios e lagoas, onde se alimenta de vertebrados de tamanhos variados, que são mortos geralmente por constrição”.

Entretanto, a etimologia deste topônimo é contrariada por Tibiriçá (1989) que, em divergência com o que apontou anteriormente, afirma que *sucuri* é um nome de origem guarani e designa uma “grande cobra que atinge dez metros de comprimento” (p. 158).

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>108</div></div>				“Sucurizinho”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul-mato-grossense	Aquidauana	Genérico	Fazenda	1. Forma derivada de sucuri.
		Específico	Sucurizinho	
Taxonomia	Zootopônimo			
Etimologia	Tupi/português			
Forma variante	Não encontrada.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Termo híbrido formado pela junção do radical indígena tupi *sucuri* + sufixo diminutivo do português- (z) inho. Termo ainda não dicionarizado nas obras lexicográficas consultadas.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>109</div></div>				“Tabatinga”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul-mato-grossense	Corumbá/Miranda	Genérico	Fazenda	1. Aldeia branca 2. Barro branco.
		Específico	Tabatinga	
Taxonomia	Poliotopônimo/Litotopônimo			
Etimologia	Tupi			
Forma variante	Tobatinga, tauá-tinga.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Termo de origem tupi formado pela justaposição dos elementos *taba*, “aldeia” + *tinga*, “branco (a)”. Segundo Sampaio (1901, p.57), “a toda a argila branca e pura davam o nome de *tobatinga* ou *tabatinga*” (SAMPAIO, 1901, p. 57). Sendo assim, este autor define *tabatinga* como “aldêa branca, correspondente a *tauá-tinga*, barro branco”⁵⁷. (SAMPAIO, 1901, p. 151).

Dias (1970, p. 64) define *tabatinga* como “barro branco”. Segundo ele, “as índias do Pará empregavam-n’o na pintura das cuyas”. Já Tibiriçá (1984, p. 182) apresenta este termo como uma variação de *tobatinga*, “espécie de argila branca”. De acordo com Cunha (1998, p. 272), este termo é uma designação de “argila sedimentar mole e untuosa, geralmente esbranquiçada, a qual, dissolvida em água, é utilizada para caiar”.

Para o dicionário Houaiss e Vilar (2001), este topônimo denomina “qualquer tipo de argila mole e untuosa, sedimentar, de colorações diversas. Uma espécie de argamassa feita de argila, usada para caiar e revestir construções populares”.

⁵⁷ Foi mantida a grafia original do escrito.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>110</div></div>				“Taboca”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantaneais sul- mato-grossense	Aquidauana	Genérico	Fazenda	1. Bambu, taquara. 2. Fundo
		Específico	Taboca	
Taxonomia	Fitotopônimo/Dimensiotopônimo.			
Etimologia	Tupi/kadiwéu			
Forma variante	Tabóco.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Termo de origem tupi definido por Sampaio (1901, p. 151) como correspondente a *ta-boc* ou *ta-bog*, “haste furada, tronco oco, haste fendida”. Dias (1970) apresenta *taboca* como “cana”. Segundo o autor, “levar *taboca* dis-se hoje d’aquelles a quem sáe malograda alguma tentativa” (1970, p. 64).

Tibiriçá (1984, p. 175) define *taboca* como “uma variedade de canácea”. Para Houaiss e Vilar (2001), *taboca* denomina “a vara de bambu usada para erguer a rede sobre os ombros, no transporte de pessoas”.

Entretanto, de acordo com Taunay (1868, p.66), “a denominação de *tabóco*⁵⁸ é de origem guaycuru, que significa “fundo, apesar de seu pouco volume de águas habitual. [...] Oficialmente e nos mapas da província diz-se *dabôco*, muito erradamente e sem razão” (TAUNAY, 1868, p.66).

⁵⁸ Ao falar sobre a origem do termo taboco, Taunay (1868) refere-se ao nome de um rio próximo a cidade de Miranda, em cujas margens residiam alguns indígenas da etnia guaycurú.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>111</div></div>				“Tabocal”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantaneais sul- mato-grossense	Aquidauana	Genérico	Fazenda	1. Extenso aglomerado de tabocas. Conjunto de tabocas.
		Específico	Tabocal	
Taxonomia	Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi/português			
Forma variante	Bambual, bamburral, bambuzal, taquaral.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Termo híbrido formado pela junção do radical indígena tupi *taboca* + sufixo coletivo do português *-al*. O dicionário Houaiss e Vilar (2001) define *tabocal* como “extenso aglomerado de tabocas em determinada área; *bambual, bamburral, bambuzal, taquaral*”.

De acordo com Borba (2002, 1.512), este topônimo nomeia o “conjunto de *tabocas*”. Segundo Ferreira (2004), *tabocal* designa uma “quantidade mais ou menos considerável de *tabocas* dispostas proximamente entre si; *taquaral*”.

Borba (2004, p. 331) aponta *tabocal* como “conjunto de *tabocas, taquaral*” e Cunha (1982, p. 748) apresenta as seguintes formas derivadas do termo *taboca*: *tabocal* (1648), *taboquear*- lograr (1899) e *taboqueira* (XX). Os demais dicionários consultados não apresentam nenhuma destas formas.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div>Código 112</div>				“Taboquinha”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul-mato-grossense	Corumbá	Genérico	Corixo	1. Taboca pequena [...].
		Específico	Taboquinha	2. Capim semi-escaldante [...].
Taxonomia	Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi/português			
Forma variante	Não encontrada.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Termo híbrido formado pela junção do radical indígena tupi *taboca* + sufixo diminutivo do português *-inha*. Segundo o dicionário Houaiss e Vilar (2001), esta é uma designação para: “*taboca* pequena; mesmo que cana-de-açúcar. De acordo com o dicionário Ferreira (2004), este termo designa o “capim semi-escandente que alcança 3 metros da família das gramíneas (*Panicum latifolium*) [...]. Possui folhas ovado-lanceoladas, estriadas e de margem áspera [...]”.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>113</div></div>				“Tangará”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul- mato-grossense	Aquidauana	Genérico	Sítio	1. Pássaro da família dos piprídeos que anda em volta ou aos saltos.
		Específico	Tangará	
Taxonomia	Zootopônimo			
Etimologia	Tupi/guarani			
Forma variante	Atá-carã			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Topônimo de origem tupi definido por Sampaio (1901, p. 152) como correspondente à *atá-carã*, “o que anda em volta, ou aos saltos, o que dança aos saltos; o pulador, nome de uma ave do gênero tanagra”.

Segundo Tibiriçá (1984, p. 177), *tangará* é a designação para “certo pássaro dentirrosto do Brasil”. Para Cunha (1998, p. 278), este é “um nome comum aos pássaros da família dos piprídeos”.

De acordo com o dicionário Houaiss e Vilar (2001), este termo é “uma designação comum a várias espécies de aves passeriformes, encontradas em toda a América do Sul. Os machos, geralmente, são coloridos, especialmente na cabeça e as fêmeas são verdes”.

Todavia, este topônimo também apresenta divergência quanto à sua origem, o que se confirma nos apontamentos de Assis (2008, p. 364), que defende que este termo é de origem guarani e denomina “o *uirapuru* ou pássaro dançador”. Esta mesma origem é confirmada por Tibiriçá (1989, p. 161), que contrariando o que aponta em 1984, afirma que *tangará* é de origem guarani.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div>Código</div> 114				“Tapera”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul- mato-grossense	Aquidauana/ Corumbá/ Miranda	Genérico	Fazenda	1. Aldeia extinta ou abandonada. 2. Habitação em ruínas.
		Específico	Tapera	
Taxonomia	Ecotopônimo			
Etimologia	Tupi			
Forma variante	Tabera.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Termo de origem tupi definido por Sampaio (1901, p. 151) como: “correspondente de *tab-era*, “aldeia extinta, ruína, povoação de outr’ora”.

Tibiriçá (1984, p. 177) apresenta a mesma definição dada por Sampaio e Cunha (1998, p. 279) aponta este termo como “uma designação para a aldeia indígena abandonada ou habitação em ruínas” e de acordo com o dicionário Houaiss e Vilar (2001), *tapera* significa “um aldeamento ou povoação abandonada, ou mesmo, uma residência ou fazenda em ruínas, tomada pelo mato”.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>115</div></div>				“Taquara”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantaneais sul- mato-grossense	Corumbá	Genérico	Fazenda	1. Haste furada ou cheia de buracos, bambu.
		Específico	Taquara	
Taxonomia	Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi/guarani			
Forma variante	Tacuara, takuara.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Topônimo definido por Sampaio (1901), Tibiriçá (1984), Cunha (1998) e Houaiss e Vilar (2001) como um termo de origem tupi. De acordo com Sampaio (1901, p. 152), este termo tem como correspondente a forma *tã-quara*, “haste furada ou cheia de buracos”.

De acordo com Dias (1970, p. 70), *tacuara* era a denominação para “cana brava”. Segundo o autor, “era também o nome que davão os Muras às suas flechas de caça”. Tibiriçá (1984, p. 175) apresenta a forma *tacuara*, que significa “taquara ou bambu”.

Segundo Cunha (1998, p. 282), este termo designa “uma planta da família das gramíneas, conhecida como taboca ou bambu” e o dicionário Houaiss e Vilar (2001) aponta este termo como “uma designação comum a diversas plantas da família das gramíneas, cujo caule é geralmente oco”.

Entretanto, Guasch & Ortiz (1996) e Assis (2008) afirmam que este termo é originado do guarani *takuára*. Dessa forma, segundo Guasch e Ortiz (1996, p. 757), essa é uma designação de “bambu”; enquanto Assis (2008, p. 362) define *taquara* como “bambu, *taboca*, nome comum a diversas gramíneas de caule oco”.

Como extensão de sentido deste termo, o dicionário de usos do Português do Brasil apresenta a construção “taquara rachada”, uma forma coloquial que significa “voz desafinada”, fazendo alusão ao som titubeante que a taquara produz ao ser rachada. Ex: “Para com essa taquara rachada (BH)”. (BORBA, 2002, p. 1.519).

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>116</div></div>				“Taquaral”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantaneais sul- mato-grossense	Aquidauana/ Miranda	Genérico	Córrego	1. Extenso aglomerado de taquaras [...]. 2. Plantação de taquaras.
		Específico	Taquaral	
Taxonomia	Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi/português			
Forma variante	Bambual, bamburral, bambuzal, tabocal.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Termo híbrido formado pela junção do radical indígena tupi *taquara* + sufixo coletivo do português- al. O dicionário Houaiss e Vilar (2001) define *taquaral* como “extenso aglomerado de *taquaras* em determinada área; *bambual, bamburral, bambuzal, tabocal*”.

Segundo Borba (2002, p.1.519) e (2004, p. 1337)⁵⁹, este topônimo designa a “plantação de *taquaras*” e de acordo com o dicionário Ferreira (2004), *taquaral* é o mesmo que *tabocal* e nomeia uma “quantidade mais ou menos considerável de *tabocas* dispostas proximamente entre si; *taquaral*”.

Cunha (1982, p. 755) apresenta as seguintes formas derivadas do topônimo *taquara*: *taquaral* (1783), *taquaruçú* (1856), *taquari* (1873), *taquariço* (XX), *taquarirana* (XX), *taquaratinga* (XX) e *taquariúba* (XX)⁶⁰. Os demais dicionários consultados não apresentam nenhuma destas formas.

⁵⁹ Idem.

⁶⁰ No Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa, Cunha (1982) aponta o surgimento e a evolução das formas variantes das palavras, sendo, em algumas delas, registrado apenas o século em que surgiram.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>117</div></div>				“Taquaralzinho”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul-mato-grossense	Aquidauana/ Miranda	Genérico	Fazenda	1. Forma derivada de taquara.
		Específico	Taquaralzinho	
Taxonomia	Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi/português			
Forma variante	Não encontrada.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Termo híbrido formado pela junção do radical indígena tupi *taquara* + sufixo coletivo do Português-al + sufixo diminutivo do português- (z) inho. Termo ainda não dicionarizado nas obras lexicográficas consultadas.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div>Código</div> <div>118</div>				“Taquaretinha”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul-mato-grossense	Corumbá	Genérico	Fazenda	1. Forma derivada de taquara.
		Específico	Taquaretinha	
Taxonomia	Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi/português			
Forma variante	Não encontrada.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Termo híbrido formado pela junção do radical indígena tupi *takwara* + sufixo diminutivo do português, *-inha*. Termo ainda não dicionarizado nas obras lexicográficas consultadas.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div>Código</div> <div>119</div>				“Taquari”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantaneais sul- mato-grossense	Aquidauana	Genérico	Rio	1. Planta da família das euforbiáceas utilizada para fazer cachimbo. 2. Rio das taquaras.
		Específico	Taquari	
Taxonomia	Fitotopônimo/ Hidrotopônimo.			
Etimologia	Tupi			
Forma variante	Taquary			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Topônimo de origem tupi definido por Sampaio (1901, p. 153) como correspondente a *taquar-y*, “rio das taquaras”. Tibiriçá (1984, p. 175) apresenta *taquari* como “um regionalismo do Amazonas, que designa a haste utilizada para fazer cachimbo”.

De acordo com Cunha (1998, p. 283), este termo nomeia “uma planta da família das euforbiáceas, cujos ramos vazados internamente, servem de canudos de cachimbo”.

O dicionário Houaiss e Vilar (2001) aponta este termo como “uma árvore de até 7 metros da família das euforbiáceas, que possui ramos tomentosos, folhas de forma variável e inflorescência com muitas flores e brácteas ovadas” e o dicionário de usos do Português do Brasil define *taquari* como uma “pequena árvore das capoeiras secas, de flores sem pétalas e unissexuais, madeira mole e leve, cujos ramos novos são usados para fazer canudos de cachimbo”. (BORBA, 2002, p. 1.519).

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
Código 120				“Taquarussu”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul-mato-grossense	Aquidauana/ Corumbá	Genérico	Córrego	1. Cana grossa, bambu.
		Específico	Taquarussu	2. Planta da família das gramíneas, conhecida como taboca-gigante.
Taxonomia	Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi/guarani			
Forma variante	<i>Taquaruçú, takuavusu.</i>			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Topônimo apontado por Sampaio (1901), Tibiriçá (1984), Cunha (1998) e Houaiss e Vilar (2001) como um termo de origem tupi. De acordo com Sampaio (1901, p. 153), este termo é formado pela justaposição dos elementos *taquara-uçú* e significa “a cana grossa, bambu”. Tibiriçá (1984, p. 175) apresenta este termo como “uma variedade de *taquara* variegada e de grossa espessura”. Segundo Cunha (1998, p. 284), esta é uma designação para “uma planta da família das gramíneas, conhecida como taboca-gigante”. Já o dicionário Houaiss e Vilar (2001) aponta este termo como “uma planta da família das gramíneas, nativa do Brasil, que possui colmo arborescente, usado para ripas, papel e obras trançadas. É também conhecido como: bambu-gigante, bambu-trepador e *taquara-brava*”.

Entretanto, de acordo com Assis (2008, p. 362), *taquarussu* é uma forma variante do termo guarani *takuavusu*, “uma espécie de *taquara* grande usada em obras trançadas e na construção de casas. Segundo a autora, é o maior bambu da América do Sul”.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
Código 121				“Tarigara”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul- mato-grossense	Aquidauana	Genérico	Sítio	1. Ser fabuloso, gênio que sai da água. 2. Peixe tuvira.
		Específico	Tarigara	
Taxonomia	Mitotopônimo/ Zootopônimo			
Etimologia	Bororo.			
Forma variante	Pirigara.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Topônimo apontado por Drumond (1965) e Tibiriçá (1997) como um termo de origem borôro.

De acordo como Drumond (1965, p. 104), o termo tarigara é “o nome próprio de um ser fabuloso, gênio que sai da água”. Porém, segundo Rondon (1948, *apud* DRUMOND, 1965, p. 104), este termo é o designativo do “peixe tuvira”.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div>Código</div> <div>122</div>				“Tarumã”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul- mato-grossense	Aquidauana/ Corumbá	Genérico	Córrego	1. Planta da família das verbenáceas. 2. Tribo extinta da nação Caribe. 3. Oliveira, azeitona.
		Específico	Tarumã	
Taxonomia	Fitotopônimo/ Etnotopônimo			
Etimologia	Tupi/guarani/caribe			
Forma variante	Tarumá.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Topônimo apontado por Tibiriçá (1984), Cunha (1998) e Houaiss e Vilar (2001) como um termo de origem tupi. Tibiriçá (1984, p. 179) define este termo como “uma planta da família das verbenáceas”, porém, de acordo com esse autor, *tarumã* é “o nome de uma

extinta tribo da nação caribe” (TIBIRIÇÁ, 1997, p.146). Cunha (1998, p. 284) aponta a mesma definição dada por Tibiriçá (1984).

De acordo com o dicionário Houaiss e Vilar (2001) este topônimo é “uma designação comum a várias árvores e arbustos do gênero *vitex*, da família das labiadas, algumas com madeira de ótima qualidade”. Já para Borba (2002, p. 1.520), *tarumã* é uma “árvore das florestas das margens dos rios, semelhante ao pimenteiro, cuja madeira serve para esteios, mourões e dormentes para uso em lugares úmidos”.

No entanto, contrariando sua própria definição apresentada em 1984, Tibiriçá aponta em 1989 que *tarumã* tem como correspondente a forma guarani *tarumá*, que é o “nome de uma árvore frondosa; seu fruto é parecido com a azeitona” (p. 162).

Guasch & Ortiz (1996) e Assis (2008) também definem este termo como de origem guarani. De acordo com Guasch & Ortiz (1996, p. 759), esta é uma designação de “una especie de olivo o olivera⁶¹”. Assis (2008, p. 367) define *tarumã* como “azeitona-da-terra, árvore que fornece madeira para a construção civil e óleo medicinal”.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>123</div></div>				“Tarumãzinho” ⁶² ,
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul-mato-grossense	Corumbá	Genérico	Córrego	1. Forma derivada de tarumã.
		Específico	Tarumãzinho	
Taxonomia	Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi/português			
Forma variante	Não encontrada			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Termo híbrido formado pela junção do radical indígena tupi *tarumã* + sufixo diminutivo do português - (z) inho. Termo ainda não dicionarizado nas obras lexicográficas consultadas.

⁶¹ Espécie de oliva ou oliveira (TL)

⁶² Para o significado da forma primitiva deste topônimo, consultar a ficha anterior.

Cunha (1982, p. 765) apresenta como forma derivada do termo *tarumã*, os topônimos: *tarumaneiro* (1874) e *tarumanzeiro* (XX).

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div>Código</div> <div>124</div>				“ Tereré ” ⁶³
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantaneais sul- mato-grossense	Corumbá	Genérico	Fazenda	1. Mate gelado, bebida muito apreciada no Mato Grosso do Sul. 2. Verbo estalar, arder, tiritar.
		Específico	Tereré	
Taxonomia	Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi/guarani			
Forma variante	Tererê			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Topônimo apontado por Sampaio (1901, p. 181) como um termo de origem tupi. Segundo o autor, este termo é proveniente do verbo *tereré*, que significa “ranger os dentes, tiritar, estalar”.

De acordo com o dicionário Houaiss e Vilar (2001), este talvez seja um vocábulo guarani, que designa “um regionalismo do Mato Grosso do Sul, o refresco de mate; chimarrão frio que se toma com bombilha”.

Entretanto, Tibiriçá (1984), Guasch & Ortiz (1996) e Assis (2008) advogam que este termo é de origem guarani. Tibiriçá (1984, p. 181) aponta que este termo nomeia “uma bebida preparada com mate e água fria, muito utilizada em Mato Grosso do Sul”. Guasch & Ortiz (1996, p. 770) apresentam a definição “mate frio, cru⁶⁴” e Assis (2008, p. 383), aponta duas definições para este termo: “verbo crepitar, estalar, arder, o sal que se deita no fogo e o mate frio ou gelado, mate paraguaio”.

⁶³No Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa, Cunha (1982) aponta o surgimento e a evolução das formas variantes das palavras, sendo, em algumas delas, registrado apenas o século em que surgiram.

⁶⁴Mate frio, cru (TL).

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>125</div></div>				“Tucum”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul- mato-grossense	Corumbá	Genérico	Baia	1. Variedade de palmeira.
		Específico	Tucum	
Taxonomia	Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi/guarani			
Forma variante	Tucũ, tuku, tukuma			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Topônimo apontado por Tibiriçá (1984), Cunha (1998) e Houaiss e Vilar (2001) como um termo de origem tupi.

Tibiriçá (1984, p. 183) aponta a forma *tucũ*, “uma designação para uma variedade de palmeira”. Cunha (1998, p. 297) define *tucum* como “uma designação comum a várias espécies de palmeiras dos gêneros *astrocaryum*” e o dicionário Houaiss e Vilar (2001) apresenta esse termo como “uma designação comum a várias palmeiras, geralmente cespitosas, nativas do Brasil e de países vizinhos, com frutos frequentemente comestíveis e folhas das quais se extraem fibras, conhecidas como fibra de *tucum*”.

Contudo, contrariando o que apresenta em 1984, em seu dicionário guarani-português, publicado no ano de 1989, Tibiriçá aponta *tucũ* como um termo de origem guarani que corresponde a “uma variedade de palmeira espinhosa de fibras téxteis” (p.170).

Esta etimologia também é apresentada por Assis que aponta *tucum* como uma forma variante de *tukuma* uma “palmeira [...] cujas folhas dão boas fibras para redes de pesca, cordas e redes de dormir (2008, p. 392).

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div>Código</div> <div>126</div>				“Tucumã”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantaneais sul- mato-grossense	Corumbá	Genérico	Fazenda	1. Palmeira espinhosa, nativa da Colômbia, do Peru, das Guianas e do Brasil, cujas fibras servem para confecção de redes de pesca, cordas e redes de dormir.
		Específico	Tucumã	
Taxonomia	Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi/guarani			
Forma variante	Tukuma.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Topônimo apontado por Tibiriçá (1984), Cunha (1998) e Houaiss e Vilar (2001) como um termo de origem tupi. De acordo com Tibiriçá (1984, p.183), *tucumã* é “uma variedade de palmeira espinhosa do Amazonas”. Cunha (1998, p. 297) define este termo como “uma palmeira do gênero *astrocaryum*” e o dicionário Houaiss e Vilar (2001) aponta *tucumã* como “uma palmeira de até 10 metros, nativa da Colômbia, do Peru, das Guianas e do Brasil, de estipe anelado, grandes folhas e frutos amarelos”.

Entretanto, Assis (2008, p.392) advoga que este termo corresponde à forma guarani *tukuma*, “uma palmeira que chega a medir 15 metros de altura e possui espinhos longos e finos. As folhas dão boas fibras, que servem para redes de pesca, cordas e redes de dormir”.

A respeito desse topônimo, Taunay (1868) aponta que:

O tucumã é uma linda palmeira espinhosa que cresce nos valles do Amazonas e Prata. Seu côco de um vermelho côr de laranja, brilhantíssimo, serve de alimento aos selvagens, que com a sua polpa preparam um succulento mingao, de sabor agradável, mas indigesto. (p. 165).

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
Código 127				“Tuiuiu”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul- mato-grossense	Aquidauana/ Corumbá	Genérico	Fazenda	1. Espécie de cegonha.
		Específico	Tuiuiu	2. Lama ou barro amarelo.
Taxonomia	Zootopônimo/ Litotopônimo.			
Etimologia	Tupi/caribe.			
Forma variante	Não encontrada.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Topônimo de origem tupi definido por Sampaio (1901, p. 155) como correspondente a *tuyuyú*, “lama amarella, barro amarello”, ou *tyu-yuba*; “nome das cegonhas pela razão, segundo Azara, de habitarem os brejos”. Baptista Caetano interpretou: *tu=tĩ*, “bico” e *yu-yu*, “muito amarelo”, isto é, “a ave de bico muito amarello”. De acordo com Tibiriçá (1984, p. 183), *tuiuiú* é “uma espécie de cegonha do Pantanal”.

Cunha (1998, p. 299) define este termo como “uma ave da família dos ciconídeos, uma espécie de cegonha”. Já o dicionário Houaiss e Vilar (2001) advoga que este termo é de origem controversa, pois, “segundo JM, provém do tupi *tuyu'yu*, mas, para Nascentes, o topônimo vem do Caribe *teieiu*”. Quanto à definição, este dicionário aponta *tuiuiú* como “o mesmo que jaburu ou cabeça-seca”.

Taunay (1868, p. 93) descreve o *tuiuiú* como “a maior das aves ribeirinhas, “todo branco com uma colleira vermelha, tem um bico longo e tubulado, nutre-se de peixe e anda no lodo das bordas dos rios”.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
Código 128				“Tupaci”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul- mato-grossense	Corumbá	Genérico	Fazenda	1. Nossa Senhora. Mãe de Deus.
		Específico	Tupaci	
Taxonomia	Hagiotopônimo.			
Etimologia	Guarani			
Forma variante	Tupasy.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Topônimo de origem guarani definido por Tibiriçá (1989, p. 171) como correspondente à forma *Tupãssĩ*, “mãe de Deus”.

De acordo com Guasch & Ortiz (1996, p. 779) a forma correspondente deste topônimo é *Tupasy* “Madre de Dios⁶⁵”. Esta mesma definição é apontada por Assis que apresenta *Tupasy* como: “Mãe de Deus, Nossa Senhora, Virgem Maria” (2008, p. 393).

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div>Código 129</div>				“Urucum”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul- mato-grossense	Aquidauana/ Corumbá/ Miranda	Genérico	Fazenda	1. Árvore da família das bixáceas da qual se extrai uma tintura vermelha usada pelos indígenas na pintura de seus corpos e artefatos.
		Específico	Urucum	
Taxonomia	Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi/guarani			
Forma variante	Urucú.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

⁶⁵ Mãe de Deus (TL)

Topônimo de origem tupi que segundo Sampaio (1901, p. 156) tem como correspondente a forma *urucú*, que significa “o vermelhão, a planta que o produz”. Uma definição semelhante é apresentada por Dias (1970, p. 71) que aponta este termo como a denominação para uma “planta de tinta vermelha”.

De acordo com o dicionário Houaiss e Vilar (2001), *urucum* é o nome utilizado para designar “uma árvore pequena da família das bixáceas, [...] com cápsulas grandes [...], espinhos moles e várias sementes, de cuja polpa os indígenas extraíam uma substância tintorial vermelha com que pintavam o corpo e tingiam peças de algodão e artefatos”.

Entretanto, contrariando a origem apresentada pelos autores acima, Tibiriçá (1989, p. 172) advoga que *urucú* é de origem guarani e denomina um “arbusto da família das bixáceas, de cujo fruto os índios extraem uma substância tintórea com a qual tingem a pele”.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div><div>Código</div><div>130</div></div>				“Urumbeva”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul-mato-grossense	Aquidauana/Miranda	Genérico	Fazenda	1. Madeira agreste em forma de espátula, espécie de cacto.
		Específico	Urumbeva	
Taxonomia	Fitotopônimo			
Etimologia	Tupi/guarani			
Forma variante	Urumbeba.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

Topônimo de origem tupi apresentado por Sampaio (1901, p. 157) como forma correspondente a *urumbeba*, *ybira-mbeba*, que designa “a madeira, o tronco chato, a madeira em forma de espátula; o cardo de folha chata, lisa, espinhosa onde se cria a cochonilha”.

O dicionário Houaiss e Vilar (2001) aponta a forma apresentada por Cunha (1998), que define o termo tupi *ururu'mbewa* como “uma espécie de cacto, planta espinhosa e agreste”.

No entanto, confirmando a divergência que muitos dicionários apresentam a respeito dos termos de origem tupi e guarani, Tibiriçá (1989, p. 173) aponta *urumbeva* como um termo tupi, mas aponta a forma variante *urumbeba* como um termo de origem guarani, o

que contraria o que foi apontado por Sampaio em 1901. Quanto ao significado do topônimo, Tibiriçá o define como uma “variedade de cacto.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA				Topônimo
<div>Código</div> <div>131</div>				“Xatelodo”
Localização	Município (s)	Termo		Informações Enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul- mato-grossense	Miranda	Genérico	Estrada	1. Babaçú
		Específico	Xatelodo	
Taxonomia	Fitotopônimo			
Etimologia	Kadiwéu			
Forma variante	Exatelodo, chatellod.			
Fonte	Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000			

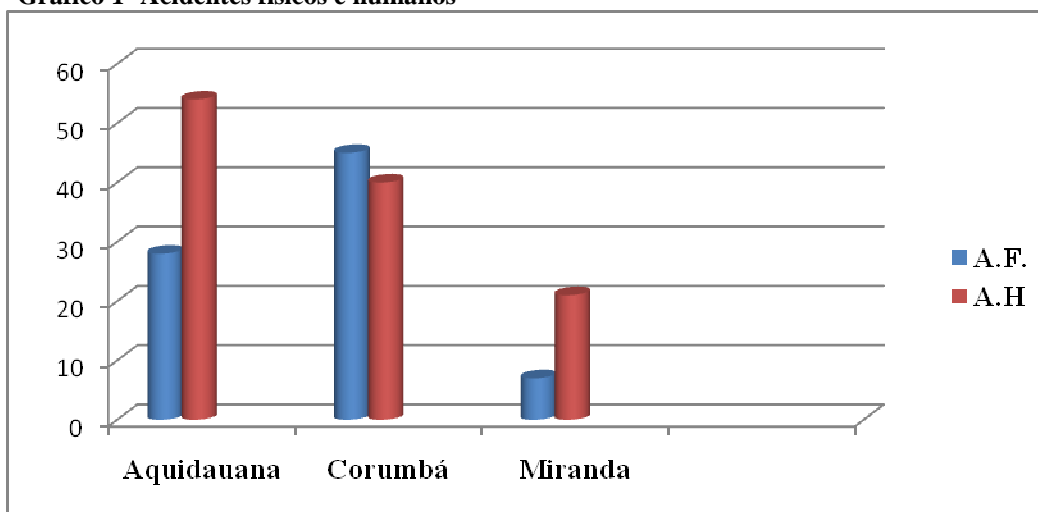
Topônimo de origem kadiwéu definido por Souza (2006, p.09) como forma correspondente a *exatelodo*, que significa “babaçu, uma espécie vegetal cujas folhas são utilizadas pelos kadiwéus para fazerem o telhado”. De acordo com o dicionário da língua Kadiwéu organizado por Griffiths (2002, p. 56), a grafia correta desse termo é *exateloодо*, que designa “a palmeira, o coco da Bahia”. A respeito desse termo, Taunay (1868) comenta:

Os ouassús, chamados pelos Guaycurus chatellôd, são magestosas palmeiras [...], os grupos que ellas formão, são imponentes. Os troncos lisos, ligeiramente engorgitados na base, as copas erectas e compridas folhas, com um prateado fugaz, as distinguem de muito longe. Os cocos de bom tamanho dão amêndoas com o valor aproximado às da Bahia e constituem, durante certas épocas, a alimentação quase exclusiva dos índios (p.85).

4.3 Quantificação e classificação dos topônimos

A seguir apresentamos a quantificação e a classificação dos topônimos, dividindo-os em acidentes físicos e humanos, indígenas e híbridos.

Gráfico 1- Acidentes físicos e humanos



Quadro 6- Quantificação dos acidentes físicos e humanos

Município	Acidentes humanos	Acidentes físicos	Total de topônimos ⁶⁶
Aquidauana	54	28	82
Corumbá	40	45	85
Miranda	21	07	28
Total	100	79	195⁶⁷

De acordo com o índice percentual dos acidentes físicos e humanos, verificamos que, considerando as três regiões analisadas, há um maior número de acidentes humanos que físicos. Essa diferença é mais visível no município de Aquidauana, que apresenta um total de 54 acidentes humanos e 28 acidentes físicos, esse índice se justifica pelo grande número de fazendas existentes nessa região. O mesmo acontece no município de Miranda, que soma um total de 21 acidentes humanos e apenas 07 acidentes físicos. Já o município de Corumbá

⁶⁶ Devido ao fato de 51 entre os 195 termos apresentados se repetirem em duas ou três regiões estudadas, o número total de topônimos difere do número de fichas, ou seja, 131 termos sem repetição. Os topônimos que se repetem em mais de um dos municípios estudados são: *aguaçú, aguassuzinho, angico, anhumã, aquidauana, babaçu, bocaiúva, buriti, buritizal, buritizinho, caboclo, caraguatá, carajá, carandá, carandazal, chapena, cipolândia, curicaca, guabiroba, Guanabara, guanandi, Iguaçu, indaiá, itacatu, jabuti, jacaré, jacutinga, jaguaretê, Jaraguá, jatobá, mangabinha, nhumirim, panamá, piraputanga, pirizal, sapé, seriema, sucuri, tabatinga, tapera, taquaral, taquaralzinho, taquarussu, tarumã, tuiuiú, urucum e urumbeva.*

⁶⁷ Estão inseridos nesta contagem os topônimos que se repetem em duas ou mesmo em três regiões.

apresenta mais acidentes físicos que humanos, somando um total de 40 acidentes humanos e 45 acidentes físicos, isso se dá pela maior proximidade com o Pantanal e o grande número de rios e córregos dessa região.

Quanto ao número de topônimos indígenas e híbridos, constatamos que há um maior número de termos totalmente indígenas em detrimento dos topônimos híbridos indígena/português, somando um total de 164 na primeira categoria e 31 na segunda.

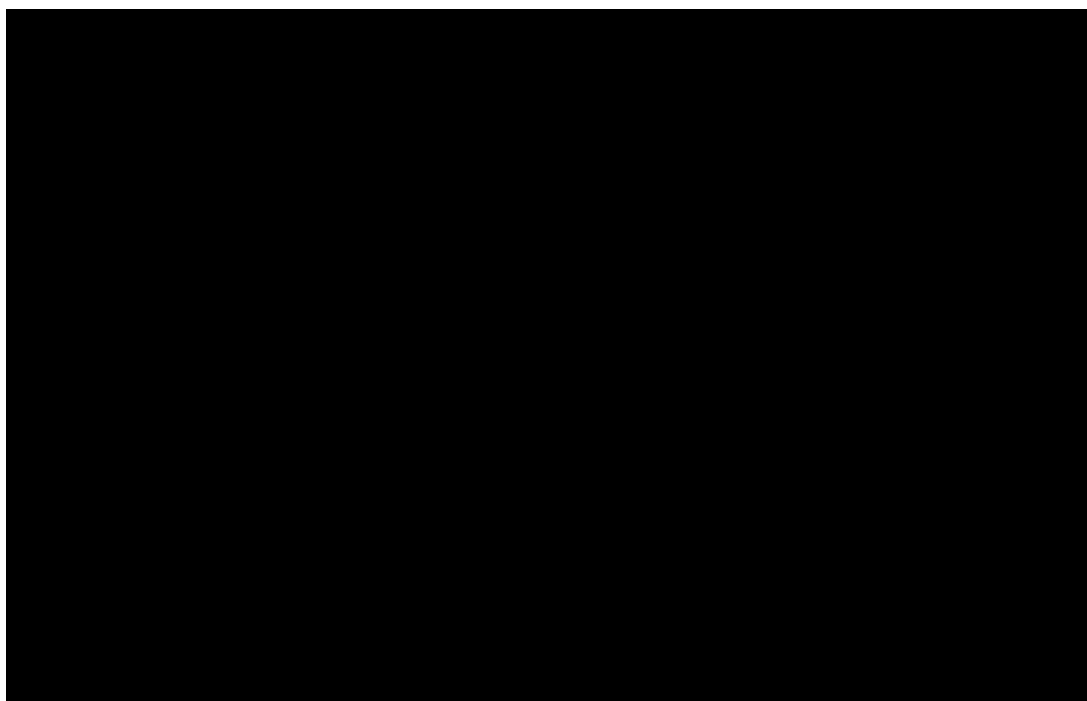


Gráfico 2- Topônimos indígenas e híbridos

Neste capítulo, apresentamos a análise dos dados por meio de fichas lexicográfico-toponímicas, com enfoque especial na análise do significado e da etimologia desses nomes apontados por dicionários bilíngues indígena-português e indígena-castelhano. Apresentamos também a quantificação dos topônimos por região e sua classificação em acidentes físicos ou humanos, topônimos indígenas e híbridos.

A seguir apresentaremos a análise dos resultados obtidos, levando em conta a natureza dos topônimos, as taxonomias, a origem e os significados dos topônimos registrados.

CAPÍTULO 5

ANÁLISE DOS RESULTADOS OBTIDOS

Este capítulo tem por objetivo apresentar os resultados obtidos em nossa análise. Procuramos evidenciar, por meio de gráficos e quadros explicativos, a natureza dos topônimos levantados, as taxonomias apresentadas, bem como a origem e o significado desses nomes.

5.1 Quanto à natureza dos topônimos

Quanto à natureza dos topônimos, verificamos o predomínio de nomes de natureza física, em detrimento dos topônimos de natureza antropocultural, como podemos observar nos gráficos a seguir:

Gráfico 3- Topônimos de natureza física da região de Aquidauana

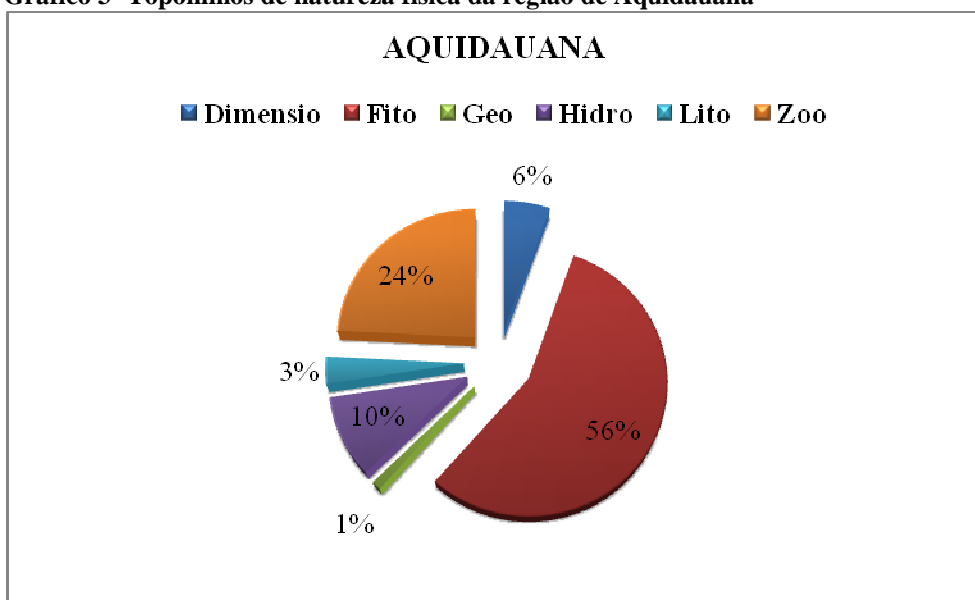


Gráfico 4- Topônimos de natureza física da região de Corumbá

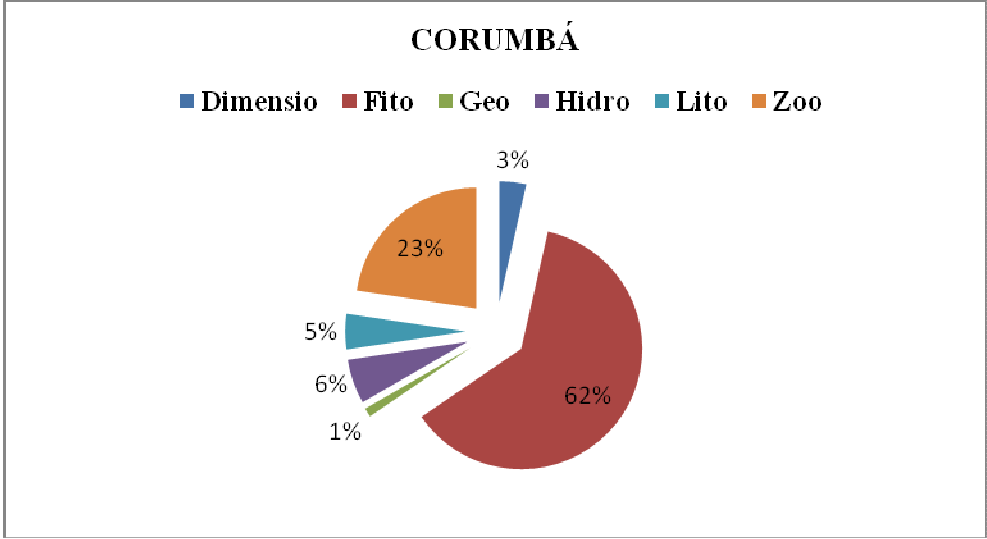
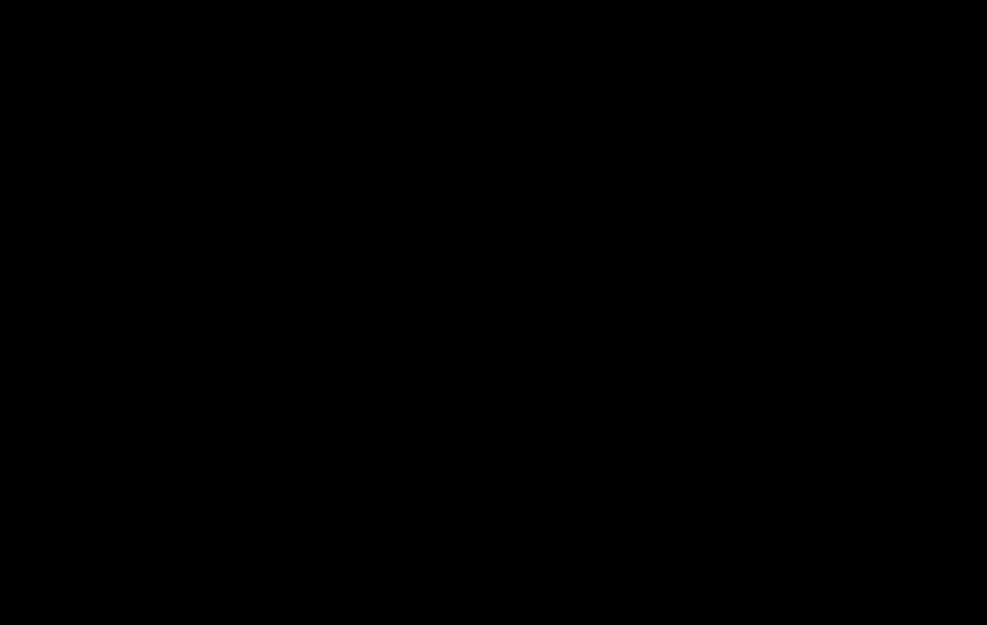


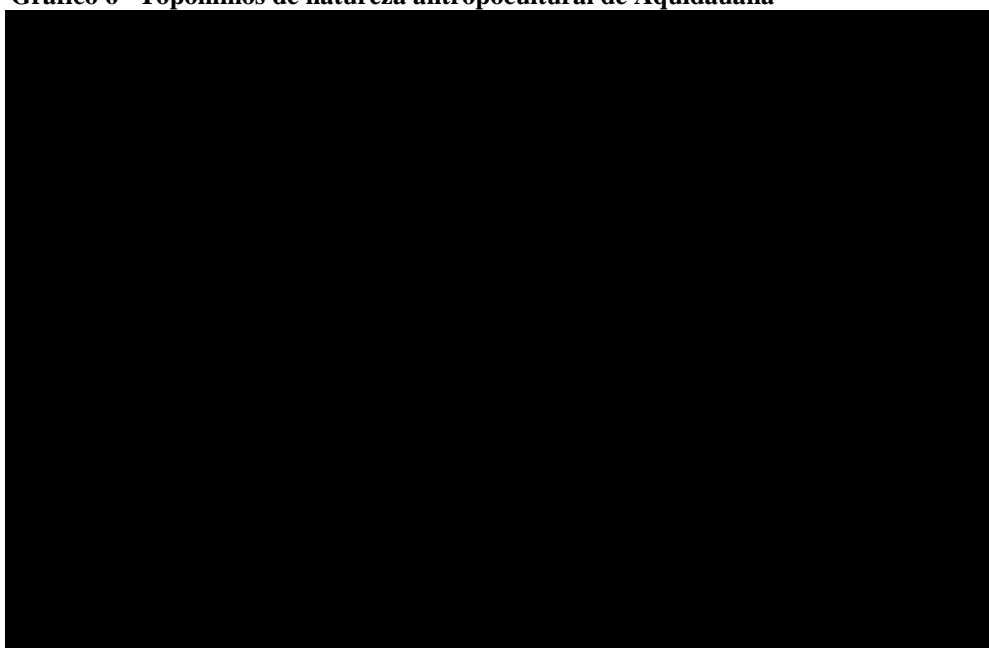
Gráfico 5- Topônimos de natureza física da região de Miranda



Quadro 7 – Quantificação dos topônimos de natureza física

Município	Dimensio	Fito	Geo	Hidro	Lito	Zoo	Total ⁶⁸
Aquidauana	5	51	1	9	3	24	-
Corumbá	3	52	1	5	4	19	-
Miranda	1	13	1	2	3	9	-
Total	9	116	3	16	10	52	206

Gráfico 6 –Topônimos de natureza antropocultural de Aquidauana



⁶⁸ Devido ao fato de muitos topônimos apresentarem mais de uma taxonomia o número total de topônimos difere do número de termos apresentados nas fichas analisadas. Como exemplos desses designativos, constam em nossos dados os topônimos: *Amambaí, aquidauana, caeté, caracará, carajá, cumbaru, Guanabara, jacutinga, jaraguá, pindorama, pirapó, Piratininga, sapucaia, tabatinga, taboca, tarigara, tarumã e tuiuiú*, com 2 classificações taxonômicas e os topônimos: *araras, caranday, panamá e pindaíba*, com 3 classificações.

Gráfico 7 –Topônimos de natureza antropocultural de Corumbá

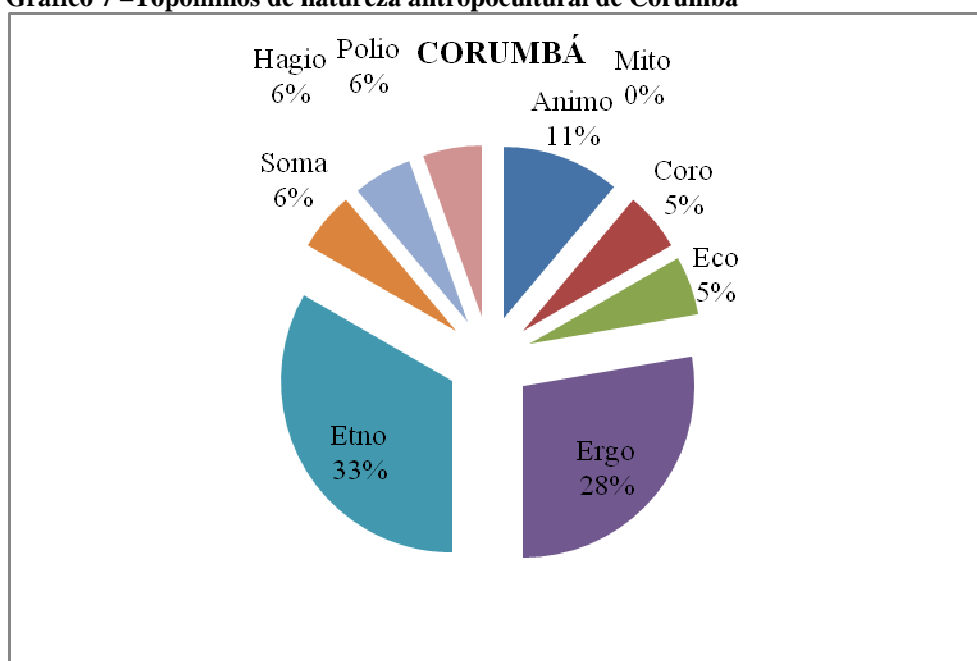
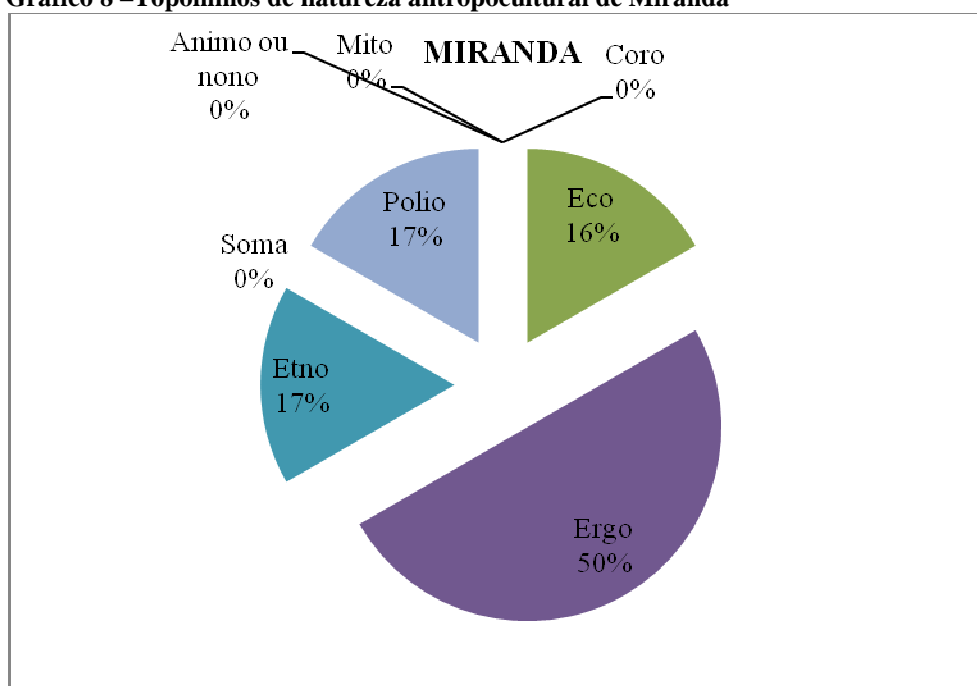


Gráfico 8 –Topônimos de natureza antropocultural de Miranda



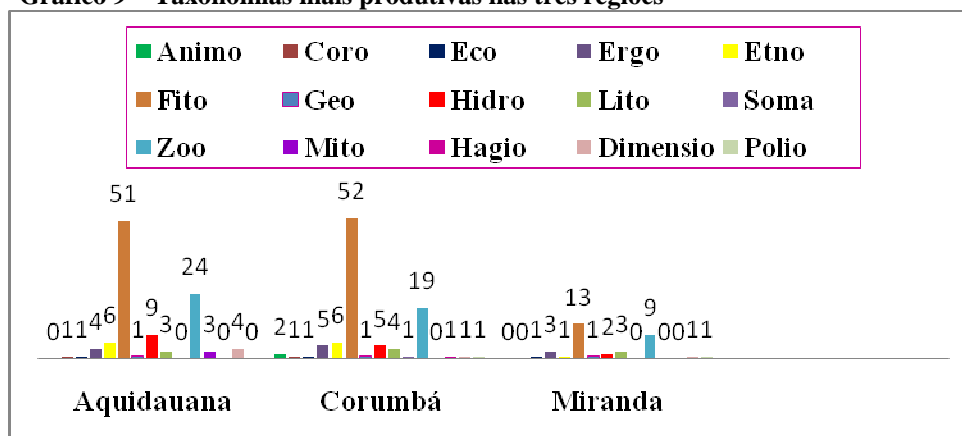
Quadro 8- Quantificação dos topônimos de natureza antropocultural

Município	Animo	Coro	Eco	Ergo	Etno	Mito	Hagio	Polio	Soma	Total
Aquidauana	0	1	1	4	6	3	0	0	0	-
Corumbá	2	1	1	5	6	0	1	1	1	-
Miranda	0	0	1	3	1	0	0	1	0	-
Total	2	2	3	12	13	3	1	2	1	39

A predominância de elementos de natureza física justifica-se pela relação de proximidade e mesmo de cumplicidade entre o indígena e o ambiente, comprovando a tese de Sampaio (1987), de que o indígena recorria, constantemente, a elementos de seu ambiente para nomear os acidentes físicos e humanos de seu convívio. Nesse sentido, o ambiente físico funciona como a principal motivação do processo de denominação toponímica em que o nome confunde-se, muitas vezes, com o próprio acidente nomeado.

5.2 Quanto às taxonomias

Quanto às taxonomias, observamos que a categoria mais produtiva nas três regiões foi a dos fitotopônimos, totalizando um número de 51 termos na região de Aquidauana, 52 em Corumbá e 13 no município de Miranda. A segunda categoria mais produtiva foi a dos zootopônimos, com um número de 24 termos em Aquidauana, 19 em Corumbá e 9 em Miranda. Podemos comprovar o exposto nos gráficos a seguir.

Gráfico 9 – Taxonomias mais produtivas nas três regiões

Ao analisarmos a proporção dos topônimos das diferentes taxonomias no gráfico anterior, observamos a grande incidência de fitotopônimos, que totalizam um número de 116 dentre os 195 analisados. Esse índice comprova a influência da vegetação no processo de designação dos topônimos que nomeiam as regiões analisadas.

Comprovamos também que grande parte desses fitotopônimos refere-se a palmeiras e plantas ornamentais, como é o caso dos designativos: *bocaiuva*, *babaçu*, *carandá*, *bacuri* e *caraguatá*, que designam palmeiras ou plantas do gênero das palmas com frutos e seivas utilizados para enfeite e confecção de materiais indígenas.

Todas essas espécies vegetais próprias do cerrado costumam apresentar como características marcantes os troncos e galhos retorcidos, como é o caso do *angico* e da *mangaba*, sendo a última delas o nome de uma fazenda do município de Corumbá.

Outra fonte de motivação toponímica também muito presente nessas regiões são as árvores frutíferas, que remetem, de certa forma, não só à importância da alimentação na vida do homem, mas também ao hábito do cultivo dessas árvores como forma de garantir o sustento de muitos povos indígenas que habitaram ou habitam essa região. Como exemplo desses topônimos, podemos citar *acaiá*, conhecido como *cajá* – uma designação para o fruto da *cajazeira* –, fruto bastante conhecido na região; *jatobá*, árvore de casca grossa e de frutos comestíveis e do qual se extrai resina; e *jenipapo*, fruto do jenipapeiro muito utilizado para se fazerem compotas, doces e xaropes e do qual os indígenas extraem uma tinta preta que utilizam em artesanatos e pintura corporal. Essas e muitas outras espécies vegetais abundantes na região deram origem a inúmeros designativos para rios, córregos, morros e fazendas do município de Aquidauana, Corumbá e Miranda.

Também fazem parte da vegetação do Pantanal Sul-Mato-Grossense plantas próprias de regiões alagadiças, como é o caso do *aguapé*, conhecido como vitória-régia, e algumas espécies mais resistentes, como o *buriti*, a *embaúba*, o *carandá*, bem como outras variedades de coqueiros bastante comuns nessa região, que conseguem sobreviver e fortalecer-se nesse espaço, formando imensos aglomerados.

A segunda categoria mais produtiva é a dos zootopônimos, totalizando um número de 52. Observamos que os espécimes comuns na fauna local funcionam como a segunda fonte mais produtiva de motivação toponímica. Como exemplos desses designativos, aparecem em nossos dados os topônimos: *jacaré*, *sucuri*, *jacutinga*, *curicaca*, *jaguetê*, *anhuma* e *tuiuiú*, espécimes comuns nas matas, córregos e alagados da região. O último desses designativos, o *tuiuiú*, também conhecido como a cegonha do Pantanal e ave símbolo dessa região, é definido por Taunay (1868, p. 93), em seus relatos de viagem, como “a maior

das aves ribeirinhas, todo branco com uma coleira vermelha, bico longo e tubulado, que nutre-se de peixe e anda no lodo das bordas dos rios”.

Após os zootopônimos, os hidrotopônimos, com um número de 16 topônimos, ocupam um lugar bastante significativo nesse processo de nomeação. O grande número de córregos, rios, corixos e alagados, próprios do bioma pantanal, justificam essa grande influência de designativos relacionados à água. Como exemplos desses topônimos, podemos citar os designativos: *Aquidauana*, *caranday*, *guanabara*, *lalima*, *Paraguai*, *Piauí* e *Piracicaba*, que nomeiam rios, fazendas e córregos das regiões analisadas. É interessante observar que, em especial nos nomes de origem kadiwéu, como é o caso de *Aquidauana* e *Lalima*, o significado dos topônimos em sua maioria remete à água. Não encontramos, porém, registros que relacionem as características dos acidentes ao nome que recebem, ou seja, não obstante o significado original de *Aquidauana*, “rio estreito”, aparentemente não há registros de obras que descrevam tal característica desse rio. Tampouco *Lalima*, que significa “sumidouro”, termo definido por Sampaio (1901, p. 58) como “curso subterrâneo das águas do rio através de rochas calcáreas”, aparece em registros escritos como um rio ou córrego com essa característica.

Quanto aos hidrotopônimos de origem tupi e guarani que fazem parte de nossos dados, podemos constatar que, geralmente, essa formação se faz com a justaposição do termo água –y/i a uma base de origem indígena, que, por sua vez, já possui um significado próprio. Nesse sentido, os dois termos se juntam e um passa a ser parte do outro, como é o caso de *Piaui*, *Paraguai* e *caranday*, que significam ‘rio do *piau*’, ‘rio dos *papagaios*’ e ‘rio dos *carandás*’, respectivamente.

Bastante próximos dos hidrotopônimos em número de ocorrências, aparecem, nessa cadeia de motivação toponímica, os etnotopônimos, que totalizam 13 topônimos, e os ergotopônimos, com um total de 12 termos. Relacionados às etnias indígenas, os etnotopônimos designam seis (6) acidentes da região de Aquidauana, seis (6) em Corumbá e um (1) em Miranda. Isso se justifica pelo grande número de aldeias existentes na região, embora devamos destacar que muitas dessas etnias já foram extintas ou juntaram-se a outras, sendo absorvidas por elas, como é o caso dos kinikinaos, que, conforme apontamos ao falar da ocupação indígena em Miranda e Aquidauana, juntaram-se às aldeias terenas desses municípios. Como exemplos desses topônimos, constam em nossos dados os topônimos: *araras*, *caeté*, *carajá* e *guarani*. Etnias já extintas ou que não residem mais na região, mas que participaram efetivamente do processo de criação e desenvolvimento do estado de Mato

Grosso do Sul, como é o caso dos guaranis, os indígenas mais explorados como mão de obra no ciclo da mineração.

É interessante destacar também a referência ao topônimo *cabloco*, que, embora não designe nenhuma etnia indígena em particular, é apresentado nos dicionários consultados como o índio manso e catequizado pelos jesuítas, exatamente como aconteceu com muitos indígenas, particularmente os tupis e guaranis no processo de povoamento do estado.

Na escala de motivação dos acidentes físicos e humanos desses três municípios, aparecem os litotopônimos com 10 designativos, os dimensiotopônimos com nove (9) ocorrências, os eco, os mito e os geotopônimos, com três (3), os coro, pólio e animotopônimos com dois (2) designativos e, em último lugar, aparecem os soma e hagiotopônimos, com apenas 1 designativo.

5.3 Quanto à origem dos topônimos

Quanto à etimologia dos topônimos, pudemos constatar o predomínio de termos de origem tupi, seguidos de maneira bastante próxima dos termos apresentados como tupi e também como guarani. No caso dos termos tupis, registramos um total de 28 topônimos em Aquidauana, 33 em Corumbá e sete (7) em Miranda. Quanto aos designativos de origem controversa, ou seja, tupi-guarani, registramos 26 termos em Aquidauana, 30 em Corumbá e nove (9) em Miranda. O número de topônimos de origem kadiwéu também é bastante representativo, totalizando um número de 14 ocorrências: quatro (4) em Aquidauana, quatro (4) em Corumbá e seis (6) em Miranda. Já a respeito dos nomes de origem guarani e terena, o número de topônimos comprovados foi bastante reduzido, totalizando três (3) de origem guarani, sendo encontrados dois (2) em Aquidauana, um (1) em Corumbá e nenhuma ocorrência no município de Miranda. Os designativos de origem terena totalizaram quatro (4) topônimos de nosso *corpus*: um (1) em Aquidauana, dois (2) em Corumbá e um (1) em Miranda.

Gráfico 10 – Etimologia dos Topônimos

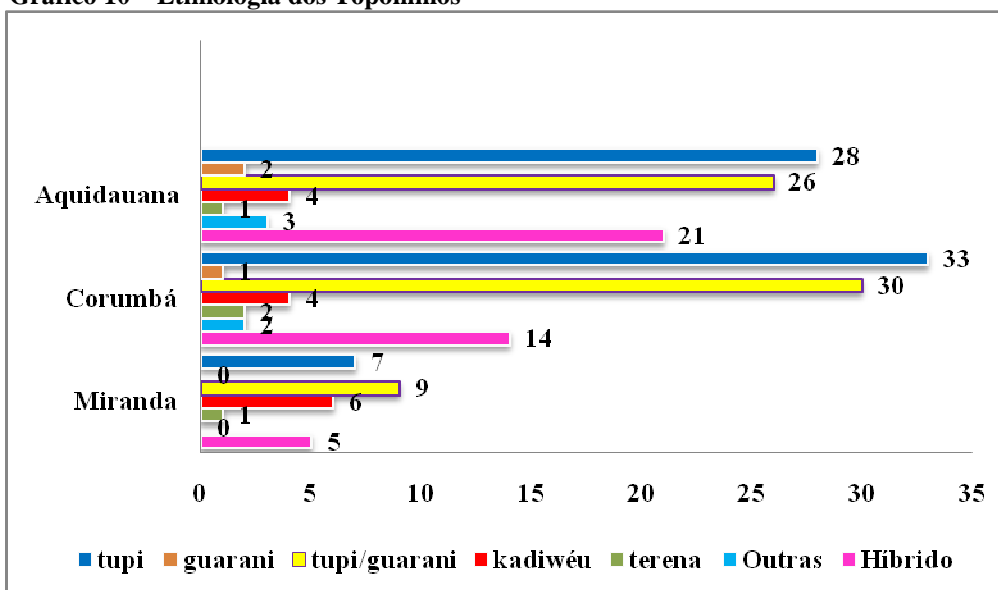
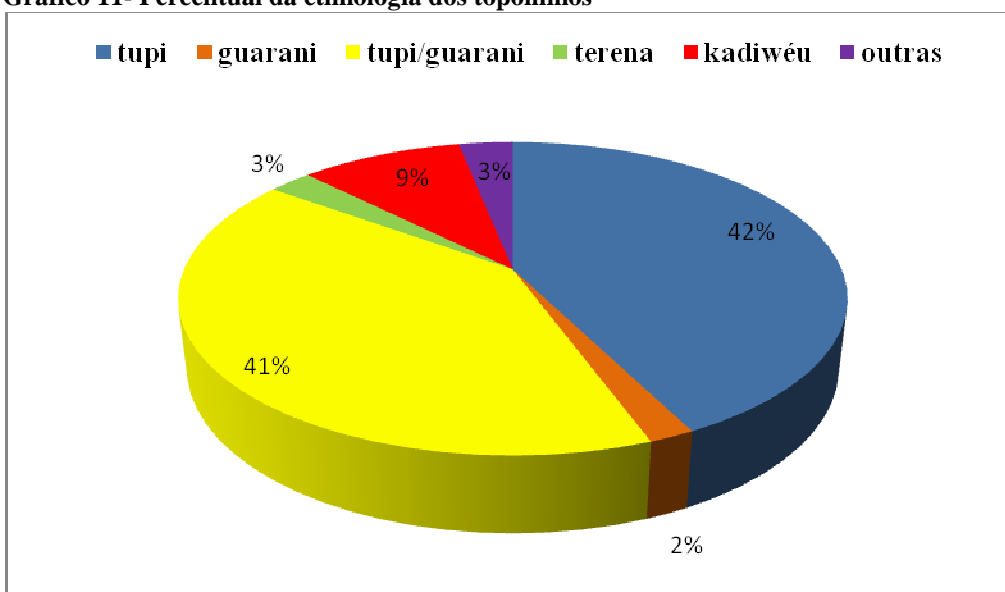


Gráfico 11- Percentual da etimologia dos topônimos



De acordo com o índice percentual dessas etimologias, os designativos de origem tupi representam 42% de nosso *corpus*, seguido de 41% dos termos que apresentam duas indicações quanto à sua etimologia, como é o caso dos topônimos classificados como tupi e também como guarani nos diferentes dicionários consultados.

Essa duplicidade de registro de etimologias consiste no fato de o tupi e o guarani serem línguas bastante próximas, procedentes de um mesmo tronco linguístico: o tupi. A respeito dessa semelhança, Sampaio (1901, p. 19-20) ressalta que, segundo apontamentos de Couto Magalhães, o tupi e o guarani comparam-se ao português e ao castelhano em grau de

semelhança, ou ainda, que essas línguas são na verdade uma só, falada em dois períodos diversos da história: o tupi em uma época mais primitiva e o guarani, em um período mais desenvolvido. Nesse sentido, dado o fato de não ser possível determinar com exatidão uma única definição etimológica para esses nomes, optamos por registrar as duas origens apresentadas nos dicionários tupis e guaranis.

O alto índice de topônimos de origem tupi justifica-se pela grande propagação dessa língua no período de colonização do país e pela necessidade da criação uma língua única que facilitasse a catequização dos indígenas e, conseqüentemente, maior domínio sobre eles. Assim, segundo Sampaio (1901, p. 14), “fazia-se a conquista tendo por vehiculo a própria língua dos vencidos, que era a língua da multidão”. Quanto à influência dessa língua no processo de escolha dos topônimos, o autor destaca que as regiões recém-descobertas ou que ainda estavam sendo desbravadas recebiam um nome de origem tupi, que se perpetuou ao longo do tempo mesmo que nessa região jamais houvesse habitado uma tribo de etnia tupi, como é o caso de nossos topônimos. Embora não haja registro de ocupação de nenhuma etnia tupi ou guarani na região por nós estudada, registra-se um percentual de cerca de 83% de termos dessas procedências, em especial na designação dos acidentes de natureza física.

Quanto aos topônimos de origem guarani, estes se devem ao intenso processo de exploração de minérios e também às atividades agropecuárias mobilizadas pelo intenso movimento das bandeiras, que capturavam esses indígenas e os transportavam para sua utilização como mão de obra barata, o que provocou a quase destruição de muitas aldeias guaranis, conforme destacamos no terceiro capítulo ao falarmos do processo de ocupação e desenvolvimento do estado.

Embora os topônimos de origem kadiwéu correspondam a um número consideravelmente menor na designação dos acidentes dessa região, com um percentual de 9% de nosso *corpus*, destacamos a influência dessa etnia na toponímia dessa região, especialmente nos designativos de acidentes físicos, como rios e córregos. Taunay (1868) aponta que quase todos os nomes de rios da região de Miranda são de origem guaicuru e, comprovando a tese desse autor, registramos um maior número de termos dessa origem no município de Miranda; a diferença é, porém, bem pequena em relação aos municípios de Aquidauana e Corumbá.

Além das etimologias apresentadas, identificamos em nossos designativos dois topônimos originados da família caribe e um topônimo de origem bororo. Acreditamos que a presença desses designativos deve-se ao processo de povoamento do estado e às diversas

etnias existentes no país no período do descobrimento e da colonização, uma vez que não encontramos registros dessas etnias na região analisada.

Quanto à existência de designativos de origem terena, verificamos que, embora existam cerca de seis aldeias dessa etnia na região, os topônimos dessa origem somaram apenas 2% de nossos dados, com um número de quatro (4) topônimos. Acreditamos que esse baixo índice decorra do fato de ser muito difícil comprovar com exatidão a procedência desses termos pela indisponibilidade de dicionários específicos dessa língua. Dessa forma, nossa definição da etimologia desses designativos foi feita por meio de artigos, glossários e outras obras mais voltadas para as questões culturais do que as linguísticas.

5.4 Quanto ao significado dos topônimos registrados

Quanto ao significado dos topônimos registrados, convém destacar que a definição apontada influencia diretamente a classificação taxonômica do topônimo. Dessa forma, muitos de nossos topônimos foram apresentados com mais de uma categoria, pois o fato de os dicionários apontarem diversos significados para um mesmo termo fez que o classificássemos em diferentes taxes. Como exemplo desses termos, temos *Córrego araras*, localizado nos municípios de Aquidauana e Corumbá.

De acordo com os dicionários consultados, o termo *arara* possui três significados e, conseqüentemente, três classificações. Em uma primeira definição, designa ‘uma ave de grande porte’, o que permite sua classificação como zootopônimo. Em uma segunda definição, porém, nomeia ‘os indígenas pertencentes à etnia araras’, o que o classifica como etnotopônimo. Ainda em uma terceira definição, designa ‘a armação de madeira ou metal onde se penduram roupas’, o que o caracteriza como ergotopônimo.

Constatamos, entretanto, que a maioria dos termos apresentados encontra-se ligada a seus designativos por uma razão mais histórica e cultural do que propriamente física, fato que comprova a tese de Sapir (1969) de que a linguagem é um mecanismo que o homem utiliza para exteriorizar sua relação com o meio, relacionado aos aspectos físicos, sociais ou culturais.

Um exemplo disso são os designativos de origem kadiwéu: *nioaque*, *nabileque* e *naitaka*. O primeiro deles refere-se ao nome de um rio da região de Corumbá, que, em seu significado original, corresponde a ‘ombro ou clavícula quebrada’ e está relacionado a uma história kadiwéu que conta que um de seus guerreiros teve seu ombro ou clavícula quebrada à beira desse rio, o que motivou a designação desse acidente. O segundo, *nabileque*, que

significa ‘barro escorregadio’, é explicado por Souza (2006, p. 9) como um nome relacionado à época em que os kadiwéus iam vender seus produtos às margens do rio Paraguai enquanto as mulheres brincavam no barro escorregadio da margem desse rio. Quanto ao topônimo *naitaka*, Souza (2006, p. 9) aponta que a motivação desse nome está relacionada ao fato de que esse rio desaparece no período da seca, passando, por isso, a significar ‘rio mentiroso ou lugar da mentira’.

Outro exemplo de motivação toponímica mais relacionada à história do que à característica do acidente é o topônimo guarani *Paraguai*, que nomeava primeiramente um rio e depois passou a designar um país. Segundo Gubetich (1951, p. 13), o significado desse topônimo pode ser explicado em três segmentos, *pará*, que significa ‘mar’; *gua*, que quer dizer ‘origem’¹; e *y*, que significa ‘rio’. Dessa forma, esse termo pode ser definido como ‘rio que origina um mar’. Ora, se levarmos em consideração a designação do rio, o significado desse termo pode ser bem aceito; porém, se pensarmos nessa designação para o país, o mesmo não acontece, pois não existe mar no Paraguai.

Posteriormente, esse raciocínio é esclarecido por Gonzalez (1993, p. 71-72), que defende a ideia de que a tradução correta do termo *paraguay* seria ‘rios de los moradores del mar’, referindo-se ao povo guarani que habitava os arredores desse rio e o dominava em boa parte, pois navegava pelo oceano atlântico desde a bacia do Prata até o mar do Caribe.

Os mitos também se convertem em grandes fontes de motivação toponímica, como é o caso dos designativos guaranis *jasy*, *tupaci* e *pombeiro*. Segundo Assis (2008, p. 107), *jasy jatere* é ‘um ser mitológico, pequeno e de cabelos dourados. Senhor da sesta e possuidor de uma varinha mágica que protege a erva feiticeira das abelhas’. O topônimo *tupaci*, do guarani *tupasy*, relaciona-se não à criatura mitológica propriamente dita, mas a um ser da crença cristã, já que significa ‘Mãe de Deus, Nossa Senhora, Virgem Maria’ (ASSIS, 2008, p. 393). Quanto ao topônimo *pombeiro*, do guarani *pombero*, é ‘um ser mitológico considerado o ente protetor dos pássaros, que pode ajudar ou prejudicar as pessoas se estas lhe oferecerem fumo ou algum alimento’ (ASSIS, 2008, p. 309).

O topônimo *iara* também é um exemplo de motivação relacionada ao meio cultural. Esse termo tupi-guarani designa a ‘mãe das águas’ e representa um ser mitológico do universo indígena, ‘Uma espécie de sereia que seduz os homens com seu canto e faz com que estes se percam no mar’.

Assim como os topônimos apontados, muitos outros termos relacionam-se a seus designativos por razões mais culturais e sociais do que físicas, uma vez que grande parte dos designativos de acidentes físicos e humanos dessa região está mais relacionada à vida e à

cultura dos povos que habitaram e participaram efetivamente do processo de desenvolvimento desse território. Assim, só podemos recuperar a motivação toponímica desses nomes se recorrermos à história da vida desse povo num determinado momento de sua existência, o que se torna quase sempre impossível, dada a escassez de documentos históricos que tragam esses registros, a extinção de muitas dessas etnias indígenas, bem como as constantes deturpações e modificações desses topônimos no decorrer do tempo. Essas questões reforçam a importância de se tentar recuperar o significado original desses termos, pois, como afirma Sampaio (1901, p. 4):

Essas denominações geographicas, explicáveis e naturalíssimas numa época em que o tupi era a língua geral, a mais falada no paiz, são agora para as modernas gerações, verdadeiros enigmas [...], portanto, preservar-lhes a graphia verdadeira, e a verdadeira pronúncia, fixar-lhes o significado, interpretado através do véo obscuro dos metaplasmos, vale tanto quanto resguardar um monumento histórico.

Neste capítulo, apresentamos a análise dos resultados obtidos em nossa pesquisa, no que se refere à classificação toponímica, às taxonomias mais produtivas nas três regiões, à etimologia desses designativos e também ao significado desses topônimos. A seguir, apresentaremos as conclusões obtidas no desenvolvimento desta pesquisa.

CONCLUSÕES

Conforme mencionamos na introdução deste trabalho, nosso objetivo geral consistiu na realização de um estudo lexical dos nomes de origem indígena que designam os acidentes físicos e humanos presentes na zona rural das regiões de Aquidauana, Corumbá e Miranda, no estado de Mato Grosso do Sul. Foi dada, também, atenção especial à classificação taxonômica e à análise desses designativos de modo a apresentar seus significados, etimologias e uma provável motivação toponímica que justificasse a escolha desses nomes.

Consideramos como principal hipótese de trabalho o fato de que o grande número de aldeias existentes nessa região influenciou diretamente a escolha dos topônimos, o que justifica o alto índice de nomes indígenas em nossos designativos. Comprovamos, entretanto, que esse elevado número de topônimos indígenas relaciona-se mais ao processo de colonização do estado e ao movimento dos bandeirantes nesse período de descoberta, exploração e povoamento, do que à proximidade com as etnias da região. Isso se comprova na constatação de que 83% de nossos termos são de origem tupi e tupi-guarani, não obstante o registro das etnias guató, kamba, kinikinau e terena que ocupam esse território. Acreditamos que a ausência de registro de topônimos originados dessas etnias se deve ao caráter político e desinteresse governamental na divulgação de documentos e registros históricos que comprovem a presença desses povos no processo de povoamento do estado, sendo assim, não encontramos designativos originados das três primeiras etnias em nossos dados; aparecem apenas quatro topônimos de origem terena e 14 de origem kadiwéu, estes últimos, embora não habitem em nenhum dos três municípios estudados, localizam-se bem próximos territorialmente.

A hipótese de que esses topônimos passaram por um processo de renomeação, como acreditávamos a princípio, não pôde ser comprovada. Para tanto, teríamos que ter registros que comprovassem essa alteração de nome, o que significaria estudar o termo de uma perspectiva diacrônica e não sincrônica. Verificamos, porém, que esses nomes passaram por um processo de alteração gráfica, fonética e semântica, o que deu origem às formas variantes desses topônimos e aos inúmeros significados apontados para um mesmo termo. Esse fato acabou por influenciar a classificação taxonômica desses dados, originando o registro de duas ou mais origens para um mesmo nome, como é o caso dos 65 topônimos classificados, a partir das diferentes obras consultadas, como tupi e também como guarani, e

também de outros topônimos apontados nos dicionários como originados de línguas e até de famílias diferentes, como é o caso do topônimo *Aquidauana*, registrado como kadiwéu, terena e tupi, de acordo com diferentes autores.

Constatamos que, aparentemente, esse processo de alteração e surgimento de novos termos, como já apontamos, deu origem também aos topônimos híbridos, em particular aos híbridos indígena-português, que constituem 31 de nossos termos.

Quanto à estrutura desses nomes, detectamos que são, em sua maioria, formados pelo acréscimo de sufixos da língua portuguesa às bases indígenas, sendo esses sufixos que remetem a locativos, como é o caso do sufixo *-al*, ou diminutivos *-inho* e *-zinho*. Como exemplos desses topônimos, encontramos em nossos dados os termos *acurizal*, *angical*, *guanandizal*, *aguassuzinho*, *buritizinho* e *mangabinha*.

Além dos termos híbridos formados pelo acréscimo desses sufixos mencionados, destacamos também o caso dos topônimos *pindaivão*, formado pelo acréscimo de sufixo aumentativo do português *-ão*; *cipolândia*, que é formado pelo acréscimo do sufixo *-lândia*, que funciona como pospositivo comum a locativos pátrios, como é o caso dos topônimos Groenlândia e Finlândia; e *pitangueira*, topônimo formado pelo acréscimo do sufixo latino *-eira*, designando a árvore que produz a fruta *pitanga*, também um locativo.

Confirmamos ainda que o princípio básico da nomeação dos acidentes físicos e humanos dessa região consiste, acima de tudo, na relação de proximidade entre o homem e o meio, sendo ele quase sempre físico, como é o caso dos designativos relacionados aos elementos do ambiente, como relevo, formações do solo, cursos de água e, em especial, flora e fauna. Essa constatação justifica nossas categorias mais produtivas, como é o caso dos fitotopônimos, com 116 ocorrências e dos zootopônimos, com 52 termos. Convém destacar, porém, que os aspectos sociais e culturais das etnias indígenas também influenciaram diretamente o ato da denominação dos acidentes físicos e humanos dessa região. Isso se comprovou especialmente nos topônimos relacionados tanto a elementos étnicos e materiais dessas culturas, como é o caso dos etnotopônimos e ergotopônimos, que totalizaram um número de 25 termos, como também aos seus elementos religiosos e míticos próprios, como os mitotopônimos e hagiopônimos.

Evidenciamos que, em grande parte dos topônimos, a motivação toponímica e também a etimologia só podem ser recuperadas se recorrermos à história, uma vez que muitos desses nomes estão estreitamente vinculados à linguagem oral, ao hábito de contar histórias e aos acontecimentos relacionados à vida e às andanças desses povos. Um exemplo do que foi dito são os topônimos de origem kadiwéu, como *nabileque*, *naitaka* e *nioaque*, que, mesmo

sendo termos já dicionarizados, sua motivação só pode ser compreendida por meio dos acontecimentos históricos que envolveram a escolha de tal designativo para os rios em questão.

Essa preocupação histórica torna-se ainda mais justificável em relação aos termos de origem terena, já que, em face da inexistência de dicionários dessa língua, esses dados só podem ser identificados por meio de obras sobre essa etnia, conforme o procedimento de nossa pesquisa, ou por meio de um trabalho exaustivo de coleta e entrevista com os próprios falantes.

Acreditamos que propor um estudo lexical dos inúmeros designativos de origem indígena que formaram e solidificaram a toponímia brasileira consiste em, de certa forma, recuperar a memória de nosso país, confrontando os fatos do passado para compreender o presente, analisando-o posteriormente. Essa relação histórica comprova a afirmação de Dick (1990, p. 22): “o nome de lugar exerce, concomitantemente, o papel de uma verdadeira crônica, em que os fatos atuais se projetam no futuro, através da inscrição onomástica”. Nesse sentido, nosso trabalho serve como fonte de documentação e ponto de partida para pesquisas futuras, além de contribuir com os estudos da toponímia brasileira.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. F. *Bíblia Sagrada*. Edição Revista e corrigida. São Paulo: Editora Sociedade Bíblica Brasileira, 1965.
- ANDRADE, K. S. *Atlas Toponímico de Origem Indígena do Tocantins-Projeto ATITO*. São Paulo: USP, 2006. Tese (Doutorado).
- ANDRADE, K. S.; CAVALCANTE, L. R. O estudo dos nomes no contexto da BR Belém-Brasília: análise das fichas lexicográfico-toponímicas. *Cadernos do CNLF*, Vol. XIII, Nº 04. *Anais do XIII CNLF, CiFEFiL*: Rio de Janeiro, 2009.
- ANTUNES, A. M.; CARVALHINHOS, P. J. *Toponímia brasileira: origens históricas*. Blog da USP, 2007.
- BASÍLIO, M. Formação de palavras na língua escrita e na língua falada. In: _____. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 2000, p. 81-89.
- _____. *Formação de classes de palavras no português do Brasil*. 2. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.
- BIDERMANN, M. T. C. *Teoria Lingüística. Teoria lexical e lingüística computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BARBOSA, A. L. *Curso de tupi antigo: gramática, exercícios, textos*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1956.
- BITTENCOURT, C. M.; LADEIRA, M. E. *História do povo terena*. Universidade de São Paulo- Ministério da Educação: São Paulo, 2000.
- BRAGGIO, S. L. B. *Aspectos fonológicos e morfológicos do Kadiwéu*. Campinas: UNICAMP, 1981. Dissertação (Mestrado).
- BUTLER, N. E.; EKDAHL, E. M. *Aprenda Terêna*. Vol. 1. Publicações do Summer Institute of Linguistics: Brasília, DF, 1979.
- _____. *Aprenda Terêna*. Vol. II. Publicações do Summer Institute of Linguistics: Brasília, DF, 1979.
- _____. *Explicação da ortografia terêna*. Brasília- DF: Sociedade Internacional de Linguística, 2004 (com poucas mudanças em março de 2005 e janeiro de 2007).
- BUTLER, N. E. *The multiple functions of the definite article in terêna*. p. 1-16, S.D.
- _____. *Derivação verbal na Língua Terêna*. p. 1-16, S.D.
- CAMPESTRINI, H.; GUIMARÃES, A.V. *História de Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2002.

- CARDOSO, L. *Toponímia brasileira*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1961.
- CARDOSO, V. F. *Um estudo de categorias sintagmáticas da língua kaiowá/guarani*. UFMS: Três Lagoas: UFMS, 2001. Dissertação (Mestrado).
- CARDOZO, E. *Breve história del Paraguai*. 2. ed. Asunción, Paraguay: Servi livros, 2009.
- CARVALHO, N. *Empréstimos lingüísticos na língua portuguesa*. São Paulo: Cortez, 2009.
- CERNO, L. Evidencias de diferenciación dialectal del guaraní correntino. *Cadernos de Etnolingüística* (ISSN 1946-7095). Vol. 2, n° 3, 2010.
- COSTA, I. B. Processos morfofonológicos na morfologia derivacional. In: ILARI, R. *Gramática do português falado*. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002.
- CORREA FILHO, V. *Pantaneais matogrossenses: devastamento e ocupação*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1946.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DICK, M. V. P. A. O sistema onomástico: bases lexicais e terminológicas, produção e frequência. In: PIRES DE OLIVEIRA, A. M. P; ISQUERDO, A. N. (Orgs). *As ciências do léxico*. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. 2. ed. UFMS: Campo Grande, 2001b, p. 79-90.
- _____. Toponímia e imigração no Brasil. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo: v. 29, 1988.
- _____. *Toponímia e antroponímia no Brasil*. Coletânea de Estudos. 2. ed. São Paulo: USP, 1990.
- _____. Toponímia e línguas indígenas do Brasil. *Estudos Avançados*. V.8(22) p. 435-436, São Paulo: USP, 1994.
- _____. O sistema onomástico: bases lexicais e terminológicas, produção e frequência. PIRES DE OLIVEIRA, A.M.P; ISQUERDO, A.N. (Orgs). *As ciências do léxico*. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2001.
- DIETRICH, W. Cambio del orden de palabras en lenguas tupí-guaraníes. *Cadernos de Etnolingüística* (ISSN 1946-7095). Vol. 1, nº 3, 2009.
- DIETRICH, W; NOLL, V. (orgs). *O português e o tupi no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010.
- DRUMOND, C. *Contribuição do bororo à toponímia brasileira*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, 1965.
- FRANCHETTO, B. O que se sabe sobre as línguas indígenas no Brasil. In: I.S.A. (org.) *Povos indígenas no Brasil 1996-2000*. São Paulo, 2000.

GONSALVES, D. L. *Um estudo da toponímia da porção sudoeste de Mato Grosso do Sul: acidentes físicos e humanos*. Três Lagoas: UFMS, 2003. Dissertação (Mestrado).

GONZALEZ, N. *Geografía del Paraguay*. Edición de Homenaje. Asunción: Editorial Cuadernos Republicanos, 1993.

GRESSLER, L. A. SWENSSON, L. J. *Aspectos históricos do Povoamento e da colonização do Estado de Mato Grosso do Sul: destaque especial ao município de Dourados*. Estado, 1988.

GRESSLER, L.A et al.. *História do Mato Grosso do Sul*. São Paulo: FTD, 2008.

GRIFFITHS, G, GRIFFITHS, C. *Aspectos da Língua Kadiwéu*. Cuiabá-MT: Sociedade Internacional de Linguística, 1976.

GUASCH, A. S. J. *El idioma guarani*. Gramática y antología de prosa y verso. 4. ed. Asunción: Ediciones Loyola, 1976.

GUBETICH, F, H. *Geografía del Paraguay* . Asunción: Orbis, SACI, 1951.

HOLANDA, S. B. *Monções*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

ISQUERDO, A. N. *O fato linguístico como recorte da realidade sócio-cultural*. Araraquara: UNESP, 1996. Tese (Doutorado)

ISQUERDO, A. N; TAVARES, M. A presença indígena na fitotoponímia da região sul de Mato Grosso do Sul. *Revista Signun: Estudos linguísticos*: Londrina, 2005, p. 127-147.

ISQUERDO, A. N; TAVARES, M. C. A questão da estrutura morfológica dos topônimos: Um estudo na toponímia Sul-Mato-Grossense. *Revista Signun: Estudos linguísticos*: Londrina, 2006, p. 273-288.

ISQUERDO, A. N; SEABRA, C. T. C. *A trilha dos “buritis” no vocabulário onomástico-toponímico*: um estudo na toponímia de Minas Gerais e de Mato Grosso do Sul.

LADEIRA, M. E. O uso da língua terena segundo uma análise macro sociolingüística. *ANPOCS*, 1999, p. 1-19.

LATORRE, G. Toponímia chilena: "la lejana posesión". *Estud. filol.*, 2001, no.36, p.129-142. ISSN 0071-1713.

MAGALHÃES, C. *O selvagem*. Rio de Janeiro: Typographia da reforma, 1876.

MAEDA, R. M. A. *A toponímia sul-mato-grossense*: Um estudo dos nomes de fazendas. UNESP: Araraquara: UNESP, 2006. Tese (Doutorado).

MONTOYA, Antonio Ruiz de. *Tesoro de la lengua guarani*. Viena; Paris: Faesy y Frick - Maisonneuve, 1876.

NARDI, R. L. J. Toponímia cunza en la Argentina. *Revista Americana de la Academia Nacional de Geografía*: Buenos Aires, 1957, pp 178-180.

NAVARRO, E. A. *Método moderno de tupi antigo: a língua do Brasil dos primeiros séculos*. 3. ed. rev. e aperfeiçoada. São Paulo: Global, 2006.

NIDA, E. A. *Costumes e Culturas*. São Paulo: ed. Vida Nova, 1985.

OLIVEIRA, A. M. P. P; ISQUERDO, A. N. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande- MS: Ed. UFMS, 2001.

RIO-TORTO, G. M. *Morfologia derivacional: Teoria e aplicação ao português*. Porto: Portugal: Editora Porto, 1998.

ROBBA, C. Aquidauana, ontem e hoje. *Tribunal da Justiça de Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: Série Historiográfica, 1.992.

RODRIGUES, A. D. *Fonética histórica tupi-guarani: diferenças fonéticas entre o tupi e o guarani*. Arquivos do Museu Paranaense: Curitiba, 1945. IV p. 333-354.

_____. A composição em tupi. *Separata da Revista Logos*, nº14: Curitiba, 1951.

_____. Contribuição para a etimologia dos brasileirismos. *Revista Portuguesa de Filologia*. Coimbra: Instituto de Estudos Românicos, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 1958. Vol. 9, p. 1-54.

_____. Línguas ameríndias. *Grande Enciclopédia Delta-Larousse*. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1970, p. 4034-4036.

_____. Relações internas na família lingüística tupí- guaraní. *Revista de Antropologia*, separata dos volumes 27/28: São Paulo, 1985, pp. 33-53.

_____. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1994.

_____. Descripción del tupinambá en el período colonial: el arte de Anchieta. **In:** ZIMMERMANN, Klaus (Ed.). *La descripción de las lenguas amerindias en la época colonial*. Frankfurt: Vervuet; Madri: Iboamericana, 1997.

_____. *Aspectos da história das línguas indígenas da Amazônia*. **In:** SIMÕES, S. (org.). *Sob o signo do Xingu*. Belém: IFNOPAP/UFPA, s. d..

_____. Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas. *Ciência e Cultura* . Vol. 57 nº 2. São Paulo, 2005a.

_____. Sobre as línguas indígenas e sua pesquisa no Brasil. *Ciência e cultura*. V. 57. São Paulo, 2005b.

RODRIGUES, A. D; CABRAL, A. S. A. C. (orgs). *Novos estudos sobre línguas indígenas*. Brasília: Editora da UNB, 2005. 243 pp.

RODRIGUES, J. B. A língua geral do Amazonas e o guarany: observações sobre o alfabeto indígena. *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*. Suplemento ao Tomo LI, Typographia Pinheiro & C: Rio de Janeiro, 1888, p. 73-110.

_____. *Histórias da terra matogrossense*. São Paulo: Editora do Escritor, 1983.

SALAS, F. E. *Toponímia Quilläna explica origen de nombres sudamericanos*. Servicio Informativo Iberoamericano: Bolívia, 1999.

SAMPAIO, T. *O tupi na geographia nacional*. Instituto Histórico e geográfico de São Paulo: São Paulo, 1901.

_____. *O tupi na geographia nacional*. 5. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1987.

SANDALO, F. S. *A Grammar of Kadiwéu*. University of Pittsburgh. PhD dissertation, 1996.

SAPIR, E. Língua e ambiente. In: _____. *Linguística e Ciência*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969, p. 42-62.

SEKI, L. Línguas indígenas do Brasil no limiar do século XXI. *Impulso*. Vol. 12. Número 27: Piracicaba/ SP, 2000. p. 157- 170.

SILVA, G. J. *A construção física, social e simbólica da reserva indígena Kadiwéu (1899 – 1984): Memória, identidade e história*. Dourados: UFMS, 2004. Dissertação (Mestrado).

SOLIS FONSECA, G. *La gente pasa, los nombres quedan*. Introduccion en la Toponímia. Lima: Ed. Lengua y Sociedad, 1997.

SOUZA, J. L. *A (in)visibilidade dos lugares Kadiwéu: contribuições da Geografia Cultural para o estudo de populações indígenas*. In: V Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional sobre Espaço e Cultura, NEPEC/UERJ: Rio de Janeiro, 2006.

TAVARES, M. *Toponímia Sul-Mato-Grossense: Um caminhar pelas microrregiões de Dourados, de Iguatemi e de Nova Andradina*. Dissertação de Mestrado. UFMS: Três Lagoas, 2004.

_____. A motivação de topônimos indígenas de Mato Grosso do Sul. *Revista Signun: Estudos lingüísticos*. Londrina, 2008, p. 257-275.

_____. Língua e cultura: considerações sobre a motivação de nomes geográficos indígenas. *Revista Raído*: Dourados-MS, 2009. Vol. 3 nº 06. p. 95-109.

TAUNAY, A. E. *Scenas de viagem-Memória Descritiva*. Tipografia Americana: Rio de Janeiro, 1868.

ULLMANN, S. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1964.

VILELA, M. *Filologia e Linguística Portuguesa*. São Paulo: Humanitas – FFLCH/USP. Nº 1, p. 31-50, 1997.

DICIONÁRIOS CONSULTADOS

ASSIS, C. F. *Dicionário Guarani- Português*. 2. ed. Edição própria: São Paulo, 2008.

BARBOSA, A. L. *Pequeno vocabulário Português-Tupi*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1970.

BORBA, F. S. *Dicionário de usos do português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.

_____. *et al. Dicionário UNESP do português contemporâneo*. São Paulo: UNESP, 2004.

CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

_____. *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi*. 4. ed. Brasília: Companhia Melhoramentos: Universidade de Brasília, 1998.

CRUZ, G. L. *Dicionário das plantas úteis do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S. A, 1979.

DIAS, G. *Dicionário da língua tupi - chamada língua geral dos indígenas do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1970.

FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário eletrônico Ferreira versão 5.0*. Editora Positivo Informática LTDA, 2004.

FRANCISCO, C. S; FRANCISCO, M. A. *Pequeno dicionário da língua Terena Vemó'U: Dicionário Aruak-Português para I e II graus*. Campo Grande, MS: Editora Ruy Barbosa, 1997.

GREISER, P. *Dicionário Caldas Aulete da língua portuguesa*. (Editor responsável Paulo Greiser). Rio de Janeiro: Editora Digital, 2007.

GRIFFITHS, G; GRIFFITHS, C. *Dicionário kadiwéu-português; português-kadiwéu*. Cuiabá-MT: Sociedade Internacional de Linguística, 2002.

GUASCH, A. S. J; ORTIZ, D. *Diccionario guarani-castellano; castellano-guarani*. 13. ed. Asunción, Paraguay: CEPAG, 1996.

HOUAISS, A; VILLAR, M. S. *Dicionário eletrônico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KHATIB, F. *Dicionário cultural da língua portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1972.

MENDES, A. *Vocabulário amazônico*. São Paulo: Sociedade Imprensa Brasileira, 1942.

TAUNAY, A. E. Vocabulário da língua guaná ou chané. *Revista Trimensal do Instituto Histórico Geographico e Ethnográfico do Brasil*. Tomo XXXVIII: Rio de Janeiro, 1875. Parte Segunda, p.143-162.

TIBIRIÇÁ, L. C. *Dicionário tupi-português*. 2. ed. Brasil: Editora Traço, 1984.

_____. *Dicionário guarani-português*. Brasil: Editora Traço, 1989.

_____. *Dicionário de topônimos brasileiros de origem tupi*. 2. ed. Brasil: Editora Traço, 1997.

SITES CONSULTADOS

<http://www.corumbá.ms.gov.br/modules/tinyd1/index.php?id=3> – acessado em 26/04/2010

<http://www.brasilchannel.com.br/municípios> - acessado em 18/03/2010

<http://www.dicionarioindigena.com.br> – acessado em 24/05/2010

<http://pibmirim.socioambiental.org/linguas-indigenas> - acessado em 23/08/2010

<http://www.arara.fr/BBLANGUESINDIGENOUSS.html#LinguasIndigenas> – acessado em 23/08/2010

<http://biblio.etnolinguistica.org> – acessado em 06/05/2010 e 22/10/2010

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Mapas digitais- MUE e MRU, 2007. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>

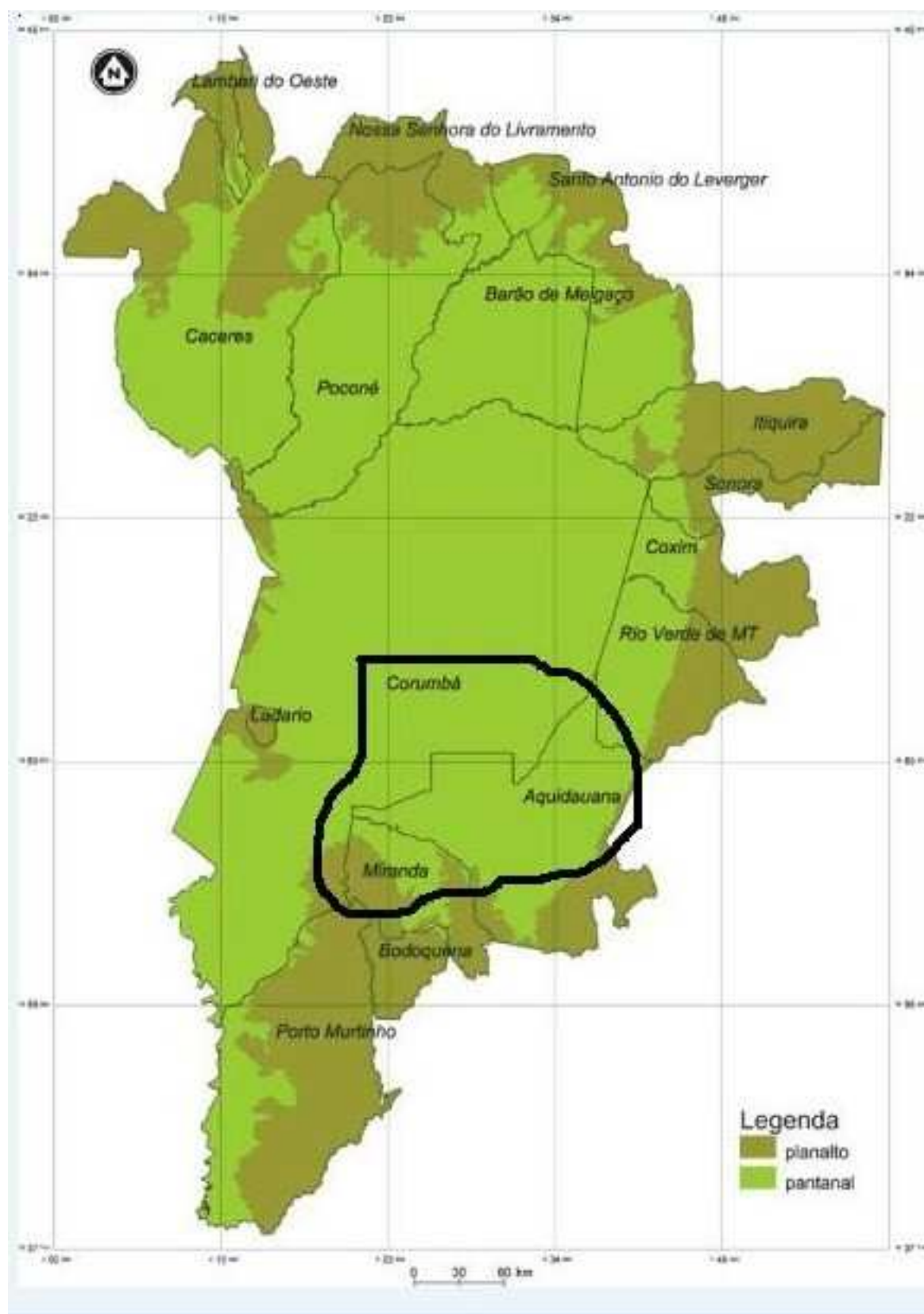
ISA- Instituto Socioambiental. <http://pib.socioambiental.org>, acessado em 25 de maio de 2010

NAVARRO, E. *Curso de tupi antigo*. <http://www.fflch.usp.br/dlcvtupi/index.html>, acessado em 24/05/2010

1. MAPA DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL



2. MAPA DAS REGIÕES PESQUISADAS



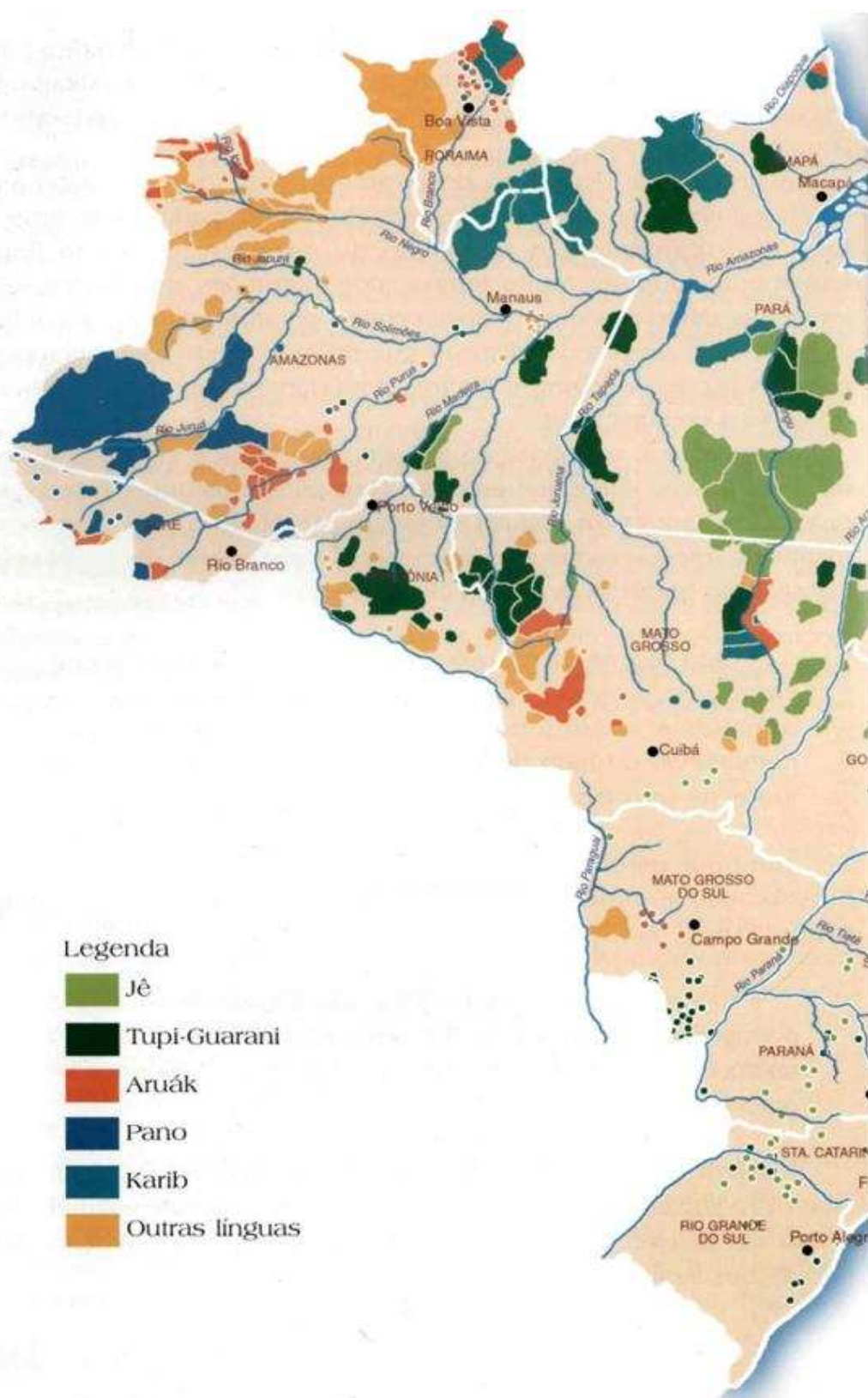
3. TERRAS INDÍGENAS NO BRASIL



Terras Indígenas no Brasil. Fonte: Instituto Socioambiental, 2009.
Image 4 of 16

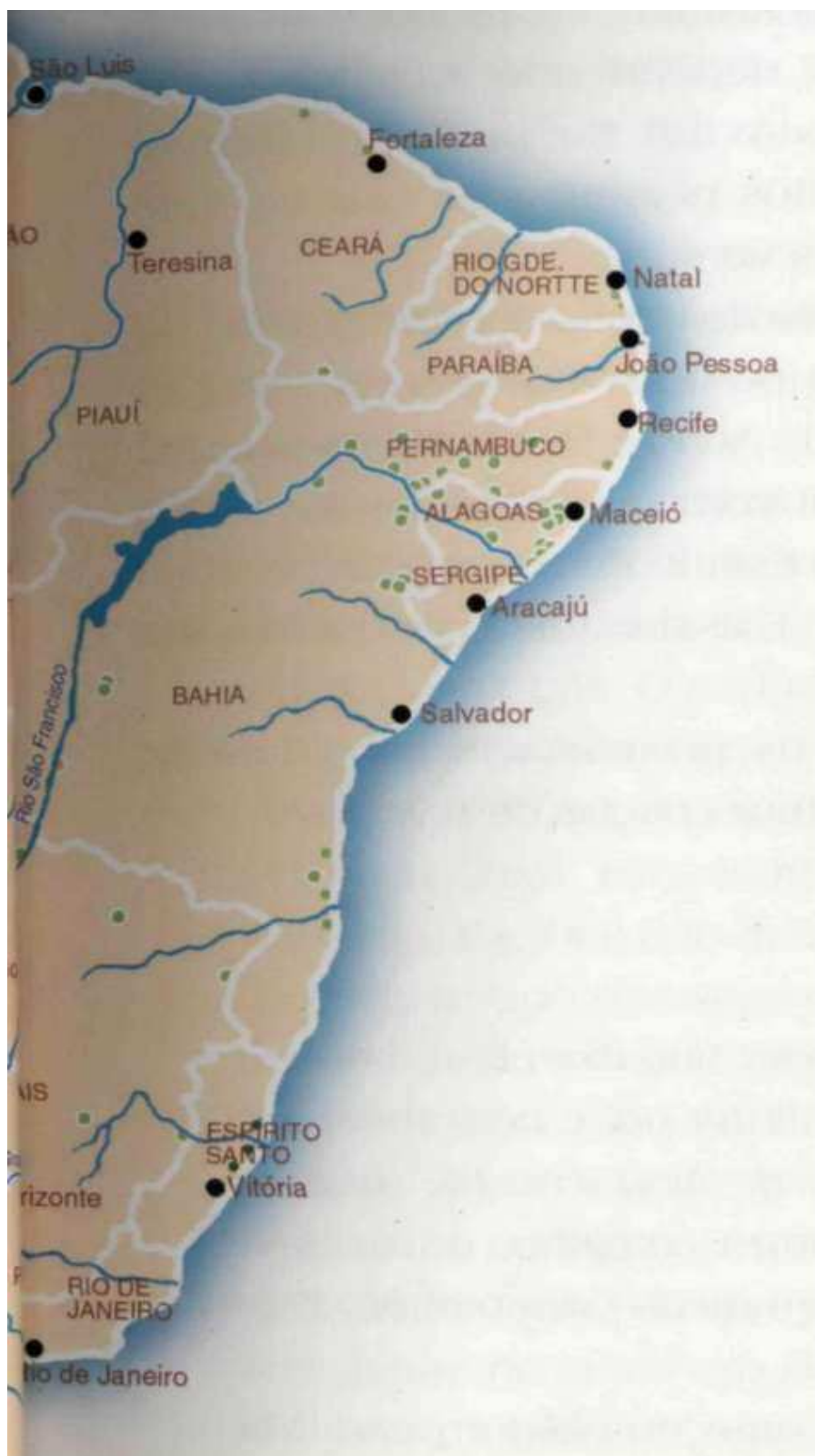
CLOSE X

4. POVOS INDÍGENAS NO BRASIL I



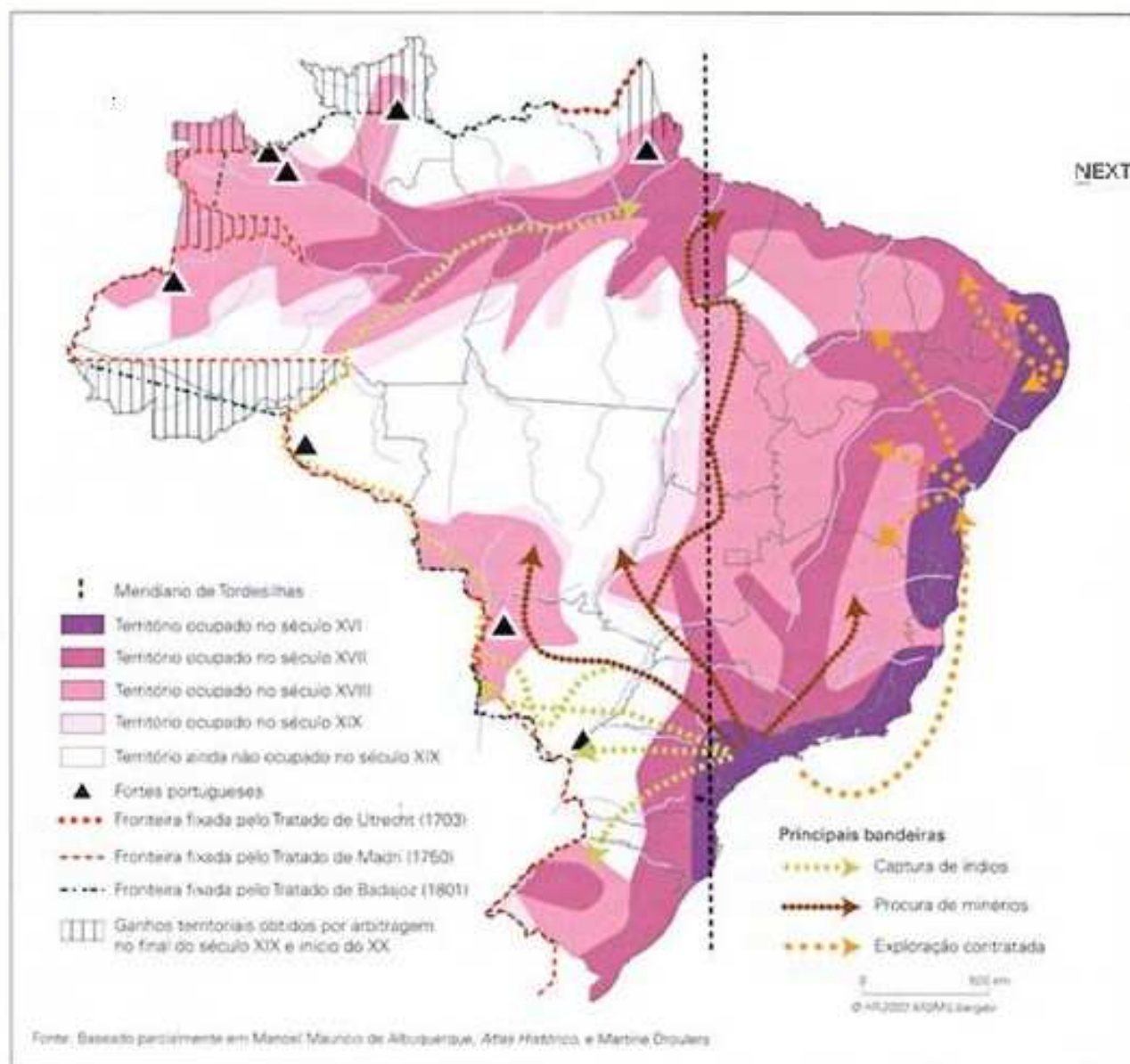
(BITTENCOURT E LADEIRA, 2000)

5. POVOS INDÍGENAS NO BRASIL II



(BITTENCOURT E LADEIRA, 2000)

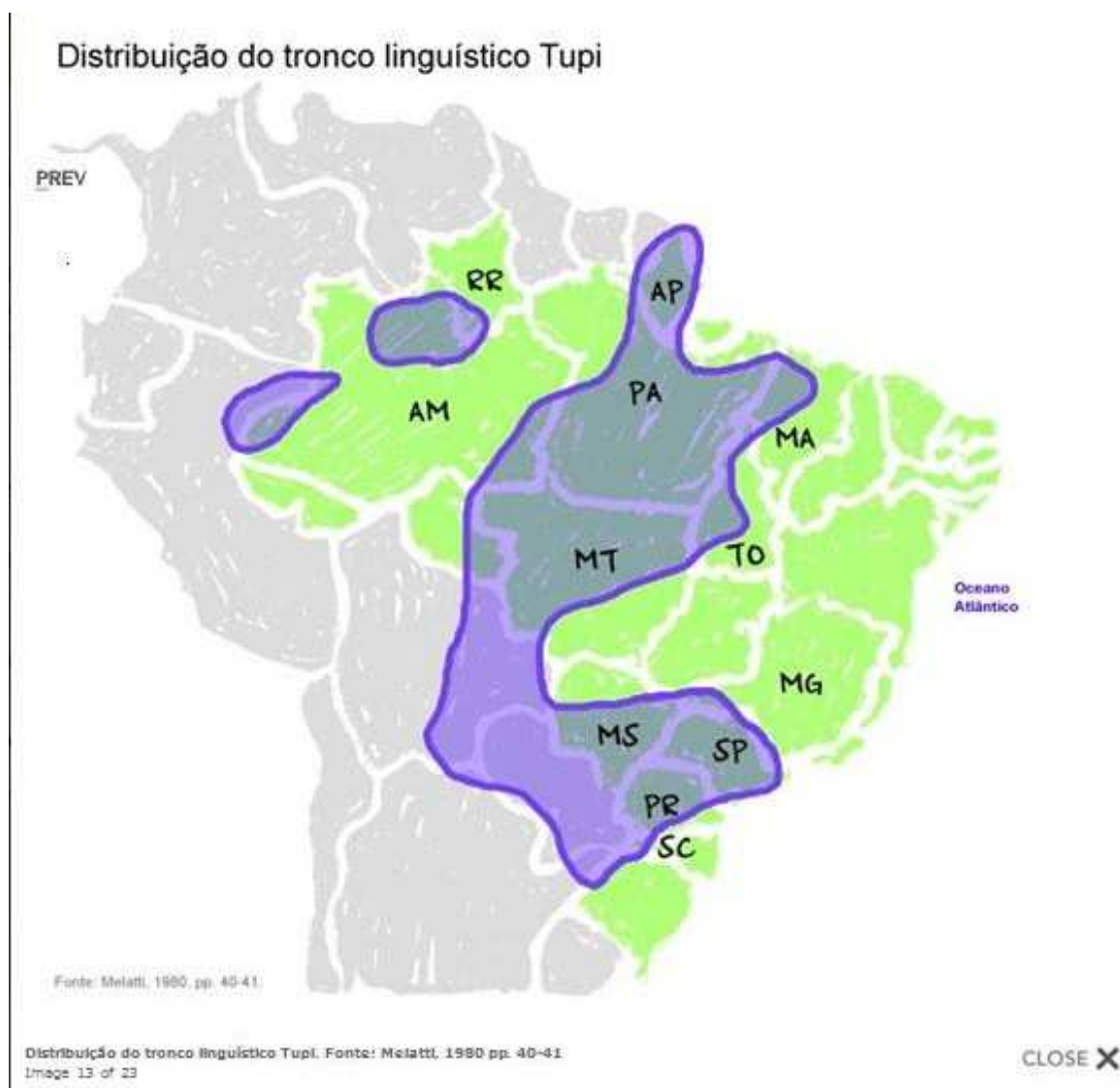
6. A OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO BRASILEIRO



A ocupação do território brasileiro. Fonte: Atlas do Brasil – disparidades e dinâmicas do território. Hervé Théry Neri e Aparecida de Mello. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

CLOSE X

8. DISTRIBUIÇÃO DO TRONCO LINGUÍSTICO TUPI



9. EXPANSÃO DOS GRUPOS TUPIS



10. A PRESENÇA GUARANI



11. LÍNGUAS INDÍGENAS FALADAS NO BRASIL



12. QUADRO GERAL COM AS LÍNGUAS INDÍGENAS DO BRASIL

TRONCO	FAMÍLIA	LÍNGUA	DIALETO	LOCAL
T U P I G U A R A N I	T U P I G U A R A N I	Akwáwa	<i>Asurini do Trocará (Akwáwa)</i>	Pará
			<i>Suruí do Tocantins (Mudjetire)</i>	Pará
			<i>Parakanã</i>	Pará
		Amanayé		Pará
		Anambé		Pará
		Apiaká		Mato Grosso
		Araweté		Pará
		Asurini do Xingu (Awaeté)		Pará
		Avá (Canoeiro)		Goiás/Tocantins
		Guajá		Maranhão
		Guarani	<i>Kaiowá</i>	Mato Grosso do Sul
			<i>Mbya (Mbuá, Mbia)</i>	RS/SC/PR/SP/RJ/ES
			<i>Nhandeva (Txiripá)</i>	RS/SC/PR/SP/RJ/ES
		Kamayurá		Mato Grosso
		Kayabi		Mato Grosso
		Kokáma		Amazonas
		Nheengatu (Língua Geral Amazônica)		Amazonas
		Omágua (Kambebe)		Amazonas
		Parintintin	<i>Diahói</i>	Amazonas
			<i>Júma</i>	Amazonas
			<i>Karipuna</i>	Rondônia
			<i>Parintintin (Kagwahiv)</i>	Amazonas
			<i>Tenharim</i>	Amazonas
		Tapirapé		Mato Grosso
		Tenetehara	<i>Guajajara</i>	Maranhão
			<i>Tembe</i>	Maranhão/Pará
		Uru-eu-wau-wau		Rondônia
		Urubu (Kaapor)		Maranhão
		Wajãpi		Amapá
		Xetá		Paraná
		Zo'é (Puturu)		Pará
	ARIKÉM	Karitiana		Rondônia

	JURUNA	Juruna		Mato Grosso
		Xipaya		Pará
	MONDÉ	Aruá		Rondônia
		Cinta-Larga		Rondônia
		Gavião (Ikārã, Digüt)		Rondônia
		Mondé (Sanamaikã, Salamãi)		Rondônia
		Suruí (Paiter)		Rondônia
		Zoró		Mato Grosso
		MUNDURUKU	Kuruaya	
	Munduruku		Pará/Amazonas	
	RAMRÁMA	Arara (Uruku, Karo)		Rondônia
		Itogapúk (Ntogapid)		Mato Grosso
	TUPARI	Makuráp		Rondônia
		Sakurabiat		Rondônia
		Tupari		Rondônia
		Wayoró (Ajuru)		Rondônia
		Aweti		Mato Grosso
		Puruborá		Rondônia
		Mawé (Sateré)		Amazonas/Pará
TRONCO	FAMÍLIA	LÍNGUA	DIALETO	LOCAL
MACRO	JÊ	Akwén	Xakriabá	Minas Gerais
			Xavante	Mato Grosso
			Xerente	Tocantins
		Apinajé		Tocantins
		Kaingang		RS/SC/PR/SP
		Kayapó	Gorotire	Pará
			Kararaô	Pará
			Kokraimôro	Pará
			Kubenkrangnoti	Pará
			Kubenkrankêgn	Pará
			Menkrangnoti	Pará
			Tapayúna (?)	Mato Grosso
			Txukahamãe (Mentuktire)	Mato Grosso
		Xikrin	Pará	
		Kren-akarôre		Pará
		Suyá		Mato Grosso

- J Ê		Timbira	<i>Canela Apâniekrá</i>	Maranhão
			<i>Canela Ramkokamekrá</i>	Maranhão
			<i>Gavião Parkatejê</i>	Pará
			<i>Gavião Pykobyê</i>	Maranhão
			<i>Krahô</i>	Tocantins
			<i>Kreyé (Krenjé)</i>	Maranhão/Pará
			<i>Krikati</i>	Maranhão
		Xokleng (Aweikoma)		Santa Catarina
	BORORO	Bororo		Mato Grosso
		Umutina		Mato Grosso
	BOTOCUDO	Krenak		Minas Gerais
	KARAJÁ	Javaé		Goiás/Tocantins/Pará
		Karajá		Goiás/Tocantins/Pará
		Xambioá		Goiás/Tocantins/Pará
	MAXAKALI	Maxakali		Minas Gerais
		Pataxó		Bahia/Minas Gerais
		Pataxó Hãhãhãe		Bahia
		Guató		Mato Grosso do Sul
		Ofayé		Mato Grosso do Sul
		Rikbaktsa		Mato Grosso
		Yatê		Pernambuco
TRONCO	FAMÍLIA	LÍNGUA	DIALETO	LOCAL
	K A R I B	Apalai		Pará
		Atroari		Amazonas/Roraima
		Arara do Pará		Pará
		Bakairi		Mato Grosso
		Galibi do Oiapoque		Amapá
		Hixkaryana		Pará/Amazonas
		Ingarikó		Roraima
		Kalapalo		Mato Grosso
		Kaxuyana		Pará
		Kuikuro		Mato Grosso
		Makuxi		Roraima
		Matipu		Mato Grosso
		Mayongong (Makiritare, Yekuana)		Roraima
		Nahukwá		Mato Grosso
		Taulipang		Roraima

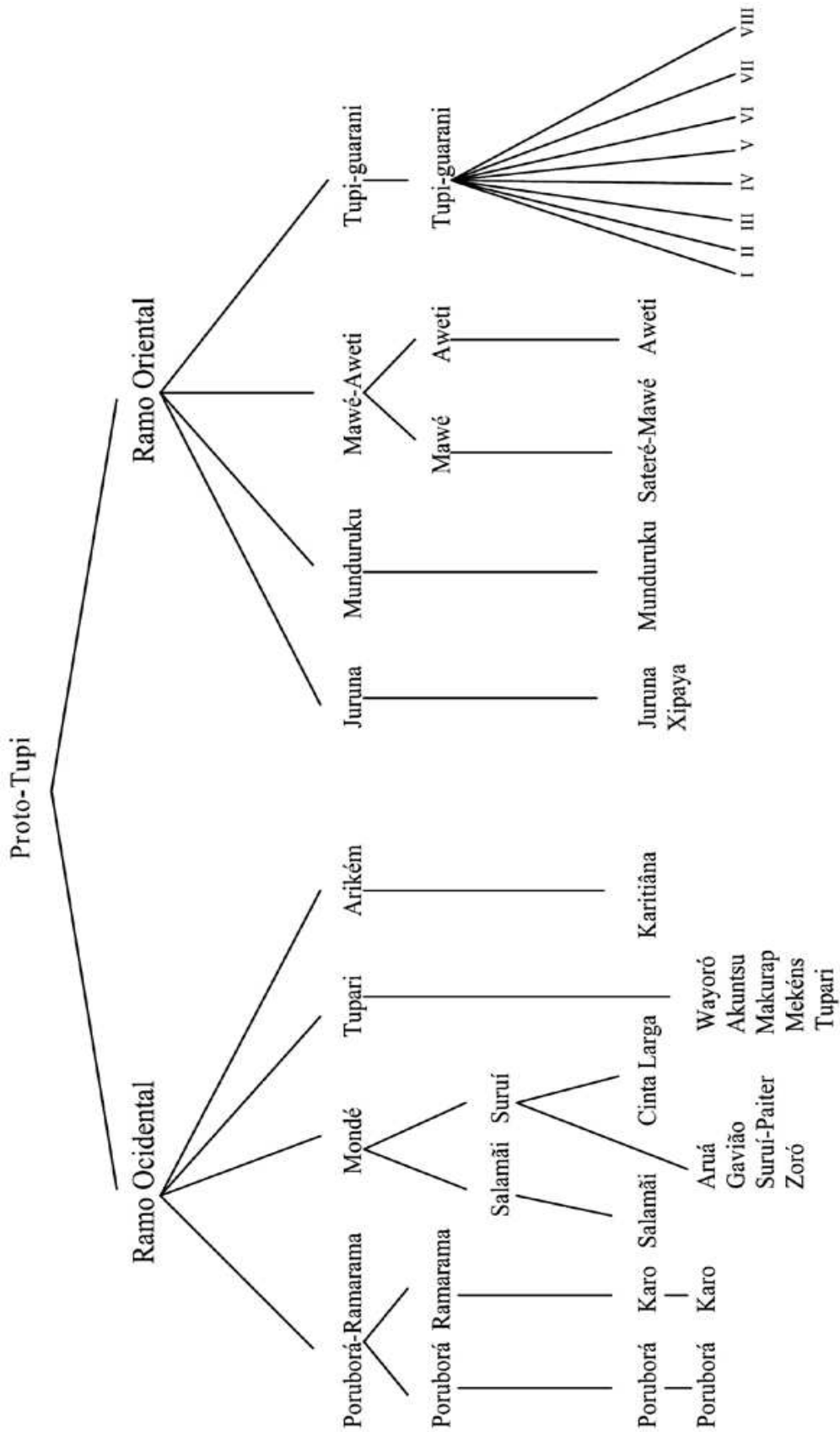
		Tiriyó	Pará
		Txikão (Ikpeng)	Mato Grosso
		Waimiri	Amazonas/Roraima
		Waiwai	Pará/AM/Roraima
		Warikyána	Pará
		Wayana	Pará
	A R U Á K	Apurinã	Amazonas/Acre
		Baniwa do Içana	Amazonas
		Baré	Amazonas
		Kâmpa	Acre
		Mandawáka	Amazonas
		Mehinaku	Mato Grosso
		Palikur	Amapá
		Paresi	Mato Grosso
		Piro	<i>Manitenéri</i> Acre
			<i>Maxinéri</i> Acre
		Salumã (Enawenê-Nawê)	Mato Grosso
		Tariana	<i>Yurupari-Tapuyá</i> Amazonas
		Terena	Mato Grosso do Sul
		Wapixana	Roraima
		Warakéna	Amazonas
		Waurá	Mato Grosso
		Yabaána	Amazonas
		Yawalapiti	Mato Grosso
	ARAWÁ	Banavá-Jafi	Amazonas
		Deni	Amazonas
		Jarawára	Amazonas
		Kanamanti	Amazonas
		Kulina	Acre/Amazonas
		Paumari	Amazonas
		Yamamadi	Amazonas
		Zuruahá	Amazonas
	KATUKINA	Kanamari	Amazonas
		Txunhuã-djapá	Amazonas
		Katukina do Biá/Jutaí	Amazonas
		Kawawixi (?)	Amazonas
	MÚRA	Mura	Amazonas
		Pirahã	Amazonas

	GUAIKURU		Kadiwéu	Mato Grosso do Sul
	PANO	Amawáka		Amazonas (?)
		Katukina do Acre		Acre
		Kaxarari		Rondônia
		Kaxinawá		Acre
		Korubo		Amazonas
		Marubo		Amazonas
		Matis		Amazonas
		Mayá		Amazonas
		Mayoruna		Amazonas
		Nukuini		Amazonas
		Poyanawá		Acre
		Yaminawá		Acre
		Yawanawá		Acre
		TXAPAKÚRA	Orowari	
	Torá		Amazonas	
	Urupá		Rondônia	
	Wari (Pakaanova)		Rondônia	
	NAMBIKWARA	Nambikwara do Norte	Tawandê	Mato Grosso/Rondônia
			Lakondê	Mato Grosso/Rondônia
			Latundê	Mato Grosso/Rondônia
			Mamaindê	Mato Grosso/Rondônia
			Nagarotú	Mato Grosso/Rondônia
		Nambikwara do Sul	Munduká	Mato Grosso
			Galera	Mato Grosso
			Kabixi	Mato Grosso
			Nambikwara do Campo	Mato Grosso
		Sabanê		Mato Grosso
	TUKANO	Arapaso		Amazonas
		Barasana		Amazonas
		Desana		Amazonas
		Juriti		Amazonas
		Karapanã		Amazonas

		Kubéwa	Amazonas
		Pirá-tapuya	Amazonas
		Suriana	Amazonas
		Tukano	Amazonas
		Tuyuka	Amazonas
		Wanana	Amazonas
		Yebá-masã (Makuna)	Amazonas
	YANOMAMI	Ninám	Roraima
		Sanumá	Roraima
		Yanomán	Roraima
		Yanomami	Amazonas/Roraima
	MAKÚ	Bará	Amazonas
		Guariba (Wariía-Tapuya)	Amazonas
		Húpda	Amazonas
		Kamã (Dow)	Amazonas
		Nadeb	Amazonas
		Yahúp	Amazonas
	LÍNGUAS ISOLADAS	Aikanã	Rondônia
		Arikapú	Rondônia
		Awaké	Roraima
		Irantxe	Mato Grosso
		Jabuti	Rondônia
		Kanoê	Rondônia
		Koiá	Rondônia
		Máku	Roraima
		Trumai	Mato Grosso
		Tikuna	Amazonas

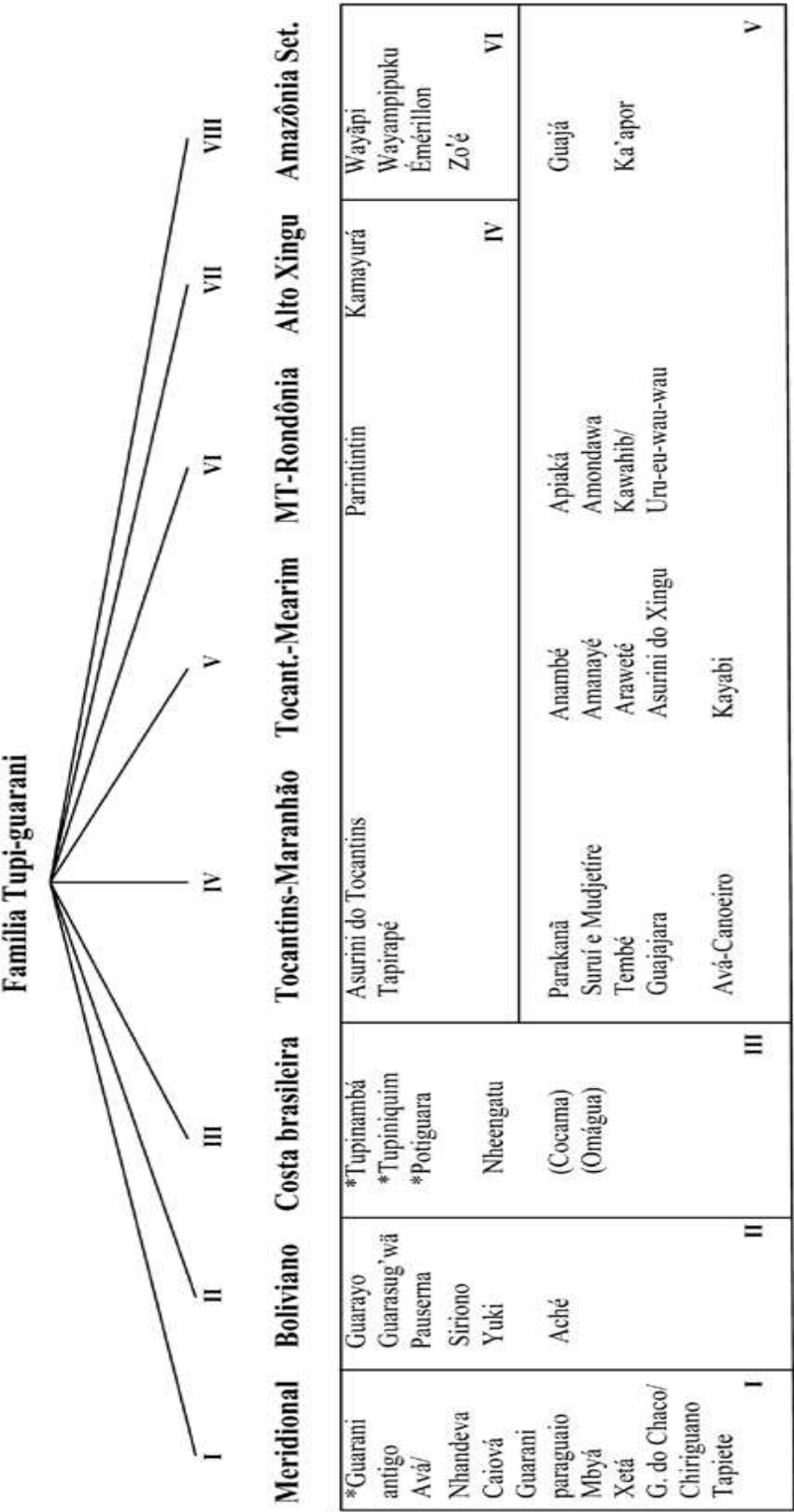
Fonte: <http://www.arara.fr/BBLANGUESINDIGENOUSS.html#LinguasIndigenas>

13. PROTOTUPI



Adaptação de C. Coelho Aragon (2008: 8) e Oliveira de Lima (2008: 2).

14. FAMÍLIA TUPI-GUARANI



As línguas agrupadas por baixo dos números I a VIII e das referências geográficas esquematizadas caracterizam-se por critérios da fonologia histórica específica de cada grupo e pelos critérios geográficos. Nos números I a III, estes critérios coincidem com comportamentos morfossintáticos comuns a cada grupo. As línguas agrupadas por baixo dos números IV a VIII superiores formam grupos tipológicos de traços morfossintáticos próprios (números IV a VI inferiores).

15. MAPAS DIGITAIS- MRU-: MUNICÍPIOS DE AQUIDAUANA, CORUMBÁ E MIRANDA

ÍNDICE REMISSIVO DOS TOPÔNIMOS

<i>Acaiá</i>	75
<i>Acurizal</i>	76
<i>Aguaçú</i>	76
<i>Aguassuzinho</i>	77
<i>Aguapé</i>	78
<i>Amambai</i>	79
<i>Angico</i>	80
<i>Angical</i>	81
<i>Anhuma</i>	81
<i>Aquidabã</i>	82
<i>Aquidauana</i>	83
<i>Araras</i>	84
<i>Ariranha</i>	85
<i>Aroeira</i>	86
<i>Babaçú</i>	86
<i>Bacuri</i>	87
<i>Baguaçuzinho</i>	88
<i>Baguani</i>	88
<i>Betione</i>	89
<i>Bocaiúva</i>	90
<i>Bacaiuval</i>	90
<i>Buriti</i>	91
<i>Buritizal</i>	92
<i>Buritizinho</i>	93
<i>Caboclo</i>	94
<i>Caeté</i>	95
<i>Cajuru</i>	96
<i>Cambará</i>	97
<i>Cambarazal</i>	98
<i>Cambarazinho</i>	98
<i>Cambuquira</i>	99

<i>Capivara</i>	99
<i>Capivari</i>	100
<i>Caracará</i>	101
<i>Caraguatá</i>	102
<i>Caraguazinho</i>	103
<i>Carajá</i>	103
<i>Carandá</i>	104
<i>Carandazal</i>	105
<i>Carandazinho</i>	106
<i>Caranday</i>	107
<i>Chapena</i>	108
<i>Chané</i>	108
<i>Cipó</i>	109
<i>Cipolândia</i>	110
<i>Congonha</i>	111
<i>Cumbaru</i>	112
<i>Curicaca</i>	113
<i>Guabiroba</i>	113
<i>Guanabara</i>	114
<i>Guanandi</i>	115
<i>Guanandizal</i>	116
<i>Guarani</i>	116
<i>Guirá</i>	117
<i>Iara</i>	118
<i>Iguaçu</i>	119
<i>Imbirussu</i>	120
<i>Indaiá</i>	120
<i>Indaial</i>	121
<i>Ingá</i>	121
<i>Ingazal</i>	122
<i>Itacatu</i>	123
<i>Jabuti</i>	123
<i>Jacaré</i>	124
<i>Jacu</i>	125

<i>Jacutinga</i>	126
<i>Jaguaretê</i>	127
<i>Jaguatinga</i>	128
<i>Jaraguá</i>	129
<i>Jatobá</i>	129
<i>Jenipapo</i>	130
<i>Jibóia</i>	131
<i>Lalima</i>	131
<i>Macaúba</i>	132
<i>Mangaba</i>	132
<i>Mangabal</i>	133
<i>Mangabinha</i>	134
<i>Nabileque</i>	135
<i>Naitaka</i>	135
<i>Naxedaxe</i>	136
<i>Nhumirim</i>	137
<i>Nhuvai</i>	137
<i>Nhuverá</i>	138
<i>Nioaque</i>	138
<i>Panamá</i>	139
<i>Paraguai</i>	140
<i>Piauí</i>	141
<i>Pindaíba</i>	142
<i>Pindaival</i>	143
<i>Pindaivão</i>	144
<i>Pindorama</i>	144
<i>Pirah</i>	145
<i>Piracicaba</i>	146
<i>Pirapó</i>	146
<i>Piraputanga</i>	147
<i>Piratininga</i>	147
<i>Pirizal</i>	148
<i>Pitangueira</i>	149
<i>Piúva</i>	150

<i>Piuval</i>	150
<i>Pombeiro</i>	151
<i>Sapé</i>	151
<i>Sapucaia</i>	152
<i>Seriema</i>	153
<i>Sucupira</i>	154
<i>Sucupiral</i>	155
<i>Sucuri</i>	155
<i>Sucurizinho</i>	156
<i>Tabatinga</i>	157
<i>Taboca</i>	158
<i>Tabocal</i>	159
<i>Taboquinha</i>	160
<i>Tangará</i>	160
<i>Tapera</i>	161
<i>Taquara</i>	162
<i>Taquaral</i>	163
<i>Taquaralzinho</i>	164
<i>Taquaretinha</i>	164
<i>Taquari</i>	165
<i>Taquarussu</i>	166
<i>Tarigara</i>	167
<i>Tarumã</i>	167
<i>Tarumãzinho</i>	168
<i>Tereré</i>	169
<i>Tucum</i>	170
<i>Tucumã</i>	171
<i>Tuiuiu</i>	172
<i>Tupaci</i>	173
<i>Urucum</i>	173
<i>Urumbeva</i>	174
<i>Xatelodo</i>	175